



ORGANIZADORAS

CLÉLIA BITTAR BUENO • MARIA MARCONDES LUIZ

UNIR PARA DIFUNDIR:

O impacto das federativas no crescimento do Espiritismo

Jeferson Betarello



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Jeferson Betarello

UNIR PARA DIFUNDIR
o impacto das federativas no crescimento do Espiritismo

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Jeferson Betarello

UNIR PARA DIFUNDIR
o impacto das federativas no crescimento do Espiritismo

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Doutor José J. Queiroz.

SÃO PAULO
2009

Banca Examinadora

Dedico aos meus pais, Lindalva e Oswaldo (*in memoriam*), aos meus avós e tios, que me criaram e educaram em ambiente pluralista, onde cada um tinha a sua expressão de religiosidade para sustentar a sua jornada, o que me permitiu olhar e aceitar as diferentes crenças e religiões, com respeito e interesse pela diversidade de interpretações. Pessoas simples, pouco letradas e vindas da roça para as fábricas. Pessoas sábias, que sustentaram a minha caminhada em direção aos horizontes que eles não puderam alcançar – a Academia.

Agradecimentos

À Débora, minha esposa, pelo apoio incondicional para a realização dos meus projetos.

Aos amigos e familiares, que me incentivaram e apoiaram. Em especial o amigo Cícero, que estimulou minha volta à academia e sempre apoiou meus projetos ousados, ficando sempre nos bastidores.

Aos professores do Programa de Ciências da Religião da PUC-SP, pelas jornadas intelectuais que muito contribuíram para esta pesquisa.

Aos professores J. J. Queiroz, Ênio Brito e professora Maria Angela Vilhena, que juntamente com a Andréia - secretária do programa – contribuíram decisivamente para a conclusão da minha jornada acadêmica no mestrado.

Aos amigos da PUC-SP, que participaram de longas discussões sobre o Espiritismo e outras religiões no Brasil. Creio que todos aprendemos a enxergar o fenômeno religioso com mais propriedade. Em especial Tati e Admilson, pelo companheirismo e pelas leituras e críticas ao meu texto.

À CAPES pela bolsa parcial, que possibilitou minha total dedicação ao mestrado.

Aos representantes da USE de Franca pelo apoio nas pesquisas de campo, em especial ao professor Adolfo de Mendonça Junior e aos Centros Espíritas que participaram da pesquisa.

Ao Milton Felipeli, importante personagem da história do Espiritismo paulista, pela sua valiosa contribuição para a finalização do Capítulo III.

A instituição se caracteriza pela duração, pela estabilidade e pela regra de jogo que ela estabelece entre os membros. Por causa destas características, a instituição corre o risco de perder o ritmo da história, de bastar-se a si mesma, de olvidar-se de sua funcionalidade, de gerar passividade, monotonia, mecanização e alienação.

(Leonardo Boff)

RESUMO

A presente pesquisa analisa o impacto no crescimento do contingente espírita formal, causado pelos posicionamentos institucionais de suas lideranças, concretizadas nos órgãos federativos espíritas – as federações espíritas. Identifica os elementos que contribuem para a crença, por parte das federativas e em especial da Federação Espírita Brasileira (FEB), de que o contingente espírita formal seja muito superior ao apontado pelo Censo IBGE/2000. Por meio de levantamentos históricos sobre a institucionalização do Espiritismo, aponta ambigüidades desde sua origem na França e outras que surgiram durante o processo de consolidação do Espiritismo como uma religião no Brasil. Para interpretar os impactos, tanto negativos quanto positivos, das federativas no crescimento do contingente, utilizamos o aparato teórico da Teoria da Escolha Racional, especialmente os conceitos que contribuem para analisar o sucesso de uma religião em termos de adesão formal. A partir da análise dos dados obtidos dos censos do IBGE, dos cadastros federativos e de uma pesquisa na cidade de Franca-SP, chegamos nas seguintes conclusões: as federativas espíritas impactaram positivamente o crescimento do contingente por atuarem para a consolidação do Espiritismo como uma importante religião no Brasil, adaptando-o ao contexto brasileiro sem deixar de fundamentá-lo nas obras de Kardec, diferenciando-o de outras religiões mediúnicas; as federativas espíritas impactam negativamente o crescimento do contingente espírita por enviarem mensagens ambíguas para o Movimento Espírita, principalmente aquelas relacionadas à dicotomia ciência-religião, tais mensagens afetam a ação dos centros espíritas, transformando-os em prestadores de serviços que estimulam a freqüência e não a adesão; por não reconhecerem os dados censitários oficiais e não produzirem dados sobre o seu contingente, as federativas não subsidiam o Movimento Espírita com informações estratégicas, que permitiriam uma maior presença e melhor distribuição geográfica dos centros espíritas em relação a outros grupos religiosos, em consequência disto, as federativas afetam negativamente o crescimento do contingente espírita formal. Entretanto, registramos uma exceção em Franca-SP, onde a federativa USE representa um modelo de impacto positivo no crescimento do contingente espírita formal.

Palavras-chave: Espiritismo, kardecismo, federativas espíritas, Movimento Espírita.

ABSTRACT

The present research analyzes the impact on the growth of the formal spiritist contingent, caused by the institutional positioning of its leaderships, which is concretized in the spiritist federative organisms – the spiritist federations. It identifies the elements that contribute to the belief, by the federative organisms, especially the Federação Espírita Brasileira (FEB), that the formal spiritist contingent be much superior to that pointed by the Census IBGE/2000. By means of historical surveys on the institutionalization of the Spiritism, it points out ambiguities ever since its origins in France as well as others that came out during the process of consolidation of the Spiritism as a religion in Brazil. In order to identify the impacts, both negative and positive, of the federative organisms on the contingent growth, the theoretical apparatus of the Rational Choice Theory was used, especially the concepts that contribute to the analysis of the success of a religion concerning formal adherence to it. From the analysis of the data obtained from the IBGE censuses, from federative records, and from a research done in the city of Franca-SP, the following conclusions are drawn: the spiritist federative organisms have positively impacted on the contingent growth for their performance in the consolidation of the Spiritism as an important religion in Brazil, by adapting it to the Brazilian context, without leaving the Kardec's fundamentals behind, thus differing it from other mediumnic religions; the spiritist federative organisms have negatively impacted on the contingent growth for sending ambiguous messages to the Spiritist Movement, particularly those related to the science and religion dichotomy, and that affect the actions of the spiritist centers, by transforming them into service renders that encourage attendance but not adherence; for not acknowledging official census data and for not producing data about the contingent, the federative organisms do not subsidize the Spiritist Movement with strategic information that would permit a major presence and a better geographic distribution of the spiritist centers in relation to other religious groups, therefore negatively impacting on the growth of the formal spiritist contingent. However, an exception was noted in Franca-SP, where the spiritist federative organism USE represent a model of positive impact in the growth of the formal spiritist contingent.

Key-words: Spiritism, Kardecism, spiritist federative organisms, Spiritist Movement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PARTE I - Da revelação à constituição: visão histórico-sociológica da origem e institucionalização do Espiritismo	25
Capítulo I - Espiritismo na França. Origem e institucionalização	26
1.1 - A proposta original francesa: a materialização textual da Doutrina Espírita	27
1.2 - A institucionalização do Espiritismo na França	30
1.3 - Definindo o Espiritismo e os adeptos	38
1.4 - O contingente espírita na época de Kardec	45
1.5 - O impacto da SPEE no crescimento do Espiritismo	46
Capítulo II - O Espiritismo no Brasil	52
2.1 - Origem: o contexto brasileiro no século XIX	52
2.2 - Adaptação: o processo dialético entre o Catolicismo e o Espiritismo	53
2.3 - Institucionalização. Outra religião no Brasil. Para coisas diferentes, nomes diferentes	55
2.4 - Adesão: discrepâncias na leitura dos números	57
2.4.1 - Os dados oficiais e sua recepção pelas lideranças espíritas	57
2.4.2 - O censo demográfico IBGE/2000 e o senso comum	59
2.4.3 - O primeiro fator de divergência entre o senso comum e os dados oficiais	60
2.4.4 - O segundo fator de divergência entre o senso comum e os dados oficiais	65
2.5 O censo demográfico IBGE/2000: uma leitura para além dos números	66
Capítulo III - A institucionalização do Espiritismo em São Paulo e seus impactos	74
3.1 - O Movimento Espírita paulista	74
3.2 - As entidades federativas do Movimento Espírita paulista	76
3.2.1 - USE: a federativa oficial em SP	77
3.2.2 - Federativas paralelas	81
3.3 - Impacto da institucionalização Paulista na adesão ao Espiritismo	82
PARTE II - Da simpatia ao engajamento: impacto das federativas no crescimento do contingente espírita Paulista.	100
Capítulo IV - A presença federativa e o seu impacto na adesão ao Espiritismo	101
4.1 - Análise da presença federativa no espaço geográfico	101
4.1.1 - O contingente espírita paulista	101
4.1.2 - Relação entre contingente e presença federativa	110
4.2 - Análise do impacto das Federativas	123
4.2.1 - A repercussão da fala e da ação federativa no centro espírita	128
4.2.2 - Tipificação do público espírita	129
4.2.3 - O que é um Centro Espírita e qual o seu papel	130
4.2.4 - Divulgação da Doutrina Espírita e conversão ao Espiritismo	131
4.2.5 - A relevância das federativas na adesão ao Espiritismo	132
4.2.6 - O que significa ser espírita e engajar-se no Espiritismo	133
4.2.7 - Centro Espírita: prestador de serviços ou grupo religioso?	134
4.2.8 - Alta frequência e baixa adesão	136
Capítulo V - O impacto federativo na cidade de Franca-SP: uma amostragem	146
5.1 - Franca: um caso à parte	146
5.1.1 O município - localização e características	146
5.1.2 Primeiras impressões	147
5.1.3 O Espiritismo em Franca	155
5.1.4 O impacto federativo em Franca	158
5.2 - Extrapolando os dados da amostra	170
Conclusão	173
Referências bibliográficas	180

Índice de tabelas

Tabela 1 - Percentual de espíritas na população brasileira desde 1950	19
Tabela 2 - Principais segmentos religiosos no Brasil.....	59
Tabela 3 - detalhamento dos contingentes religiosos.....	60
Tabela 4 - Espíritas, Igreja Católica Romana e Evangélicas.....	62
Tabela 5 - Evolução do contingente espírita no Brasil e em SP	68
Tabela 6 - Distribuição dos principais contingentes religiosos por renda.....	70
Tabela 7 - Anos de estudo - distribuição dos adeptos dentro dos principais contingentes religiosos	71
Tabela 8 - Crescimento dos contingentes selecionados, no Brasil, entre 1991 e 2000	92
Tabela 9 - Distribuição dos Municípios segundo faixa populacional	101
Tabela 10 - Municípios da faixa 5 em SP (ordenada por %espíritas - decrescente).....	103
Tabela 11 - Municípios da faixa 4 com percentual igual ou maior que o percentual geral de espíritas (2,1%) na população de SP (ordenada por %espíritas - decrescente).....	103
Tabela 12 - Municípios da faixa 3 com percentual igual ou maior que o percentual geral de espíritas (2,1%) na população de SP (ordenada por %espíritas - decrescente).....	104
Tabela 13 - Municípios da faixa 2 com percentual igual ou maior que o percentual geral de espíritas (2,1%) na população de SP (ordenada por %espíritas - decrescente).....	105
Tabela 14 - Municípios da faixa 1 com percentual igual ou acima do percentual de espíritas em SP (2,1%) (ordenada por %espíritas - decrescente).....	106
Tabela 15 - Municípios com percentual igual ou superior ao dobro do percentual de espíritas na população de SP (2,1%) (ordenada por habitantes - decrescente)	107
Tabela 16 - Faixa de anos de estudo com o maior percentual de espíritas, nos 23 Municípios selecionados (ordenada por Município).....	109
Tabela 17 - Faixa de renda em que ocorre o maior percentual de espíritas, nos 23 Municípios selecionados (ordenada por Município).....	110
Tabela 18 - Presença de instituições federadas e Igrejas Evangélicas nos 23 Municípios com maior percentual de espíritas (ordenada por Região Adm.-crescente e %espíritas - decrescente	111
Tabela 19 - Presença percentual de outros contingentes significativos nos 23 Municípios com maior percentual de espíritas (ordenada por Região - crescente e %espíritas - decrescente)	113
Tabela 20 – Quantidade de cidades com percentual maior ou igual ao dobro da média do respectivo contingente no estado de São Paulo (ordenada por região).....	114
Tabela 21 – % de contingentes x qtd. instituições – cidades entre 100.001 e 500.000 habitantes – ordenado por população crescente.....	116
Tabela 22 - % de espíritas nos Estados e no Brasil	121
Tabela 23 – Contingentes x presença física de Centros/Igrejas nas 9 maiores cidades do Paraná.....	122
Tabela 24 - Resumo das ambigüidades que impactam na adesão formal ao Espiritismo	142
Tabela 25 - Resumo dos impactos <u>positivos</u> para o contingente espírita formal	144
Tabela 26 - Resumo dos impactos <u>negativos</u> para o contingente espírita formal.....	145
Tabela 27 – Distribuição das Igrejas Evangélicas na cidade de Franca-SP.....	162
Tabela 28 – Distribuição das instituições espíritas na cidade de Franca-SP	163
Tabela 29 – Atividades nas instituições espíritas na cidade de Franca-SP	164

Tabela 30 – Principais contingentes religiosos da cidade de Franca	166
Tabela 31 – Principais contingentes e suas presenças físicas	166
Tabela 32 – Atividades, frequência e objetivos nos centros espíritas de Franca-SP	168

Índice de figuras

Figura 1 – Organograma da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo	79
Figura 2 – Estrutura da FEESP	80
Figura 3 – comparativo entre participação percentual por idade em segmentos religiosos.....	96
Figura 4 – Cartaz de campanha da USE-SP	98

Índice de mapas

Mapa 1 – Distribuição do contingente espírita nos Estados do Brasil.....	63
Mapa 2 – Distribuição do contingente espírita nas Micro-regiões do Brasil	64
Mapa 3 – Regiões com percentual de espíritas igual ou maior que o percentual geral de espíritas (2,1%) na população de SP	102
Mapa 4 - 23 Municípios com percentual de espíritas igual ou superior ao dobro do percentual de espíritas do Estado de SP	108

Lista de abreviaturas

ADE	Associação dos Divulgadores do Espiritismo
AEE	Aliança Espírita Evangélica
AME	Associação Médico-espírita
CEPA	Confederação Espírita Panamericana
CERJ	Conselho Espírita do Rio de Janeiro
CFN	Conselho Federativo Nacional
FEB	Federação Espírita Brasileira
FEESP	Federação Espírita do Estado de São Paulo
FEP	Federação Espírita do Paraná
IDEFran	Instituto de Divulgação Espírita de Franca
RCT	Rational Choice Theory
SPEE	Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas
TER	Teoria da Escolha Racional
UFEP	União Federativa Espírita Paulista
UMESP	União da Mocidade Espírita
UNIFran	Universidade de Franca
USE	União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

INTRODUÇÃO

Após a divulgação dos números do último censo do IBGE, realizado no final do século XX, a Federação Espírita Brasileira (FEB) declarou que a quantidade de adeptos é bem superior aos números apurados pelo IBGE, conforme entrevista dada à revista VEJA, edição 1659 de 26 de julho de 2000:

[...] De acordo com a Federação Espírita Brasileira, são **8 milhões de adeptos e 30 milhões de simpatizantes**. Pesquisas de opinião pública indicam um número menor: 3% da população, ou 4,8 milhões de pessoas. Mas essas são apenas as que se declaram espíritas ao pé da letra. Não estão incluídos aí todos os frequentadores de centros, muito menos o total de simpatizantes. (VEJA) (grifo nosso)

Este fato, isoladamente, parece não ter relevância pois indicaria simplesmente uma discrepância entre os números apurados pelo IBGE e a expectativa, em termos de contingente, da FEB, que verificamos ser a mesma das lideranças espíritas no Estado de São Paulo, em nossas atividades junto ao Movimento Espírita. Porém, em contato com as lideranças espíritas, pudemos perceber que, além do desconhecimento dos métodos utilizados pelo IBGE, evidenciado em declarações como: “o IBGE não separa Espiritismo, Umbanda e Candomblé”, o que paradoxalmente nos levaria a números menores¹; ocorria também uma fala que visava desqualificar os números como indicadores válidos para avaliar o sucesso ou não do Espiritismo em termos demográficos: “os números não querem dizer nada, o que importa é que a mentalidade espírita está presente em toda a sociedade”. Parece-nos que as lideranças espíritas, estabelecidas nos órgãos representativos do Movimento Espírita, rejeitam o tamanho de seu contingente apontado pelo IBGE/2000, seja questionando os métodos de levantamento ou minimizando a relevância do contingente numérico em comparação com o impacto na sociedade, o que caracteriza uma ambigüidade na fala institucional, que se mostra insatisfeita com a quantidade de adeptos ao mesmo tempo que afirma que este indicador não é importante.

Sendo espírita há quase 30 anos, tendo ocupado vários cargos administrativos tanto no centro espírita como na federativa paulista, sinto a necessidade de buscar, via Ciências

¹ Para detalhes sobre como o IBGE faz o levantamento da filiação religiosa ver o ANEXO IV, no qual incluímos as recomendações constantes no Manual do Recenseador, referentes a forma de registro da filiação religiosa.

da Religião, conhecimentos que permitam o entendimento dos aspectos sociais e históricos inerentes à ação institucional espírita. Preocupa-me buscar subsídios para a atuação das entidades federativas do Espiritismo, especificamente no tocante a expansão do Espiritismo.

No âmbito acadêmico, o primeiro grande esforço par se entender o Espiritismo de vertente Kardecista foi o clássico *Kardecismo e Umbanda* (CAMARGO, 1961), que aborda o Kardecismo em termos de sua função social. Poucos trabalhos tocam em elementos relevantes dos aspectos institucionais do “Kardecismo”, ou seja, aqueles que contribuem para o entendimento da organização dos grupos, em termos de representatividade, de suas inter-relações e suas relações com o público e com a sociedade. Tendência que parece estar se revertendo, como demonstram os recentes trabalhos dos pesquisadores: Sylvia F. Damazio (1994), Ubiratan Machado (1997), Emerson Giumbelli (1997), Sandra Jacqueline Stoll (2003) e Bernardo Lewgoy (2004). Todos porém apenas tangenciando os aspectos institucionais.

Camargo (1961) contribui para o entendimento das funções sociais do que denominou Religiões Mediúnicas, em um contexto de urbanização do nosso país, onde o Kardecismo e a Umbanda atenderiam demandas de uma população que migrara para os grande centros urbanos como São Paulo, o que explicaria o significativo crescimento de seus contingentes na década de 1950. Também trata da relação entre Kardecismo e Umbanda, situando-as no que denominou *continuum mediúnico*, que seria uma simbiose doutrinária e ritualística abarcando desde o Kardecismo ortodoxo até a Umbanda em sua forma mais africanista. (Cf. CAMARGO, 1961, XII)

Damazio (1994) pesquisou o desenvolvimento do Espiritismo no Rio de Janeiro, tendo como título principal: *Da Elite ao Povo*, estabelece a trajetória do Espiritismo chegando ao Brasil por meio da elite intelectual e política, estabelecendo-se como uma alternativa religiosa e finalmente chegando ao povo, muito menos pela entendimento da proposta doutrinária do que pela cura espiritual. Ao longo de suas análises aparece o surgimento da Federação Espírita Brasileira, que foi permeado pela fragmentação dos primeiros grupos espíritas do Rio de Janeiro, que se dividiram em *místicos* e *científicos*, por terem diferentes posicionamentos em relação ao status de religião atribuído ao Espiritismo por alguns grupos de espíritas, pela Igreja Católica e pela população.

Machado (1997) trata da entrada do Espiritismo por via da elite intelectual. Seu trabalho realça a importância do Catolicismo como um modo de ser socialmente e politicamente correto, a importância da República como uma fresta para a entrada de novas crenças, oficialmente, no Brasil, e narra o processo de conversão ao Espiritismo de expoentes da elite nacional. Indiretamente aborda o aspecto institucional ao revelar as cisões que ocorreram, no Movimento Espírita nascente, entre cientificistas e místicos, e os impactos que isto acarretou para a Federação Espírita Brasileira (FEB), tanto financeiramente quanto politicamente. Ao longo do texto de Machado podemos captar a adaptação do Espiritismo a um contexto social tipicamente católico e paralelamente confundindo-se com as outras expressões religiosas de cunho mediúnico.

Giumbelli (1997) critica a abordagem de outros pesquisadores, que sempre analisam o Espiritismo a partir de elementos externos, e portanto suas conclusões sempre dão a impressão de que o Espiritismo se constituiu sociologicamente para atender a demandas sociais e culturalmente para atender o modo de ser da religiosidade brasileira. Partindo dos conflitos oriundos das práticas de cura espiritual com relação ao código penal de 1890, que tratava da proibição das práticas curandeirísticas, buscou lançar um novo olhar sobre a constituição do Espiritismo no Brasil. Parece-nos que foi o pesquisador que tratou de forma mais direta o processo de institucionalização do Espiritismo no Brasil, focando a Federação Espírita Brasileira (FEB) e sua atuação para configurar o Espiritismo como uma religião, estimulada pelos conflitos entre os espíritas e a sociedade, especificamente com o aparato policial e jurídico em questões de saúde pública, entre 1890 e 1950. A pesquisa de Giumbelli permite ver a ação da FEB no sentido de proteger o Movimento Espírita, ao mesmo tempo que se legitima como representante do Movimento Espírita nacional, ao definir o status do Espiritismo (kardecista) como religião e explicitando a sua diferenciação em relação às outras práticas tidas como Espiritismo (Umbanda e culto-afros).

Stoll (2003) abordou, em sua tese de doutorado, o que denominou *Espiritismo a brasileira*, que gerou um livro com o mesmo título, onde aborda a evolução do Espiritismo no Brasil enfatizando o papel do médium mineiro Francisco Cândido Xavier, como criador de um modo de ser espírita, baseado no modelo católico de santidade, defendendo que o Espiritismo no Brasil não é uma distorção da tradição francesa e sim uma adaptação ao modo de ser do brasileiro, intimamente ligado à sua principal religião (Católica). Com foco

em Chico Xavier, fazendo um contraponto com Gasparetto, Stoll aborda aspectos importantes para as instituições espíritas: a atribuição do status de religião ao Espiritismo e os desafios que a Nova Era trouxeram para o modelo comportamental instaurado por Chico Xavier e adotado pelos grupos espíritas. Contrariando a tese de Damazio - para quem foi Kardec que transformou as teses espíritas contidas em *O Livro dos Espíritos* transformando-o em religião, Stoll afirma que Kardec privilegiou o aspecto científico e que o aspecto religioso ganhou força ao se adaptar ao modo de ser do brasileiro.

Lewgoy (2004) apontou, em seu trabalho - *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*, o papel deste que foi o maior representante do Espiritismo no Brasil, na consolidação do Espiritismo, porém enfatizando a sua atuação, juntamente com a Federação Espírita Brasileira (FEB), na consolidação do Espiritismo como religião, construindo uma imagem do Espiritismo como religião cristã e evangélica, enfatizando que seus seguidores são cidadãos que respeitam as leis e portanto não criam problemas para o Estado. Com foco em Chico Xavier, fazendo um paralelo com os momentos históricos vividos pelo país, o autor estabelece relações de causa e efeito entre eventos específicos da história do Brasil e a edição das obras de Chico Xavier pela FEB. Trazendo dados sobre a consolidação do Espiritismo no Brasil e da FEB como representante do Espiritismo em nível nacional, por meio da obra e ação de Chico Xavier, Lewgoy fornece aspectos importantes para a análise das instituições espíritas, pois estas se constituem baseadas em um modelo de ser espírita construído com base nas narrativas contidas na extensa bibliografia de Chico Xavier.

O Espiritismo, conforme apontam as obras acima citadas, chegou no Brasil via intelectuais, encontrou respaldo em representantes da elite nacional, que tinham uma mentalidade positivista e que buscavam a instauração da República, beneficiou-se da separação entre o Estado e a Igreja Católica, foi alavancado pela aproximação com a mentalidade católica proporcionada pela conduta e obra do famoso médium Chico Xavier, o que se deu paralelamente ao fenômeno de urbanização do país.

Conforme alguns destes autores apontam explicitamente em seus textos, o Espiritismo é muito pouco estudado². Essas obras compõem quase que a totalidade daquilo que foi editado, oriundo de pesquisas acadêmicas, com ênfase no Espiritismo de formulação Kardecista. Enfatizam, institucionalmente a FEB, o Rio de Janeiro e Chico

² Na biblioteca da PUC - Nadir G. Kfoury, em Junho/2008, o termo ESPIRITISMO listava apenas 13 teses / dissertações, produzidas em 30 anos. Destas, apenas 3 são catalogadas com a chave Kardecismo.

Xavier, por focarem principalmente o período de consolidação do Espiritismo no Brasil, que vai de sua chegada em meados do século XIX até meados do século XX, quando a FEB e Chico Xavier são legitimados como representantes do Movimento Espírita brasileiro, aquela como modelo institucional e este como modelo de conduta.

Curiosamente, é na década de 1940 que o Movimento Espírita em São Paulo está no auge das lutas para unificar os espíritas paulistas. E começa uma importante fase do Movimento Espírita Brasileiro, onde São Paulo passaria a ser um importante colaborador para a consolidação do Espiritismo nos moldes Kardecistas, vindo a se tornar o Estado com maior contingente espírita e com grande influência na configuração do Espiritismo nacional por constituir-se de várias entidades com força representativa dos segmentos espíritas, e, portanto, demandando grande energia política por parte da FEB para se legitimar enquanto representante do Movimento Espírita Nacional.

O Brasil é considerado a maior nação espírita do mundo. O Movimento Espírita Paulista, além de abrigar cerca de um terço de todo o contingente brasileiro, tem uma ação institucional que tem impacto em nível nacional. O Espiritismo, em sua expressão Kardecista, é, proporcionalmente, pouco estudado academicamente, merecendo que trabalhos de pesquisa sejam realizados para entendermos este fenômeno de grande impacto social no Brasil, com destaque mundial, conforme informa Giumbelli:

[...] o que se escreveu sobre o Espiritismo até agora não apresenta nem a densidade da literatura que versa sobre o que se convencionou chamar de 'religiões afro-brasileiras', nem a abundância que a preocupação com grupos pentecostais tem gerado, nem a continuidade das abordagens sobre a história e a atualidade das instituições católicas. (GIUMBELLI, 1997, p. 16)

E como confirma Lewgoy – “a despeito das contribuições substanciais que vêm sendo feitas, o espiritismo é um mundo ainda a ser desbravado, pleno de dúvidas, silêncios e questões de pesquisa” (LEWGOY, 2004, p. 19).

Acreditamos ser urgente lançar academicamente um novo olhar, do ponto de vista das ciências da religião, sobre o “Kardecismo”, buscando identificar a sua atual situação no campo religioso brasileiro, onde as atenções estão quase totalmente voltadas para a questão do crescimento das Igrejas Pentecostais, dando ênfase nas instituições que o representam e não nos fenômenos mediúnicos.

A relevância de nossa pesquisa, em âmbito acadêmico, reside no fato de que pretendemos analisar o impacto das instituições federativas do Movimento Espírita Paulista no crescimento do Espiritismo. Em nosso entendimento isso ainda não foi feito por outros pesquisadores.

Nosso foco principal serão as lideranças espíritas, concretizadas nas suas instituições federativas, ou seja, nos fóruns que reúnem os líderes espíritas para representar oficialmente os espíritas, onde formulam-se diretrizes e posicionamentos no sentido de difundir o Espiritismo. Em especial nos interessam os elementos que impactam no crescimento do contingente espírita formal captado pelos censos demográficos.

Elegemos o Estado de São Paulo, pela sua relevância em termos de contingente espírita e por abrigar mais de uma instituição com objetivos federativos. Escolhemos a União das Sociedades Espíritas (USE) como referência, por ser oficialmente reconhecida como a federativa³ paulista perante o Conselho Federativo Nacional (CFN) da Federação Espírita Brasileira (FEB). A USE será comparada com a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) e com a Aliança Espírita Evangélica (AEE), por atuarem como instituições federativas no Movimento Espírita Paulista.

Os períodos de nossa pesquisa estão espalhados ao longo do século XX e o início do século XXI, em momentos específicos:

- a. a década de 1940, onde deu-se a unificação do Movimento Espírita;
- b. a década de 1950, por caracterizar um momento de grande crescimento das chamadas religiões mediúnicas;
- c. a década de 1970 onde se consolidou o modelo de centro espírita vigente;
- d. a década de 1990, onde se produziu o último censo demográfico – IBGE/2000;
- e. chegando ao ano de 2009, fase final de nossas observações de campo e análises.

A adesão à proposta doutrinária espírita é passível de dupla interpretação. Do lado da demanda, temos o indivíduo que busca uma religião, livre para desejar, buscar e escolher uma ou mais opções do mercado religioso. De outro lado, temos as ofertas do mercado religioso, dentre elas o Espiritismo de vertente Kardecista. Não temos a pretensão de dar conta da complexidade inerente à demanda, nosso objetivo é abordar o Kardecismo,

³ Optamos pelo termo federativa em lugar do termo federação, pois, o termo federativa se refere às instituições com propósitos federativos, ou seja, de representar outras instituições com objetivos comuns, por outro lado, o termo federação remete ao nome adotado pela maioria das instituições federativas e passou a confundir a sociedade que entende que só por ter no nome este termo subentende-se que se trata de uma federativa. O que ocorre no Estado de São Paulo, nosso recorte espacial da pesquisa, onde a federativa não tem em seu nome o termo Federação usa o termo União.

enquanto oferta religiosa, em seus aspectos institucionais federativos e no que impactam o crescimento do contingente espírita formal.

Nosso objetivo é verificar o impacto das federativas espíritas no crescimento do contingente espírita, por meio de seus posicionamentos que se refletem na operacionalização dos Centros Espíritas⁴, ponto de encontro entre a instituição e o público freqüentador. Para tanto usaremos os dados do Censo IBGE/2000 contrapondo-os com a visão que as federativas têm do seu contingente, buscando identificar os elementos que contribuem para que as instituições espíritas acreditem que seu contingente seja muito superior ao apontado pelo IBGE.

Evolução do contingente espírita, desde 1950, conforme dados obtidos dos censos demográficos do IBGE:

Tabela 1 - Percentual de espíritas na população brasileira desde 1950

Ano	1950	1960	1970	1980	1991	2000
%	1,59	1,39	1,27	0,72⁵	1,12	1,33

(fonte:- IBGE)

Tendo em vista que ocorrem uma grande freqüência nos centros espíritas, uma grande quantidade de títulos espíritas nas livrarias, a presença constante de elementos espíritas em filmes, novelas e, de modo geral, na mentalidade dos brasileiros, juntamente com uma forte presença espírita em ações assistenciais; por que estes fatos não se refletem na quantidade de adeptos no contingente Espírita, apontado pelo IBGE ao longo das últimas décadas?

Será que a grande freqüência, sem uma proporcional adesão, pode ser considerada um indicador de que o Espiritismo esteja crescendo em nossa sociedade?

As federativas consideram que as pessoas que freqüentam os centros espíritas podem ser qualificadas como espíritas?

⁴ Para o contexto de nossa pesquisa consideraremos Centro Espírita apenas os grupos formalmente constituídos, ou seja, pessoas jurídicas com registro no CNPJ, ou pelo menos cadastrados nas federações espíritas locais.

⁵ Ocorreu a separação do contingente Espírita em Kardecista e religiões Afro-brasileiras

Se o Espiritismo tem um grande impacto na mentalidade da população, com base nos conceitos de *senso comum* (BERGER & LUCKMANN, 2004), de *religiosidade mínima brasileira* (DROOGERS, 1987), de *matriz religiosa brasileira* (BITTENCOURT, 2003), por que o Espiritismo não cresce em termos percentuais gerais, como mostra a Tabela 1 acima?

Sendo o Espiritismo considerado, conforme os conceitos explicitados na Teoria da Escolha Racional (STARK & BAINBRIDGE, 1996), uma boa opção no mercado religioso brasileiro, por ter qualidades que o tornam atrativo em uma sociedade secularizada, por privilegiar a autonomia do indivíduo, por atender bem às demandas em um contexto urbano, pela sua proximidade com as outras propostas cristãs, então, por que o percentual de espíritas no Brasil, conforme mostram os censos do IBGE, não supera a marca de 1,59% da população brasileira?

Dada a ambigüidade, já descrita, na recepção dos números do IBGE, será que as federativas desejam que o seu contingente cresça? E que impacto produzem no que tange ao seu crescimento em termos de adesão formal?

Como se denota nas falas das federativas e do senso comum, há uma discrepância entre os números apontados pelo censo demográfico do IBGE/2000 e a percepção das instituições espíritas quanto ao seu contingente, causada tanto pela falta de levantamentos censitários dentro do Movimento Espírita quanto pela pressuposição de que a grande quantidade de freqüentadores e a presença de temas tidos como espíritas na grande mídia se reflete automaticamente em uma grande quantidade de adeptos.

É fato já constatado que a ação institucional espírita permite que as pessoas vejam as instituições espíritas como provedoras de serviços e/ou uma segunda opção religiosa, complementando aquilo que o Estado ou a sua religião principal deixam de suprir; o que se reflete no alto número de freqüentadores verificado pelos centros espíritas, e no desproporcional número de adeptos apontado pelo IBGE/2000. Partindo desta constatação parece possível demonstrar a hipótese de que as ações das federativas causam impacto negativo no que tange a adesão formal ao Espiritismo, isto é não contribuem para uma adesão formal ao Espiritismo pelos freqüentadores dos centros espíritas.

É fato constatado que há ambigüidades⁶ na fala institucional dos espíritas – fala-se que não há proselitismo ou intenção de converter as pessoas porém relutam em aceitar os dados do IBGE quanto ao seu contingente. Fala-se que o Espiritismo é ciência e religião, enquanto isto há divergência entre os espíritas quanto ao *status* do Espiritismo, alguns o crêem uma ciência e outros uma religião. Estas ambigüidades teriam, em nossa hipótese, impacto negativo no crescimento do contingente Espírita Kardecista.

Apesar das ambigüidades, consoante à nossa hipótese, parece possível demonstrar que o Espiritismo, contrariando o senso comum e a expectativa das federativas, tendo como base a análise do Censo IBGE/2000 e na interpretação teórica, quando comparado a outros segmentos religiosos importantes no Brasil, ocupa uma posição significativa no que tange o contingente de adeptos. Por isso, será averiguada a hipótese de que algumas ações e posições das federativas teriam obtido impacto positivo no crescimento do contingente espírita.

Dada a já conhecida concentração do contingente espírita na região Sudeste, em especial no Estado de São Paulo, acreditamos ser possível demonstrar a hipótese de que isto se deve a maior presença física de instituições espíritas neste espaço geográfico, o que tornaria melhor tanto a relação habitantes x centros espíritas, quanto a relação igrejas x centros espíritas, melhorando o desempenho espírita na captação de público, possibilitando um maior percentual de adeptos.

Nosso referencial teórico terá como base principal as definições e proposições formuladas pela Teoria da Escolha Racional. Em especial os conceitos que nos permitirão analisar as posições formuladas ou adotadas, historicamente, na institucionalização do Espiritismo - na França e no Brasil - e nos posicionamentos e ações das federativas no Brasil. Para tanto elegemos os seguintes conceitos, que serão explicitados ao longo dos capítulos: *continuidade cultural, tensão, free rider, secularização e religião*.

Usamos o conceito de *senso comum* para nos referirmos ao tipo de juízo formulado com base no consenso geral, captado por impressões e não por análises detalhadas ou comparativas para questionar o que foi explicitado. Não questionamos o valor do *senso comum*, que é um conhecimento que “constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir” (BERGER & LUCKMANN, 2004, p. 30), porém,

⁶ Usamos o termo ambigüidade não no sentido moral mas no sentido de entendimento, que permite múltiplas interpretações e, portanto, dificulta ou inibe uma ação ou causa uma ação contrária ao desejado.

aqui, buscamos sinalizar as situações onde o *sensu comum* causou distorção ou erro nas interpretações de fatos ou dados, justamente pela forma pela qual se produz o conhecimento obtido via *sensu comum*.

Os conceitos de *instituição e institucionalização*, aqui empregados, foram explicitados por Berger e Luckmann nos seguintes termos “A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores” (BERGER & LUCKMANN, 2004, p. 79), conseqüentemente *instituição* é o conjunto de tipos de ações e atores e suas relações. Como exemplos de tipos diferentes de instituição, temos as Leis ou a Igreja Católica, que se enquadram no conceito de instituição. O processo de formatar uma instituição é o que denomina-se *institucionalização*. Para a nossa pesquisa, especificamente as federativas e os centros espíritas são instituições; e o processo de constituição destas instituições é o que chamamos de institucionalização.

Conceituamos *adepto* como as pessoas que formalmente se declaram pertencentes a um determinado contingente religioso, como sua única ou principal religião.

Federativas são as instituições espíritas que unificam os centros espíritas. Também conhecidas como federações.

Centros Espíritas, para nossa pesquisa, consideramos apenas as associações espíritas formalmente constituídas estatutariamente como pessoas jurídicas do tipo religioso e sem fins lucrativos.

Em termos de fontes e procedimentos, esta pesquisa, será em grande parte documental, privilegiando os dados dos Censos Demográficos do IBGE e as fontes documentais editadas pelas federativas, tais como: estatutos, cadastros de centros unidos, livros, revistas, jornais e *sites* institucionais na *internet*. Além destas fontes usaremos a literatura acadêmica produzida sobre o Espiritismo de vertente Kardecista. Para verificar o impacto institucional em termos regionais faremos uma pesquisa de campo, para obter dados em observações no órgão federativo local da cidade de Franca-SP, onde o Espiritismo tem grande sucesso em termos de contingente, e em centros espíritas nela instalados, para contrapor os dados obtidos aos dados do IBGE sobre outras cidades e subsidiar as análises com base nos conceitos teóricos formulados pela Teoria da Escolha Racional.

Organizamos a pesquisa em duas partes, a primeira *Da revelação à constituição: visão histórico-sociológica da origem e institucionalização do Espiritismo*; a segunda parte *Da simpatia ao engajamento: impacto das federativas no crescimento do contingente espírita Paulista*.

A primeira parte contém três capítulos.

No primeiro capítulo, *Espiritismo na França: origem e institucionalização*, resgataremos, nas obras publicadas por Kardec, aspectos fundamentais e relevantes da concepção e institucionalização do Espiritismo na França, como preâmbulo para entender a institucionalização do Espiritismo no Brasil.

No segundo capítulo, *O Espiritismo no Brasil*, resgataremos aspectos fundamentais e relevantes da origem e institucionalização do Espiritismo no Brasil, obtendo elementos para compreender as diferenças, em relação ao modelo francês, que foram se consolidando na institucionalização do Espiritismo no Brasil. Trataremos da discrepância, em relação ao contingente espírita, entre a expectativa das federativas e os dados do IBGE/2000.

No terceiro capítulo, *A institucionalização do Espiritismo em São Paulo e seus impactos*, abordaremos o caso específico do Movimento Espírita paulista. O rápido crescimento que se deu na instalação do Espiritismo em São Paulo provocou uma disputa pela legitimação do órgão federativo, resultando em um acordo que congregou as entidades existentes em um órgão federativo: atualmente denominado União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE). Nossas pesquisas iniciais mostram que, mesmo após 60 anos de fundação da USE, ainda há uma disputa velada entre os grupos representativos do Movimento Espírita paulista, fato que pode ser constatado em obras de pesquisadores que citam a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) como o órgão representativo do Espiritismo em São Paulo, e pelos organogramas das instituições analisadas - USE, FEESP e AEE. O entendimento desta problemática é fundamental para entendermos o impacto das federativas no comportamento dos Centros Espíritas, que se baseiam em diretrizes e posicionamentos fornecidos pelos órgãos aos quais estão unidos (filiados), o que se reflete na evolução do contingente espírita.

Na segunda parte abordaremos o tema em dois capítulos.

No quarto capítulo, *A presença federativa e o seu impacto na adesão ao Espiritismo*, analisaremos detalhadamente os dados do Censo IBGE/2000 relativos ao Estado de São Paulo, para determinar a relação entre presença institucional - verificável na existência de Centros Espíritas federados e órgãos federativos nas localidades – e proporção do contingente espírita, visando analisar o impacto das federativas no crescimento do Espiritismo.

No quinto capítulo, *O impacto federativo na cidade de Franca-SP: uma amostragem*, trata da pesquisa de campo em Franca que foi a cidade apontada, pelas pesquisas iniciais, como um exemplo significativo em termos de sucesso no que se refere ao seu contingente espírita (7% da população). Franca também possui a maior quantidade, excetuando-se a Capital, de centros espíritas federados pela USE (56 centros)⁷. Com os dados obtidos em observações e levantamentos que realizaremos, utilizando os elementos destacados nos capítulos anteriores⁸, analisaremos o impacto das federativas no crescimento do contingente espírita de Franca fazendo contraponto com o contexto Paulista.

⁷ Que é a federativa oficial, a qual privilegiamos em nossa pesquisa como parâmetro para proceder as análises comparativas. Outras cidades possuem mais centros porém não há hegemonia da USE.

⁸ As ambigüidades e definições que surgiram ao longo do processo de institucionalização do Espiritismo, bem como os eventos significativos que impactaram a configuração do Espiritismo.

**PARTE I - Da revelação à constituição: visão histórico-sociológica
da origem e institucionalização do Espiritismo**

Capítulo I - Espiritismo na França. Origem e institucionalização

Neste capítulo, buscaremos identificar elementos de interesse para a nossa pesquisa, explicitados por Allan Kardec, autor dos livros recebidos no meio espírita como *obras básicas* ou *codificação* e, portanto, conhecido como o codificador da doutrina que foi revelada pelos espíritos superiores, por via mediúnica, em meados do século XIX.

As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida. (BERGER, 2003, p. 79-80)

Toda religião, quando levada a novos ambientes sócio-culturais, sofre releituras, e, para se manter viva, deve participar de diálogos que possibilitem acompanhar a dinâmica do tempo e do espaço. Por isso, cremos relevante iniciarmos nossa pesquisa buscando os elementos fundamentais do Espiritismo, em sua versão inicial – francesa. Interessam-nos as categorias que possam ser usadas para explicar o desenvolvimento do Espiritismo no Brasil, o que irá se refletir no espaço limite de nossa pesquisa, onde iremos analisar o comportamento das lideranças espíritas na condução das federativas⁹ e o impacto destas no crescimento do Espiritismo, em termos de quantidade de adeptos. Neste sentido, em princípio, queremos verificar em sua origem: o que é Espiritismo, sua missão e seus objetivos; o que é ser espírita; se, quando e como ocorreu a institucionalização do Espiritismo.

Como nossas hipóteses estão baseadas em ambigüidades na fala institucional espírita, buscaremos a ocorrência de possíveis ambigüidades na fala de Kardec, que estejam presentes na configuração atual do Espiritismo no espaço de nossa pesquisa – o Estado de São Paulo.

⁹ Federativas são associações que visam unir e representar centros espíritas, representando-as em nível nacional, como no caso da Federação Espírita Brasileira (FEB), ou estadual, como no caso da Federação Espírita do Paraná (FEP) que representa os espíritas no Estado do Paraná.

1.1 - A proposta original francesa: a materialização textual da Doutrina Espírita

O Espiritismo surge na França, em meados do século XIX, formalmente em 1857, quando da publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*¹⁰. Ele contém os fundamentos do Espiritismo, além da primeira citação do neologismo *Espiritismo* e sua justificativa. A doutrina espírita é uma revelação que partiu do plano espiritual e foi compilada por Allan Kardec, pseudônimo do educador francês Léon-Hippolyte Denizard Rivail, por meio de comunicações mediúnicas. Além deste, há outros quatro livros que a detalham: *O Livro dos Médiuns* (1861) - contendo a parte experimental do Espiritismo, tratando da teoria e meios de comunicação com o mundo espiritual, e o desenvolvimento e controle da mediunidade; *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864) - que contém a parte moral, baseando-se em extratos dos Evangelhos canônicos; *O Céu e o Inferno* (1865) - que trata das diferenças entre as concepções católica e espírita com referência ao destino da alma após a morte e as penas futuras; e *A Gênese* (1868) - que trata da origem do universo. Organizados por Allan Kardec, em seu conjunto, essas obras são conhecidas como a *Codificação Espírita*, justificando a referência a Kardec, no meio Espírita, como o *codificador* do Espiritismo. Também são chamados de *obras básicas*, significando que nelas residem as bases doutrinárias e que outras obras devem complementar os seus conteúdos.

Para melhor entendermos essas afirmações, vejamos a folha de rosto de *O Livro dos Espíritos*, primeira e principal¹¹ obra da codificação espírita, com a seguinte apresentação que consta em todas as edições:

¹⁰ *O Livro dos Espíritos* foi revisto e reeditado em 1860, versão que é utilizada até hoje.

¹¹ As outras obras da codificação são consideradas desdobramentos detalhados de todo o conteúdo de *O Livro dos Espíritos*, que, portanto, é a obra fundamental do Espiritismo.

O Livro dos Espíritos
PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade - segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns - recebidos e coordenados

P O R
ALLAN KARDEC

(folha de rosto de *O Livro dos Espíritos*)

Já na apresentação de *O Livro dos Espíritos*, podemos constatar que:

- a. o livro contém os princípios da Doutrina Espírita;
- b. é uma doutrina revelada pelos espíritos, pela via mediúnica, ou seja, por intermédio de pessoas que servem de instrumento para que os espíritos se comuniquem;
- c. Kardec não é o autor, mas sim o receptor da revelação e coordenador do conteúdo recebido;
- d. trata de aspectos inerentes à religião - alma, espírito e vida futura, embora seja pertinente ressaltar que Kardec, ao longo das obras por ele publicadas sobre o Espiritismo, enfatizou que não se tratava de fundar uma religião, mas antes uma ciência e uma filosofia com conseqüências morais.

Quanto ao termo *espiritismo*, trata-se de um neologismo cunhado por Kardec para diferenciar a doutrina revelada, diferenciando-a do *espiritualismo* que seria simplesmente a crença em algo além da matéria, portanto sendo antônimo de *materialismo*. Espiritismo é um tipo de espiritualismo por pregar a crença em algo além da matéria. Assim, todo aquele que se diz espírita, ou seja, um adepto do Espiritismo, também é um espiritualista, porém o inverso não se aplica. Espiritismo compreende basicamente, a crença na existência de Espíritos que são seres humanos desencarnados, ou seja, que já morreram, a crença nas relações com eles por meio da mediunidade, na evolução por meio da reencarnação e o combate ao egoísmo pela prática da caridade (Cf. KARDEC, 1987-b, p. 23-27). Desta forma, Kardec explicita, logo no início, um importante elemento institucional, a diferenciação entre a proposta doutrinária espírita, que seria o Espiritismo, e outras formas de crença.

Além das obras básicas, Kardec publicou outros textos para auxiliar o entendimento e a divulgação do Espiritismo. A *Revista Espírita* (1858-1869), dirigida, escrita e editada por Kardec, ao longo de doze anos (de janeiro de 1858 até a sua morte em março de 1869), tornou-se instrumento muito importante para a difusão das idéias espíritas, e muito contribuiu para a produção das obras posteriores a *O Livro dos Espíritos*. Atualmente a *Revista Espírita* consta de doze volumes, editados pela Federação Espírita Brasileira (FEB), com pouco mais de 500 páginas cada - contendo o desenvolvimento das idéias espíritas, a evolução da aceitação do Espiritismo, as controvérsias e obstáculos à sua propagação, e outros elementos históricos e doutrinários. O livro *O que é o Espiritismo* (1859) é um resumo dos fundamentos doutrinários - contendo respostas para algumas objeções ao Espiritismo (Cf. KARDEC, 2005-b [1859], p. 294-295). Outra produção que merece destaque é *O Espiritismo em sua mais simples expressão* (1862) - brochura destinada a popularizar o Espiritismo, contendo um resumo da doutrina acessível a todas as inteligências (Cf. KARDEC, 2006-b [1862], p. 51).

Dado o contexto histórico, no momento do surgimento do Espiritismo na França, onde o materialismo e as idéias positivistas tinham grande apelo e geravam amplo repúdio à religião institucionalizada, Kardec repetidamente negou que o Espiritismo fosse uma religião, propondo inclusive que qualquer pessoa, de qualquer religião, poderia ser um espírita:

Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma *ciência* e não o de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus aderentes, homens de todas as crenças [...] É verdade, que tem conseqüências morais, como todas as ciências filosóficas [...] O Espiritismo não é, pois, uma religião. Se o fosse teria seu culto, seus templos, seus ministros.
(KARDEC, 2005-b [1859], p. 205-206)

Essa ambigüidade, ou seja, a rejeição de Kardec do Espiritismo como religião - a despeito dos elementos presentes ao longo das obras da codificação que contrariam tal afirmação, ecoa até hoje na fala dos espíritas no Brasil e também aparece nas diferentes avaliações dos autores que pesquisam o tema¹². Tal ambigüidade permitiu o surgimento de grupos que enfatizavam o aspecto filosófico e científico da doutrina, relegando ao segundo plano o aspecto religioso, ou até mesmo rejeitando-o. O que ainda ocorre, como podemos

¹² Damazio entende que Kardec ao dar continuidade ao desenvolvimento da doutrina espírita introduziu uma interpretação fundamentada nos Evangelhos, criando o Espiritismo Cristão (Cf. DAMAZIO, 1994, p. 150); para Stoll, a doutrina espírita já teria sido revelada como uma religião pelos espíritos e Kardec teria introduzido o estatuto de ciência pela sua interpretação pessoal (Cf. STOLL, 2003, p. 48)

verificar na visão da Confederação Espírita Panamericana (CEPA)¹³. A institucionalização do Espiritismo no Brasil sofreu e ainda sofre com essa ambigüidade, pois, no contexto brasileiro, o Espiritismo recebeu uma grande ênfase no aspecto religioso. Aqui é corrente a fala de que o Espiritismo é cristão e evangélico, o que se traduz em uma ação social com ênfase na assistência social. Acreditamos que essa ambigüidade tem impacto na adesão das pessoas ao contingente espírita - aquelas que se declaram espíritas ao censo do IBGE - conforme análises que procederemos em capítulo específico¹⁴.

1.2 - A institucionalização do Espiritismo na França

Idealmente, o Espiritismo é uma doutrina que pode ser conhecida, assumida e praticada em concordância e através dos livros publicados por Kardec. Assim, como a proposta protestante coloca em primeiro lugar a Bíblia e a relação direta entre o crente e Deus, a proposta espírita coloca em primeiro lugar a busca crítica do crente, que após ler e aceitar os fundamentos contidos em *O Livro dos Espíritos*, pode continuar estudando os outros livros da codificação espírita, podendo, ou não, entrar em contato com os espíritos, mas, principalmente, praticando a caridade e norteando sua vida com base nos conceitos e conseqüências dos princípios doutrinários. Resumidamente: o progresso por meio da reencarnação, a continuidade da vida espiritual, as penas e recompensas futuras, as leis de causa e efeito.

Mesmo na França, já em Abril de 1858, fundava-se a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), instituição destinada a suprir as demandas inerentes ao estudo e prática do Espiritismo.

A extensão por assim dizer universal que a cada dia tomam as crenças espíritas fazia vivamente desejar-se a criação de um centro regular de observações; essa lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade [...] composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenção e animadas do sincero desejo de serem esclarecidas, contou, desde o início, entre seus associados, com homens eminentes por seu saber e posição social. [...] Seu regulamento orgânico lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não há vitalidade possível; baseia-se na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estrangeiros que se interessarem pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, um centro ao qual poderão dirigir-se para obter informações, e onde poderão também comunicar suas próprias observações. (KARDEC, 2005-a [1858], p. 233-234).

¹³ Para detalhes sobre a CEPA, ver o site: www.cepanet.org.

¹⁴ ver capítulo IV.

Kardec presidiu a SPEE desde a sua fundação até a sua morte. A SPEE e a *Revista Espírita* foram intimamente ligadas, pois ambas nasceram para o desenvolvimento e difusão do Espiritismo a partir dos fundamentos contidos em *O Livro dos Espíritos* que antecedeu a ambas. A *Revista Espírita* contém detalhes sobre a fundação e funcionamento da SPEE, suas contribuições e relações com outras sociedades, relatos sobre pesquisas dentro e fora da SPEE, fundação de grupos espíritas, conflitos com a Igreja Católica. Através dessas produções podemos perceber as posições de Kardec, em nome e à frente da SPEE e da *Revista Espírita*, respondendo aos opositores e aos simpatizantes e adeptos do Espiritismo.

Os adeptos mais fervorosos da Doutrina, cujo número aumenta diariamente, desejam organizar uma Sociedade, que dependeria da de Paris, para o controle dos trabalhos. Redigimos um documento, calcado no modelo da Sociedade Parisiense e o submetemos à vossa apreciação. [...] Bordeaux deve ter uma sociedade de estudos, pois a cidade será o centro da propagação do Espiritismo em todo o Sul. [...] Estamos prontos a submeter-nos aos sábios conselhos de vossa experiência. Vinde, pois, ver-nos à obra: pela obra se conhece o obreiro. (KARDEC, 2006-a [1861], p. 407-408)

Caracteriza-se, portanto, ao longo dos eventos referentes à SPEE registrados na *Revista Espírita*, a constituição de um modelo institucional a ser seguido, seja na forma de se constituir legalmente, ou na forma de conduzir os trabalhos.

Naturalmente, senhores, cabe aqui uma observação muito importante sobre a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as reuniões ou sociedades fundadas sob os seus auspícios, e que seria erro considerar como sucursais. **A Sociedade de Paris não tem, sobre aquelas, outra autoridade senão a da experiência;** mas, como já disse em outra ocasião, não se imiscui em seus negócios; **seu papel limita-se a conselhos oficiais, quando solicitados.** O laço que as une é, pois, puramente moral, fundamentado na simpatia e na similitude das idéias; entre elas não há *nenhuma filiação, nenhuma solidariedade material*; a única palavra de ordem é a que deve unir todos os homens: *caridade e amor ao próximo*, palavra de ordem pacífica e que não deixa margem a dúvidas. (KARDEC, 2006-b [1862], p. 231-232) (grifo nosso)

Kardec, portanto, coloca a SPEE como uma sociedade correspondente e não gestora, colocando-a como interlocutora, servindo de modelo e proferindo pareceres quando solicitados. Forma idêntica a adotada, no Brasil, pelos espíritas quando se unificaram em torno de federativas, que, a exemplo da SPEE não interferem na gestão dos Centros Espíritas, mas promovem a união destes em torno delas, pelos objetivos comuns de difusão do Espiritismo.

Utilizamos ao longo de nosso trabalho a referência *Movimento Espírita* que designa o conjunto dos espíritas participantes das instituições representativas do Espiritismo – centros espíritas, federativas e outros órgãos afins. Esta referência foi usada pela primeira vez na Revista Espírita, em Abril de 1862, em um discurso de Kardec comemorando o quinto aniversário da SPEE. Nas obras básicas, a única citação ocorre no *Evangelho Segundo o Espiritismo* de 1864. A SPEE, como observamos na citação anterior, integra-se a outras instituições, participando do Movimento Espírita e rejeitando a centralização do poder, modelo que mais tarde foi adotado na unificação do Espiritismo brasileiro.

Se tivéssemos que eleger uma data e um evento para registrar a consolidação da SPEE como um órgão representativo do Movimento Espírita francês, seria o ano de 1862, quando da viagem¹⁵ que Kardec empreendeu por vinte cidades, participando de mais de 50 reuniões. Nestas ocasiões, pôde constatar a evolução do crescimento do Espiritismo na França e pode dirimir as dúvidas sobre a doutrina espírita e aspectos de sua evolução. (Cf. KARDEC, 1990, p. 18 ss.)

Não obstante a relutância de Kardec em aceitar que a SPEE fosse um órgão regulador do Movimento Espírita nascente, a SPEE passou a representar o Espiritismo, senão de direito, então de fato, dado seu pioneirismo. Além disso, havia também a questão do carisma de Kardec, sempre muito metucioso e mantendo uma postura sóbria, sem, no entanto, deixar de ser firme ao responder aos detratores do Espiritismo, conforme observamos nas leituras dos artigos na Revista Espírita.

A SPEE, além de uma sociedade voltada para o estudo, prática e complementação do Espiritismo, servia como um modelo a ser seguido por outras sociedades espíritas que tinham os mesmos objetivos. Os resultados obtidos em seus trabalhos foram compilados nas obras posteriores a *O Livro dos Espíritos*, sendo em parte registrados na *Revista Espírita* que também servia como meio de propaganda para as obras que iam sendo lançadas. De interesse especial para nossa pesquisa, a partir da *Revista Espírita* (RE), destacamos os seguintes elementos referentes à forma de ser e de agir do espírita da época de Kardec:

¹⁵ O impacto e interesse foram tamanhos que Kardec publicou um livro para tratar especificamente desta viagem, sob o título de *Viagem Espírita em 1862*.

- a. divulgação da doutrina por meio da imprensa – a própria RE é o exemplo máximo;
- b. reconhecimento da autoridade de Kardec como o compilador da doutrina espírita;
- c. adesão ao Espiritismo por meio do estudo de *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*;
- d. prática doutrinária baseada nas *obras básicas*.

Esses elementos serão importantes para avaliar a atuação institucional que se configurou no Brasil.

A princípio isolados, os adeptos hoje se surpreendem com o seu número; e como a similitude das idéias inspira o desejo de aproximação, procuram reunir-se e fundar sociedades. Assim de todas as partes nos pedem instruções a respeito, manifestando o **desejo de se unirem à Sociedade central de Paris. É, pois, chegado o momento de nos ocuparmos do que se pode chamar a organização do Espiritismo. O Livro dos Médiuns (2ª edição) contém, observações importantes sobre a formação das Sociedades espíritas[...]** (KARDEC, 2006-a [1861], p. 528-529) (grifo nosso)

A doutrina espírita - basicamente toda contida em *O Livro dos Espíritos* e complementada pelas outras obras da codificação espírita, podendo ser conhecida, estudada e praticada por meio do acesso a estas obras - não ficou isenta do processo de institucionalização, que é inerente à toda atividade em grupo, desde que essa atividade demande uma organização que permita a expansão no âmbito da sociedade. Nesse sentido, podemos verificar o percurso da institucionalização do Espiritismo na França, que em termos de carisma se baseia no entorno da figura de Kardec, e transparece no conteúdo e seqüência da sua obra, nas reportagens da *Revista Espírita* e nas atividades da SPEE.

Em termos de conteúdo e seqüência da obra de Kardec verificamos que o primeiro livro - *O Livro dos Espíritos* – contém a parte revelada da doutrina, e Kardec, já nesta obra tem um papel importante, pois foi ele quem formulou as questões e elegeu as respostas obtidas que seriam publicadas, aspecto que já foi apontado por Stoll: “a participação de Allan Kardec na constituição da doutrina é muito mais extensa do que ele próprio sugere” (STOLL, 2003, p. 48). O segundo livro da codificação espírita, publicado após quatro anos, *O Livro dos Médiuns* (1861), tendo como subtítulo “Espiritismo experimental”, já introduz no *corpus* doutrinário das obras básicas, a institucionalização, como comprovam os capítulos XXIX - *Das reuniões e das sociedades espíritas* e XXX - *Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. Fornece, portanto, a SPEE como um modelo

institucional para a organização dos grupos espíritas (Cf. KARDEC, 1993, p. 421 ss.). Três anos depois veio *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), no qual introduziu formalmente na doutrina o aspecto religioso de formulação cristã, delineando um jeito de ser espírita, ou seja, segundo a ética cristã e a prática da caridade, sob a ótica da doutrina revelada, que seria uma renascença do Cristianismo primitivo – sem dogmas, rituais e hierarquia eclesial:

[O Espiritismo] Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra. (KARDEC, 1988, p. 59-60).

Um ano depois surgiu *O Céu e o Inferno* (1865), que possibilitou a Kardec a inclusão, nas obras básicas, de uma análise das diferenças entre o Espiritismo e o Catolicismo em especial quanto às conseqüências da crença na reencarnação e suas implicações quanto ao destino após a morte, portanto, dando mais ênfase na configuração da doutrina de uma nova religião. Três anos depois, publicou *A Gênese*, novamente explicitando as diferentes leituras entre Espiritismo e Catolicismo, desta vez focando os milagres e demonstrando que eles não existem, pois contrariam as leis imutáveis do Criador, uma fala mais próxima da ciência laica.

Podemos perceber, até mesmo na própria seqüência dos livros, além do conteúdo, a ambigüidade ciência-religião, que subsiste na atualidade: fala-se que Espiritismo é uma ciência, como na época de Kardec, e que também é religião. Na verdade, embora não haja consenso dentro do Movimento Espírita, o que se vivencia é religião.

[...] Embora o próprio Kardec tenha deixado bem claro que a ciência espírita não era uma ciência como as outras, muitos dos seus seguidores ignoraram esta cautela e batalharam por um estatuto de paridade. Essa batalha, porém, foi perdida, e o Espiritismo ora ficou numa espécie de limbo entre a religião e a ciência, ora acabou por ser socialmente definido como uma religião. (VASCONCELOS, 2003, p.119)

Atualmente quando se fala em ciência no meio espírita, não é no sentido que Kardec atribuía ao termo. Para ele, o Espiritismo era uma nova ciência diferente das existentes na sua época. Foi necessário abrir espaço na sociedade para a penetração do

Espiritismo apresentando-o como uma ciência, capaz de produzir conhecimento sobre uma dimensão que estava fora do escopo das ciências existentes – a dimensão espiritual.

Entendemos, pela constante negação da qualidade de religião, que na época de Kardec não era interessante assumir que o Espiritismo fosse uma nova religião, pois isto teria criado várias dificuldades logo de início naquele contexto – resultante do iluminismo e simpatizante das idéias do positivismo. Detectamos na obra de Kardec os motivos pelos quais ele rejeitava a palavra religião e onde ele admitia que o Espiritismo era uma religião:

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, **sem dúvida**, senhores! **No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião**, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza. Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, **na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem**. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; **uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios**; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou. **Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado**. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (KARDEC, 2006-e [1868], p. 491) (grifo nosso)

Porém, Kardec não teve tempo de reformular suas falas anteriores adequando as posturas até então assumidas, com ênfase no aspecto científico e rejeitando o *status* de religião. Veremos que isto tem impacto até hoje no cenário brasileiro, pois aqui o Espiritismo vicejou como uma nova religião, como comprovam os Censos Demográficos, onde ele aparece como um dos contingentes religiosos. Essa ambigüidade, ciência-religião, como buscaremos demonstrar, é uma das que contribuem negativamente para o crescimento do Espiritismo em termos de adesão formal.

De especial interesse para demonstrarmos a qualidade representativa da SPEE é o livro *Viagem Espírita em 1862*, onde Kardec forneceu subsídios para a formação dos grupos espíritas, anunciando-os da seguinte forma: “Projeto de Regulamento para o uso de Grupos e pequenas Sociedades Espíritas - Proposto pela Sociedade Central de Paris, tendo em vista manter a unidade de princípios e de ação” (KARDEC, 1990, p. 148). Logo, fica patente que a SPEE, inicialmente criada para ser “um centro regular de observações” (KARDEC, 2005-a [1858], p. 233), rapidamente passou a ser a primeira instituição espírita

que representava o Movimento Espírita nascente, o que chamaríamos hoje de uma federativa, pois, conforme observamos ao longo dos artigos contidos na *Revista Espírita*:

- a. estuda, comenta e divulga a doutrina espírita;
- b. combate seus detratores;
- c. estimula a formação de novos grupos;
- d. fornece pareceres;
- e. serve de modelo para outros grupos;
- f. estabelece um modo de ser espírita e de praticar o Espiritismo;
- g. prega a união entre os grupos espíritas.

Destacamos o seguinte trecho de uma das reportagens constantes na *Revista Espírita*, sob o título “Propagação do Espiritismo”, em setembro de 1858, portanto já no primeiro ano desta revista e apenas um ano após a publicação de *O Livro dos Espíritos*:

Podemos distinguir, na propagação do Espiritismo, quatro fases ou períodos distintos:

- 1º. O da *curiosidade*, no qual os Espíritos batedores hão desempenhado o papel principal para chamar a atenção e preparar os caminhos.
- 2º. O da *observação*, no qual entramos, e que podemos chamar também de período filosófico. O Espiritismo é aprofundado e se depura, tendendo à unidade da doutrina e constituindo-se em Ciência.

Virão em seguida:

- 3º. O período da *admissão*, no qual o Espiritismo ocupará uma posição oficial entre as crenças oficialmente reconhecidas.
- 4º. O período de *influência sobre a ordem social*. A Humanidade, então sob a influência dessas idéias, entrará num novo caminho moral. Desde hoje essa influência é individual; mais tarde agirá sobre as massas, para a felicidade geral.

(KARDEC, 2005-a [1858], p. 369-370)

Kardec expôs sua visão de que a doutrina se consolidaria, tanto em termos de constituição interna dos seus pressupostos e conseqüências, quanto de sua penetração no meio social. Justifica-se a ênfase de Kardec em sua época nas pesquisas, dando um forte destaque para o aspecto científico – no sentido experimental - e, por outro lado, descortinando outros aspectos, no caso o filosófico e o moral, como resultado das pesquisas via fenômeno mediúnic.

Relevante para nossa avaliação é o fato de que no Brasil continua-se falando em Espiritismo como ciência e filosofia, mas todo o desenvolvimento aqui ocorrido caminhou para a consolidação formal e institucional de uma nova religião. Essa seria uma outra ambigüidade que pretendemos explorar, ou seja, a fala institucional de que Espiritismo é ciência, sem ocorrer, de fato, o hábito do questionamento e da pesquisa, como na época de

Kardec, com vistas a ampliar e consolidar o *corpus* doutrinário. Por outro lado, as federativas dizem que o Espiritismo é religião, porém no sentido das conseqüências morais oriundas dos aspectos filosóficos e científicos da doutrina, o que estaria mais ao gosto de Kardec, mas em um contexto diferente. Resgataremos, no devido tempo, essa nuance quando pudermos analisá-la com mais rigor, sob a luz da história da institucionalização do Espiritismo no Brasil.

Dado que ainda hoje confirmamos a visão dos espíritas quanto a religião como intimamente associada ao ritual, hierarquia e culto, os quais são rejeitados pelos adeptos do Espiritismo, cabe aqui explicitarmos, segundo Stark e Bainbridge, uma nova definição de religião, onde enquadra-se o Espiritismo: “Religiões são organizações humanas primariamente engajadas em prover compensadores gerais baseados em pressupostos sobrenaturais”¹⁶ (STARK & BAINBRIDGE, 1984, p. 8). Um compensador é um substituto para uma recompensa não disponível. Recompensas podem ser obtidas enquanto um compensador é uma promessa de recompensa no futuro, portanto um objeto de fé. Um compensador é algo que se dá em lugar de uma recompensa não disponível, como uma vida após a morte, que será obtida em um futuro distante ou em outro contexto que não pode ser verificado imediatamente (Cf. STARK & BAINBRIDGE, 1984, p. 6). Portanto, o Espiritismo enquadra-se nesta definição por prometer uma vida futura melhor em planos espirituais superiores ao plano físico como um compensador e prover um código de conduta e uma proposta voltada para a melhoria de vida, tanto individual quanto coletiva, que seria um tipo de recompensa, ou seja, para o aqui e agora. As lideranças espíritas não reformularam o conceito de religião tão rejeitado por Kardec, o da forma que lembra o Catolicismo em sua externalização. Assim, ainda existem pessoas que rejeitam o status de religião para o Espiritismo, e, mesmo para os que o aceitam como religião, não há uma conceituação formalizada pelas instituições federativas. É algo que parte da subjetividade dos adeptos. Isso constitui mais uma das ambigüidades que estamos rastreando nos posicionamentos federativos, que criam indefinições quanto ao engajamento no âmbito operacional dos Centros Espíritas. Em palestras públicas na capital paulista, verificamos que a maioria das pessoas, não a totalidade, mesmo incluindo-se os líderes, acredita que o Espiritismo é religião, mas não sabem explicar o motivo, já que, segundo Kardec, o Espiritismo não tem as características de religiões como o Catolicismo em termos de

¹⁶ Tradução nossa.

prática ritual. Não obstante fala-se em *Culto do Evangelho no Lar*, e a sessão espírita segue uma espécie de ritual – apagar das luzes, música de fundo, leitura de texto doutrinário, prece para os desencarnados e para os necessitados, etc..

1.3 - Definindo o Espiritismo e os adeptos

Ao longo da *Revista Espírita*, Kardec explicitou a “missão” do Espiritismo. Já em abril de 1859, ou seja, na primeira metade do segundo ano de edição da revista, explicitamente no artigo “Quadro da vida espírita”, fez referência à problemática da sobrevivência da alma após a morte, indagando qual seria o seu destino, rebatendo a alegação de que ninguém teria voltado para confirmar o que as religiões dizem:

Eis aí um erro, e **a missão do Espiritismo é precisamente esclarecer-nos sobre esse futuro**, fazendo-nos, até certo ponto, tocá-lo e vê-lo, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas isso já não é uma presunção, uma probabilidade, sobre a qual cada um imagina à vontade [...] **O Espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião**. Se existe é porque Deus o permite, para reanimar nossas esperanças vacilantes, e nos reconduzir à senda do bem, **pela perspectiva do futuro que nos aguarda**. (KARDEC, 2005-b [1859], p. 132) (grifo nosso)

Kardec explicita mais uma vez a missão do Espiritismo em julho de 1864, em resposta às críticas de um sacerdote católico, que via no Espiritismo uma religião concorrente: “A missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos, reconduzir a Deus os que o desconheciam, provar o futuro aos que criam no nada” (KARDEC, 2004-a [1864], p. 270).

Dado o contexto histórico de Kardec, o Espiritismo surgiu como contraponto à onda materialista provocada pelo positivismo científico, por meio de um posicionamento compatível com o momento, colocando-se como uma nova ciência, expressa muito mais na metodologia do que na possibilidade de investigação, tendo em vista que enquanto a ciência demarca seus limites no ponderável, o Espiritismo expande seus limites para o plano extra-físico. Kardec, porém, justificou o aspecto científico justamente pelo viés metodológico de sua análise que parte de fatos concretos – o fenômeno das manifestações, deles retirando as conseqüências: primeiramente a constatação da existência dos espíritos, que seriam nada mais que pessoas desencarnadas, ou seja, que já morreram, mas que

continuam vivas em um nível de consciência extra-corpórea. Chega, por fim, ao corpo doutrinário pela averiguação, por meio de pesquisa via mediúncia, das condições desta existência espiritual, das suas relações com o plano físico e das formulações que compõem a cosmovisão espírita, que trata da origem e destino da criação.

Um outro aspecto inerente à institucionalização do Espiritismo foi a constituição de um modelo ideal de espírita. O que pudemos encontrar na seguinte citação da revista, ocorrida em matéria publicada em janeiro de 1869, portanto, pouco antes da morte de Kardec, que ocorreria em março de 1869:

O Espiritismo é uma opinião que **não exige nenhuma profissão de fé**, e pode estender-se ao todo ou parte dos princípios da Doutrina. **Basta simpatizar com a idéia para ser espírita** [...] pode-se afirmar, sem exagero, que, em suma, o número dos adeptos centuplicou há dez anos [...] Só falamos aqui dos que **aceitam o Espiritismo com conhecimento de causa, depois de o haver estudado**, e não dos que, embora mais numerosos, estas idéias ainda estão em estado de intuição, faltando-lhes apenas definir suas crenças com mais precisão e dar-lhes um nome, para serem espíritas confessos. É um fato bem comprovado [...] que **as idéias espíritas parecem inatas numa porção de indivíduos, que jamais ouviram falar do Espiritismo** [...] não há prova mais evidente de que essas idéias estão na Natureza, nem melhor garantia de sua vulgarização no futuro e de sua perpetuidade. Deste ponto de vista pode-se dizer que pelo menos três quartos da população de todos os países possuem o germe das crenças espíritas [...]
(KARDEC, 2005-e [1869],p. 19-20) (grifo nosso)

Nota-se, nos pontos que destacamos da passagem acima, que o Espiritismo não possui um “rito de passagem”, requerendo uma aceitação de foro íntimo para se declarar espírita. Alertamos para o fato de que para simpatizar com a idéia deve-se conhecer a idéia, o que, nos parece, foi uma preocupação que Kardec teve, pois procurou tornar a sua cada vez mais acessível, tendo em vista que publicou após *O Livro dos Espíritos*, mais dois textos com este propósito específico: *O que é o Espiritismo* e *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, além da própria *Revista Espírita*. Kardec propôs o Espiritismo como algo natural, que se encontrava em estado latente nas pessoas, requerendo apenas que elas entrassem em contato com a doutrina para o reconhecerem. Também propôs um tipo de pessoa que idealmente poderia ser considerada espírita, aquelas que “aceitam o Espiritismo com conhecimento de causa, depois de o haver estudado” (KARDEC, 2005-e [1869], p. 20).

Parece-nos que fica estabelecido, desde Kardec, a convicção de que o Espiritismo é uma proposta de fácil aceitação, desde que seja devidamente difundida, pois já se encontra

intuída nas mentes da maioria dos seres humanos. Parece-nos que esta posição ainda persiste no Brasil, justificando a visão das federativas de que o Espiritismo teria uma quantidade de adeptos muito superior à apontada pelos censos demográficos do IBGE.

Entretanto, interessa-nos as especificidades que caracterizariam aqueles que poderíamos contar como adeptos do Espiritismo, para que possamos, posteriormente, proceder nossas análises sobre o contingente espírita no Brasil. Encontramos esta caracterização em um artigo da *Revista Espírita* de julho de 1866, onde Kardec qualifica os espíritas:

Entre **os espíritas reais - os que constituem o verdadeiro corpo dos aderentes - há** certas distinções a fazer. **Em primeira linha deve-se colocar os adeptos de coração, animados de uma fé sincera**, que compreendem o objetivo e o alcance da doutrina e lhe aceitam todas as conseqüências para si mesmos; seu devotamento é a toda prova e sem segunda intenção [...] **Para eles o lado moral não é uma simples teoria: esforçam-se por pregar pelo exemplo [...]** **Em seguida vêm os que aceitam a idéia como filosofia, porque lhes satisfaz à razão**, mas cuja fibra moral não é suficientemente tocada para compreender as obrigações que a doutrina impõe aos que a assimilam. [...] **Depois há as pessoas levianas, para quem o Espiritismo está todo inteiro nas manifestações**. Para estes é um fato, e nada mais; o lado filosófico passa despercebido; o atrativo da curiosidade é o seu principal móvel: extasiam-se perante um fenômeno e ficam frios diante de uma conseqüência moral. (KARDEC, 2005-d [1866], p. 268-269) (grifo nosso)

Kardec, dessa forma, considera dentre aqueles que simpatizam com os princípios da doutrina três diferentes graus de engajamento, iniciando pela ênfase nas manifestações mediúnicas, portanto, no fenômeno; passando pelo entendimento de que há uma filosofia além do fenômeno; e, finalmente, o “tipo ideal”¹⁷ de espírita, aquele que internaliza a doutrina e a incorpora em sua vida. Esse é aquele que chamaríamos de convertido ao Espiritismo. Por fim, acrescenta:

Todos esses adeptos contam no número, e por mas imperfeitos que sejam, são sempre úteis, embora em limites restritos. Até nova ordem, se só servissem para diminuir as fileiras da oposição, já seria alguma coisa. **É por isso que não se pode desdenhar nenhuma adesão sincera, mesmo parcial**. (KARDEC, 2005-d [1866], p. 270) (grifo nosso)

Aqui fica clara a preocupação de Kardec em obter adeptos, desde que sinceros, não importando o quanto assimilassem a proposta. No entanto, não podemos assumir que, institucionalmente, Kardec fosse tão tolerante, pois, se ele era bastante liberal quanto ao potencial para ser espírita, não o era quando se tratava do engajamento na SPEE, conforme

¹⁷ No sentido Weberiano do termo.

podemos observar, em *O Livro dos Médiuns*, no estatuto desta sociedade, o qual ele sugere como modelo para a formação de outras sociedade espíritas:

Art. 4º — Para ser admitido como associado livre deve o candidato dirigir ao Presidente um pedido por escrito, apostilado por dois sócios titulares, que se tornam fiadores das intenções do postulante. O pedido deve informar sumariamente: **1º, se o requerente já possui alguns conhecimentos do Espiritismo; 2º, o estado de sua convicção sobre os pontos fundamentais da ciência;** [...] O pedido será submetido à comissão de que fala o artigo 11, que o examinará e proporá, se julgar conveniente, a admissão, o adiamento, ou indeferimento. **O adiamento é de rigor, com relação a todo candidato que ainda nenhum conhecimento possua da ciência espírita e que não simpatize com os princípios da Sociedade.** (KARDEC, 1993, p. 445) (grifo nosso)

Em outras oportunidades, podemos perceber na fala de Kardec, que uma coisa é se dizer espírita, ou ter o potencial para, outra coisa é participar de uma sociedade espírita, espaço destinado ao estudo e desenvolvimento da doutrina, diferentemente do que ocorre na atualidade. Ele inclusive teve sérias restrições para a entrada de pessoas nas reuniões da SPEE como assistentes, como notamos nesta citação do livro *O que é o Espiritismo*:

Visitante . Tendes uma sociedade que se ocupa desses estudos; ser-me-ia possível fazer parte dela?

A.K. . Seguramente não, para o momento. Se para ser recebido não é necessário ser doutor em Espiritismo, é preciso, ao menos, ter sobre esse assunto idéias mais sólidas que as vossas. Como ela não quer ser perturbada em seus estudos, não pode admitir aqueles que lhe viriam fazer perder seu tempo com questões elementares [...] É uma sociedade científica, como tantas outras, que se ocupa em aprofundar os diferentes princípios da ciência espírita, e que busca se esclarecer. É o centro para onde convergem as informações de todas as partes do mundo, e onde se elaboram e se coordenam as questões relacionadas com o progresso da ciência; mas **não é uma escola, nem um curso de ensinamentos elementares. Mais tarde, quando vossas convicções estiverem formadas pelo estudo, ela verá se poderá vos admitir. Até lá, podereis assistir, quando muito, a uma ou duas sessões como ouvinte [...]** (KARDEC, 1995, p. 79-80) (grifo nosso)

Assim, a SPEE difere do modelo de Centro Espírita atual com relação ao seu público, pois, enquanto que para a SPEE é necessário conhecer Espiritismo - pois ela tem o propósito de aprofundar as pesquisas sobre o Espiritismo nascente, os Centros Espíritas presentemente funcionam como divulgadores do Espiritismo, portanto, aceitam pessoas que desconhecem o Espiritismo. O que implica em uma grande mudança em suas relações com o seu público e na forma em que se estrutura.

Quanto ao *status* de religião, Kardec rejeitou essa qualidade ao longo de toda a sua obra, sempre enfatizando que o Espiritismo é uma ciência. E o que isto significava para ele?

Toda vez que quisermos tomar nossas ciências exatas como ponto de partida nas observações espíritas, perderemos o rumo; eis por que a ciência vulgar é incompetente nessa questão: é exatamente como se um músico quisesse julgar a arquitetura do ponto de vista musical. O Espiritismo nos revela uma nova ordem de idéias, de novas forças, de novos elementos; revela-nos fenômenos que não se baseiam em nada do que conhecemos. Saibamos, pois, para os julgar, despojar-nos dos preconceitos e de toda idéia preconcebidas; compenetro-nos sobretudo desta verdade: fora daquilo que conhecemos pode existir outra coisa, a não ser que queiramos cair nesse erro absurdo, fruto do orgulho, de que Deus não tenha mais segredos para nós. (KARDEC, 2005-b [1859], p. 22)

Ao que parece, Kardec tinha uma noção de ciência no sentido de conhecimento metódico, portanto, o Espiritismo seria uma nova forma de conhecer algo que estaria além dos limites das ciências exatas. “Ele [o Espiritismo] nos revelou o mundo dos invisíveis, como um microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, que não supúnhamos.” (KARDEC, 2005-b [1859], p. 205)

Neste ponto podemos afirmar que uma das maiores ambigüidades, contidas na obra de Kardec era a afirmação de que o Espiritismo não seria uma religião, mas sim uma ciência e uma filosofia com conseqüências morais. Isso porque, não apenas sua fala era contraditória - ao mesmo tempo em que nega o *status* de religião, propõe uma universalidade atrelada ao Cristianismo elegendo-o, pois “de todas as doutrinas, é a mais clara, a mais pura” -, mas também pelo fato de levar as pessoas a verem o Espiritismo como uma ciência no sentido acadêmico do termo. Podemos perceber mais claramente isso na seguinte citação:

O Espiritismo, [...] vem lançar luz sobre uma multidão de problemas até aqui insolúveis ou mal resolvidos. **Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião**, e a prova disso é que **conta, entre seus aderentes, homens de todas as crenças**, e que nem por isso renunciaram às suas convicções: **católicos** fervorosos, que praticam todos os deveres de seu culto, **protestantes** de todas as seitas, **israelitas, muçulmanos** e até **budistas e bramanistas** [...] É verdade que tem conseqüências morais, como todas as ciências filosóficas. Essas conseqüências são no sentimento do Cristianismo, **porque, de todas as doutrinas, o Cristianismo é a mais esclarecida, a mais pura, razão por que, de todas as seitas religiosas do mundo, são as cristãs as mais aptas a compreendê-lo em sua verdadeira essência**. O Espiritismo **não é, pois, uma religião**. **Se o fosse teria seu culto, seus templos, seus ministros**. [...] o Espiritismo, mal compreendido na Antigüidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje, **graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo com mais critério**. [...] (KARDEC, 2005-b [1859], p. 205-206) (grifo nosso)

Ocorrem várias ambigüidades nessa citação, como por exemplo, a possibilidade de Judeus, Budistas, Muçulmanos e Brâmanes poderem ser espíritas, ao mesmo tempo em que o Espiritismo estaria em sintonia com a proposta que pode ser melhor entendida pelas “luzes do cristianismo”.

CONSOLADOR PROMETIDO

3. *Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: – O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. – Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito.* (S. JOÃO, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26.) [...] Assim, **o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido**: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança. (KARDEC, 1988, p. 134-135) (grifo nosso)

Essa citação de Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, nos remete à tese espírita de que o Espiritismo seria o consolador prometido por Jesus. Também encontramos uma justificação que estabelece uma continuidade da tradição judaico-cristã, por meio da identificação do Espiritismo como uma terceira revelação – a primeira seria o *Antigo Testamento*, na figura de Moisés, a segunda seria o *Novo Testamento*, na figura de Jesus e a terceira seria o Espiritismo, sem uma figura para representá-lo mas sim os Espíritos superiores que anunciaram a chegada de uma nova era, onde o Espiritismo seria o consolador prometido pelo Cristo (Cf. KARDEC, 1988, p. 134-135). Uma continuidade histórica do Cristianismo, que resgata os aspectos fundantes e rejeita a estrutura institucional da Igreja Católica. Dentro desta proposta, não haveria como ter em suas fileiras pessoas de outras religiões não cristãs, mas, apesar disto, Kardec propunha que o Espiritismo não era uma religião e, portanto, poderia ser aceito e praticado por pessoas de qualquer religião.

A própria seqüência das obras da codificação nos dá uma amostra desta ambigüidade – a universalidade da proposta espírita por não ser uma religião mas uma ciência e uma filosofia com conseqüências morais - pois, após lançar os livros que continham a proposta espírita, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, foram publicados *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Céu e o Inferno*, numa flagrante aproximação com o Cristianismo, onde são explicitadas as diferenças entre a leitura

Católica e a Espírita em relação ao Cristianismo. Porém, mesmo tentando se posicionar como uma filosofia em sintonia com o Cristianismo, os pressupostos da doutrina batem frontalmente com a doutrina das Igrejas Cristãs, conforme destacamos naquilo que Kardec chamou de “credo espírita”:

Crer num Deus Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; **na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente com a perfeição; [...] na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada à da imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito [...] submeter todas as crenças ao controle do livre-exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega; [...] ver, enfim, nas descobertas da Ciência, a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o *Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus.* (KARDEC, 2006-e [1868], p. 494-495) (grifo nosso)**

Parece-nos, portanto, que já em Kardec temos a caracterização do Espiritismo como religião. Entretanto, ele propõe uma universalidade que não pode ser efetivada, dada a crença na reencarnação com todas as suas conseqüências - como evolução e comportamento ético, origem e destino dos espíritos, penas e gozos futuros. Essas posições doutrinárias são incompatíveis com a ortodoxia das Igrejas Cristãs e com a de qualquer religião que não compartilhe desse credo.

Estas ambigüidades que atribuímos ao momento vivido por Kardec, onde a doutrina espírita ainda estava em formulação, não foram revistas pelos seus continuadores, que passaram a adotar a postura de uma religião que reavivaria o cristianismo primitivo, sem dogmas ou hierarquias oriundas da constituição da Igreja Católica. A adoção da obra de Kardec, como algo consolidado no tempo é, por si só, um anacronismo, gerando novas ambigüidades, pois ele não estava em um contexto de secularização, ao menos, não no estágio em que estamos¹⁸. No mundo contemporâneo, falar de ciência tem uma conotação diferente do que se entendia na época de Kardec; vivemos uma desilusão com as promessas de progresso científico, ocorrendo uma abertura ao religioso, ainda que rejeitado em sua forma institucionalizada de religião.

¹⁸ Kardec tem que ser contextualizado para ser devidamente entendido. Ele é um francês nascido e criado na primeira metade do século XIX, prima pelos ideais da revolução francesa e tem forte influência Católica, o que transparece no largo uso que faz da palavra *salvação* que contraria a idéia de *evolução* do Espiritismo.

Lembramos que, após Kardec, surgiram várias especialidades no campo das ciências, e muito se desenvolveram a Sociologia e a Psicologia, conhecimentos que não foram incorporados ao Espiritismo.

A transposição do Espiritismo para o Brasil não deu conta de eliminar as ambigüidades aqui descritas - conforme veremos na seqüência de nossa pesquisa, e incluiu outras, ao se deparar com um contexto diferente e mais complexo do que aquele que gestou o Espiritismo Francês.

1.4 - O contingente espírita na época de Kardec

Diferentemente do que ocorre atualmente no Brasil, onde o Espiritismo é contado entre as opções religiosas, Kardec, até dois meses antes de sua morte - ou em termos espíritas, desencarne - mantinha uma fala que tendia para a descaracterização do aspecto religioso, o que, portanto, justificaria a impossibilidade de se conhecer a quantidade de adeptos do Espiritismo:

Como já dissemos, a enumeração exata dos espíritas seria coisa impossível, e isto por uma razão muito simples: o Espiritismo não é uma associação, nem uma congregação; seus aderentes não estão inscritos em nenhum registro oficial. Sabe-se perfeitamente que não se poderia avaliar o montante pelo número e a importância das sociedades, freqüentadas apenas por minoria ínfima. (KARDEC, 2005-e [1869], p. 19)

Não obstante, Kardec estimou o contingente espírita por meio das assinaturas da *Revista Espírita* e da correspondência por ele recebida, que, em suas palavras, abrangia mais de dez mil observações e gerou a estimativa de milhões de espíritas, seiscentos mil só na França, e se espalhavam por várias nações, em especial na Europa e América do Norte (Cf. KARDEC, 2005-e [1869], p. 21-22). Em termos qualitativos chegou ao seguinte parecer:

Que a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas, e não entre os ignorantes. Por toda parte o Espiritismo se propagou de alto a baixo da escala social, e em parte alguma se desenvolveu primeiro nas camadas inferiores. (KARDEC, 2005-e [1869], p. 26).

Essa análise também se prova verdadeira para o caso do Brasil, onde o Espiritismo

adentrou pelas elites letradas, apoiando-se em especial nos republicanos e maçons.

Ainda hoje, como na época de Kardec, embora o Espiritismo seja contado entre as ofertas religiosas no Brasil, não há um controle, por parte das federativas espíritas, do seu contingente. Se o Espiritismo é considerado uma religião, pela sociedade e pelas federativas, se as casas espíritas estão cheias, o que levaria o Movimento Espírita a não envidar esforços para dimensionar numericamente a quantidade de centros e de adeptos? Será que o Movimento Espírita tem o propósito de expandir o Espiritismo em termos de quantidade de adeptos formais? Se tal não é o propósito, nos parece que a decepção da FEB ao receber os números do IBGE/2000 inclui mais uma ambigüidade em nossa lista.

1.5 - O impacto da SPEE no crescimento do Espiritismo

Neste ponto de nossa pesquisa, podemos afirmar com segurança, mediante o exposto, que a institucionalização do Espiritismo se deu a partir da fundação da SPEE, sendo este o grupo que exerceu o papel de complementar e difundir a doutrina espírita, unindo os espíritas e grupos em torno da causa espírita, o que equivale, na atualidade, ao papel exercido pelas federativas. Podemos verificar o impacto positivo da SPEE no crescimento do Espiritismo em termos de adeptos, pois, serviu como modelo; garantiu a perenização dos conhecimentos por meio da imprensa; tratou tanto dos aspectos doutrinários quanto associativos; agindo de forma a consolidar, divulgar e introduzir o Espiritismo na sociedade, não somente na França, mas no âmbito internacional, como foi o caso do Brasil, que rapidamente incorporou as suas propostas.

Por conta disso, podemos proceder com uma análise segundo os pressupostos da Teoria da Escolha Racional (TER), que julgamos, nos oferece um instrumental teórico adequado para captarmos com mais profundidade o impacto que teve a SPEE no crescimento do espiritismo. Algumas proposições e conceitos dessa teoria são particularmente úteis, como os conceitos de religião, oferta e demanda religiosas e secularização; além das proposições que tratam das redes sociais e da continuidade cultural.

Por agora, cabe lembrar o conceito que esta teoria nos traz de religião. Refere-se a sistemas de compensadores gerais baseados em pressupostos sobrenaturais (Cf. STARK & BAINBRIDGE, 1996, p. 39). Compensadores são substitutos de recompensa de acordo

com explicações que não são imediatamente suscetíveis a uma avaliação não ambígua; compensadores gerais são substitutos de recompensas de grande escopo e valor (STARK & BAINBRIDGE, 1996, p. 36). Recompensas são qualquer coisa que as pessoas terão custos para obter. Custos são o que as pessoas tentam evitar (Ibid., p. 27). Recompensas, tais como a vida após a morte em um paraíso, não estão disponíveis aqui e agora, portanto, são substituídas por um compensador geral, que, no caso das religiões, seriam explicações que norteariam a vida atual com vistas a esta vida futura, o que caracteriza um ato de fé. Explicações são afirmações sobre como e porque recompensas podem ser obtidas e custos são incorridos (Ibid., p. 30). Portanto, uma vida baseada numa crença religiosa, que levará ao paraíso, é aceita pela plausibilidade das explicações, que justificam o custo x benefício do investimento, segundo a fórmula: vida regrada agora = vida feliz depois da morte.

Essa definição de religião parece enquadrar o Espiritismo, que, como vimos, é uma doutrina que se acredita revelada pelos espíritos – humanos desencarnados – onde há uma escatologia baseada na conduta dos indivíduos que se reencarnam para evoluir e a partir de um certo ponto na escala evolutiva a reencarnação não é mais necessária.

Mais ainda, se aceitarmos o fato de que as pessoas raramente estão totalmente satisfeitas com a sua religião, assim, caso surja uma nova possibilidade de escolha, elas avaliarão a nova proposta, e, caso o custo da troca seja conveniente, elas a efetivarão.

Os seres humanos buscam recompensas e evitam custos. Para tanto, usam explicações que permitam obter a melhor relação custo x benefício. Conseqüentemente, para que uma nova religião tenha maior aceitação, deve prover uma continuidade cultural, ou seja, estar o mais próxima possível da cultura já estabelecida na sociedade, evitando os custos oriundos de uma transformação cultural. No caso do Espiritismo nascente, Kardec promoveu essa aproximação ao postular que o Espiritismo era cristão. Mais ainda, propôs que era uma proposta religiosa fundamentada na ciência e não em dogmas, como era o caso das outras ofertas do mercado religioso da sua época. Assim ele ofereceu algo muito próximo, e com um diferencial atrativo, em termos de opção religiosa. A insistência na negatividade da dimensão religiosa talvez aponte para o fato de que o Espiritismo era percebido como tal, combatendo uma possível rejeição com a ênfase no fato de que se trataria de uma proposta baseada na racionalidade e não em dogmas.

Outro conceito que precisamos definir para continuar nossa exposição é o de secularização, que seria “a perda progressiva de poder das instituições religiosas” (STARK

& BAINBRIDGE, 1996, p. 293), o que certamente já ocorria na época de Kardec, quando o positivismo tinha grande apelo. Essa perda de poder, causada em parte pelo surgimento de outros sistemas explicativos da realidade, tais como as ciências, permitiu também, paradoxalmente, o surgimento de novas religiões, ou, novos sistemas explicativos baseados no sobrenatural (Cf. STARK & BAINBRIDGE, 1984, p. 435-436).

O Espiritismo seria uma doutrina que contém explicações que tratam da realidade, fornecendo uma lógica que permite analisar os eventos da vida, ou anteriores e posteriores a ela, sob a ótica da evolução continuada por meio da reencarnação, usando o par causa-efeito; fornecendo também diretrizes para condução da vida com vistas a se obter recompensas futuras, no caso, uma vida melhor em um nível espiritual superior ao atual, garantindo melhores condições reencarnatórias, ou eliminando a necessidade de reencarnações. Essas recompensas futuras, que não podem ser obtidas de imediato, ficando postergadas para após a morte, em vida são trocadas por compensadores (a adoção da doutrina espírita como modo de vida para garantir uma melhor situação espiritual futura). Logo, uma religião.

Outro ponto importante da teoria, para entender o nascimento e sobrevivência do Espiritismo, são as redes sociais. Os autores postulam que para uma nova religião ter sucesso ela precisa usar uma rede social – parentes, amigos, vizinhos – para obter adeptos. A rede, idealmente, deve tornar-se semi-aberta com o tempo para que possa captar novos adeptos pelas relações externas ao grupo, mas não deve ser totalmente aberta, o que ensejaria a oportunidade dos adeptos terem acesso a outras possibilidades de escolha. Para garantir a rede semi-aberta, a religião deve prover aquilo que a sociedade fornece por meio de equivalentes internos evitando que os adeptos saiam da rede interna para trocar com o meio social. Podemos perceber que Kardec propõe que qualquer um pode ser espírita, ou seja, a sociedade é a sua rede de potenciais adeptos, mas dá preferência para os sem religião, para não ter que entrar em concorrência com as outras religiões. O custo de obter um adepto entre os que não tinham uma crença era menor.

Obter adeptos é uma coisa, manter adeptos é outra. Para manter adeptos é necessário um engajamento. Isto é conseguido, no caso do Espiritismo, pela proposição de um modelo de conduta, que é ofertado pela doutrina que está se consolidando e precisa ser estudada, entendida, internalizada e defendida. Há também a figura de Kardec, que com sua empolgação, dedicação e carisma, aglutina as pessoas em torno da causa. Acreditamos

que outro aspecto que contribuiu para o engajamento foi o sentimento de fazer parte de algo novo e o status obtido com a criação e participação em grupos de estudo, que participavam na complementação da doutrina dos Espíritos.

Desta maneira, as ambigüidades que apontamos anteriormente¹⁹, de certa forma, contribuíram para tornar o Espiritismo plausível durante o período inicial de sua estruturação. Por outro lado, acreditamos que, com o passar do tempo elas foram criando obstáculos para a ampliação do contingente espírita formal, que cremos, teriam sido contornados pelo próprio Kardec, único com autoridade suficiente para revisar suas falas.

Passados os momentos iniciais da institucionalização do Espiritismo, esgotaram-se as possibilidades na França, para a forma com a qual ele se estabeleceu inicialmente. Era chegada a oportunidade do Espiritismo vicejar do outro lado do Atlântico e abaixo dos trópicos, em um terreno onde sua proposta científica seria eclipsada pela já estabelecida plasticidade religiosa e onde atenderia às demandas de uma sociedade que experimentava grandes mudanças, dentre elas, o nascimento de uma República. Neste contexto de abertura para novas opções religiosas, o Espiritismo encontraria um forte desejo pelas liberdades republicanas pela separação entre a Igreja e o Estado, e os anseios de progresso tecnológico e econômico. No seio da elite republicana encontravam-se representantes da Maçonaria, os quais se sintonizaram de imediato com a proposta do Espiritismo, como observamos na seguinte citação:

[...] definitivamente, Maçonaria e Espiritismo não se conflitam. Maçons e espíritas, aliás, caminharam juntos em muitas fases da História e, assim como agora, nos bancos de nossos Centros Espíritas sentaram-se homens que, em outros dias da semana, vestiam seus aventais de obreiros e empunhavam seus instrumentos de pedreiros-livres. O respeitado líder espírita, Bezerra de Menezes, em carta escrita em 1886, enfatiza que a Maçonaria era, no Brasil, “a mais esforçada propulsora do Espiritismo”. (MONTEIRO, 2007, p.14)

Chamamos a atenção para o fato de Bezerra de Menezes considerar que a maçonaria teve grande impacto no Espiritismo, em termos de propagação. Bezerra, bem antes de Chico Xavier, foi o maior representante do Espiritismo brasileiro, ocupando a presidência da FEB e iniciando a unificação dos espíritas no Brasil.

O autor ainda enfatiza a forte ligação entre maçons e espíritas, ao mesmo tempo que exalta a importância destas duas instituições no aprimoramento da sociedade brasileira:

¹⁹ A afirmação de que o Espiritismo era ciência, rejeitando-o como uma nova religião, porém baseando-se fortemente em elementos do Cristianismo e declarando-se uma continuidade deste.

Falta uma visão macro do Espiritismo para o espírita, o que o faz desconhecer a importância que o Espiritismo teve no aperfeiçoamento dos mecanismos sociais e políticos no Brasil e não saber valorizar, portanto, essas profundas e benéficas mudanças. E nos momentos mais agudos da vida social e política do século XIX, espíritas e maçons caminharam de mãos dadas. (MONTEIRO, 2007, p. 18)

Quais seriam estas lutas que uniram espíritas e maçons? Monteiro nos esclarece na seqüência:

Mas por que realçamos tanto a influência de maçons e espíritas nas modificações sociais e políticas do Brasil no século XIX? A atuação dos maçons é sobejamente conhecida e hoje, com a queda das barreiras do preconceito, estudada na cadeira de História dos Ensinos Médio e Superior, sua atuação na Independência, na Proclamação da República e na Abolição da Escravatura. O que não se estuda é a simbiose que havia entre maçons, espíritas e republicanos. Princípios éticos e moralizantes semelhantes, a luta pela liberdade de pensamento, o inimigo comum representado pela união Estado-Igreja, o combate ao Absolutismo eram alguns dos traços que promoveram essa aproximação entre esses três segmentos da sociedade brasileira. (MONTEIRO, 2007, p. 19)

Acreditamos que a forte ligação entre as lideranças espíritas e maçônicas terminou por influenciar a prática espírita, pela forma de fazer caridade sem objetivo proselitista, dado que a maçonaria não deseja expandir-se como uma religião, pois, os grupos de maçons são constituídos por indivíduos criteriosamente selecionados e convidados para integrar uma sociedade secreta. Ao mesmo tempo, um maçom encontraria no Espiritismo uma forma de estender a sua prática para um fórum menos restrito que o da Maçonaria, o que podemos confirmar na seguinte passagem:

[...] a Maçonaria era uma atividade muito marcante na vida dos maçons, o que talvez não aconteça hoje com tanta intensidade, e isso os levava ao impulso de querer introduzir algumas práticas e características dos usos e costumes da Maçonaria nas atividades espíritas. (MONTEIRO, 2007, p. 31)

Além disto, a postura maçônica de não conversão teria influenciado a fala espírita da não conversão, embora os objetivos das instituições sejam diferentes, pois a maçonaria é uma irmandade fechada enquanto que o Espiritismo ganhou status de religião. As relações entre maçonaria e Espiritismo, em si, requerem uma pesquisa específica, o que foge de nosso escopo. Interessa-nos o fato de que, como vimos, houve fortes ligações entre esses grupos, que acarretaram a inserção de muitos maçons nas fileiras espíritas, em especial nas lideranças. É fato que muitos dos grandes líderes espíritas do passado e na

atualidade foram e são maçons e, certamente, deixaram sua marca na formulação e prática do Espiritismo.

A Teoria da Escolha Racional postula que o surgimento de novas religiões é um desvio que será combatido onde há a hegemonia de uma religião ligada ao Estado (Cf. STARK & BAINBRIDGE, 1996, p. 127) formulado na proposição 151 – “quanto maior o grau de coerção da sociedade externa sobre uma religião desviante, menor a tendência de religiões desviantes se formarem”²⁰ (STARK & BAINBRIDGE, 1996, p. 206). A ligação com a maçonaria significa uma rede de contatos nos altos escalões, capaz de proteger a religião nascente em um meio Católico hegemônico. Os republicanos e a maçonaria criaram condições para o surgimento e legalização de outras expressões religiosas no Brasil ao enfraquecerem a aliança Igreja-Estado.

²⁰ Tradução nossa.

Capítulo II - O Espiritismo no Brasil

Este capítulo contextualiza e analisa o Espiritismo no Brasil, criando um pano de fundo que permita, posteriormente, tratarmos da especificidade que caracteriza a história e o formato do Espiritismo paulista. Entendemos que não se pode falar do Espiritismo em São Paulo, sem antes entendermos o processo de adaptação e institucionalização do Espiritismo no Brasil, bem como o seu desenvolvimento em termos de adesão. A configuração federativa paulista se deu, em parte, pelas tensões entre a Federação Espírita Brasileira (FEB) e os grupos que tentavam a hegemonia, ou, a unificação do Movimento Espírita em São Paulo. Trataremos de sua chegada ao Brasil em meados do séc. XIX, sua adaptação, o processo de institucionalização concretizado na legitimação da FEB e, finalmente, analisaremos o contingente espírita, tanto quantitativamente quanto qualitativamente.

2.1 - Origem: o contexto brasileiro no século XIX

Do panorama geral do século XIX, consideramos que o processo de transição do sistema de governo de Império para República - com suas conseqüências e expectativas, tais como a separação entre a Igreja e o Estado e o desejo de liberdade e autonomia dos intelectuais e políticos para a construção de uma nação moderna - criou condições profícuas para a instalação do Espiritismo no Brasil. Um dos principais motivos para isso era o fato de que a sociedade da época considerava a França um modelo a ser seguido: na moda, na educação, na forma de governo, nos anseios do positivismo - como atesta o lema de nossa bandeira: “Ordem e progresso”. O que era francês era tido como bom. Os primeiros espíritas brasileiros liam as obras de Kardec, no original, editadas na França.

Quase simultaneamente ao seu surgimento na França, o Espiritismo se instalou no Brasil, tendo como primeiro período de evolução histórica os anos de 1860 a 1940 (Cf. STOLL, 2003, p. 18), o que resultou em uma significativa quantidade de adeptos (824.553) no censo demográfico de 1950, chamando a atenção da academia no sentido de estudar o fenômeno de expansão das religiões mediúnicas no meio urbano, tarefa inicialmente levada a cabo por Camargo, no clássico *Kardecismo e Umbanda* (CAMARGO, 1961).

2.2 - Adaptação: o processo dialético entre o Catolicismo e o Espiritismo

[...] as instituições da sociedade do indivíduo, por mais que ele as deteste, são *reais*. Em outras palavras, o mundo cultural é não só produzido coletivamente como também permanece real em virtude do reconhecimento coletivo. Estar na cultura significa compartilhar com outros de um mundo particular de objetividades. (BERGER, 2003, p. 23-24)

A hegemonia católica estruturou o Brasil desde a sua colonização. Ser brasileiro era ser católico, mais que uma religião era uma forma de estar integrado no contexto sociocultural. A sociedade seguia, em linhas gerais, a mentalidade explicitada pelo *ethos* católico, nos moldes lusitanos. Não se pode, porém, desconsiderar o fato de que a matriz religiosa brasileira era composta inicialmente por elementos oriundos do catolicismo e das crenças indígenas, e, num segundo momento, das crenças de origem africanas trazidas com os escravos.

Precisamos lembrar também de que toda religião transplantada acaba, pelas interações com o meio social onde se insere, sendo adaptada a uma realidade construída socialmente por processos de interiorização, objetivação e exteriorização dos indivíduos que a compõem. Há que existir uma abertura para a inserção da nova proposta religiosa. Alguns dos elementos que possibilitam uma abertura são, segundo Berger, a *plausibilidade* da nova proposta e a possibilidade de que exista a *pluralidade* de propostas (Cf. BERGER, 2003), o que estava garantido pelo processo de *secularização*²¹ que ocorria no período da chegada do Espiritismo no Brasil – meados do séc. XIX.

Desde a colonização do Brasil, a adaptação do Catolicismo se deu na dupla via da catequização dos índios e de suas apropriações dos significados e das adaptações das formas de catequização, visando corrigir os problemas encontrados ao aplicar o modelo trazido com as ordens religiosas católicas. Mais tarde, a presença do elemento mediador, embasado na relação com os santos do catolicismo português e nas superstições oriundas da Idade Média, viriam a permitir a relação dos colonizadores com os cultos afro. Deste processo de adaptação do Catolicismo no Brasil, particularmente, nos interessa a formulação do chamado *Catolicismo Popular*, onde buscamos, por se tratar da religião hegemônica, identificar os elementos preexistentes ao Espiritismo na mentalidade dos

²¹ Aqui entendida conforme a Teoria da Escolha Racional, ou seja, perda progressiva de poder da Igreja na transição Império-República.

brasileiros, com o objetivo de mostrar a plausibilidade desta nova proposta no Brasil em meados do século XIX.

Ao chegar ao Brasil, o Espiritismo encontrou os elementos necessários na mentalidade do povo que o tornaram plausível neste meio, já acostumado a se relacionar com espíritos. E, por sua vez, a doutrina espírita ajudou a legitimar os cultos afro, até então tidos como “coisa de negros”; relegados, portanto, ao submundo da senzala, onde os senhores iam, na calada da noite, buscar soluções mágicas para seus problemas. O Espiritismo chegou pelas mãos dos intelectuais, que dele se apropriaram, motivados pelo descontentamento com a Igreja oficial, pela proposta científicista e pela sua proximidade com os ideais republicanos. Para o povo, o que ocorreu em momento posterior, o atrativo foi a ação assistencial espírita, especialmente a cura espiritual. Acostumado às benzedeadas e ao uso de ervas medicinais, o povo não teve dificuldades em lançar mão dos médiuns espíritas, como mais uma alternativa para solução de seus problemas. (Cf. DAMAZIO, 1994, p. 151-153)

Mesmo os intelectuais, que podiam ler e entender a proposta doutrinária espírita, em um primeiro momento, não se converteram ao Espiritismo, até porque não o entendiam como religião. Muitos adeptos continuavam afirmando que persistiam católicos (Cf. MACHADO, 1997, p. 224), o que demonstra a propriedade da fala de Berger quanto a estar na realidade socialmente concretizada (Cf. BERGER, 2003, p. 23-24), que no caso era a forte presença e influência do Catolicismo na sociedade brasileira.

Entretanto, se o Catolicismo era a religião oficial do Estado - e, portanto, plasmadora do comportamento social - esta ligação se dava no espaço público, pois, na esfera privada ou na calada da noite, nos terreiros ou reuniões familiares, as pessoas relaxavam esse modo de ser católico, fazendo uso das possibilidades ofertadas pelas crenças “dos negros” ou conhecendo as teses espiritualistas. Com o surgimento de Repúblicas independentes na América, o fim da escravidão em várias nações, as guerras na Europa e a pressão pela independência e abolição no Brasil, como formas de nivelá-lo politicamente com o resto da América, ocorreu a cisão Igreja-Estado, que permitiu a oficialização das novas ofertas religiosas que já estavam presentes. Assim, o fim do século XIX conheceu um Brasil republicano, sem escravidão e com um campo religioso pluralista.

Buscamos configurar o cenário no qual o Espiritismo ganhou força, por encontrar espaço para competir oficialmente no mercado religioso brasileiro. Quando se alterou a configuração sociopolítica, pelas transições já mencionadas, o catolicismo deixou de ser a fonte de sustentação da realidade; a pluralidade de ofertas religiosas pôs em xeque as explicações dos diferentes fornecedores de legitimação para a facticidade social, ao mesmo tempo em que internalizou nos indivíduos a possibilidade de escolha (Cf. BERGER, 2003, p. 162-163). Ou como afirma Stark: “É óbvio que as pessoas não irão abraçar uma nova fé se estiverem satisfeitas com a que atualmente professam. As novas religiões devem sempre abrir caminho através dos nichos de mercado criados pela inépcia da(as) religião(ões) existente(s) em uma sociedade” (STARK, 2006, p. 49).

Assim, a ambientação social no Brasil estava propícia para a consolidação institucional do Espiritismo e para experimentar o significativo crescimento de seu contingente na primeira metade do século XX.

2.3 – Institucionalização. Outra religião no Brasil. Para coisas diferentes, nomes diferentes

Diferentemente da proposta original, que definia o Espiritismo com ênfase nos aspectos filosófico e científico com conseqüências morais, no Brasil, a ênfase passa a ser religiosa. Tanto STOLL (2003) como LEWGOY (2004), concordam que o papel de Chico Xavier foi fundamental para tornar o Espiritismo uma religião no Brasil, proporcionando sua expansão, ao contrário do que ocorreu na França após a morte de Kardec.

O Espiritismo chegou ao Brasil via intelectuais, em meados do século XIX, inicialmente pela Bahia e Rio de Janeiro, encontrou respaldo em representantes da elite nacional de mentalidade positivista e republicana, beneficiou-se da separação entre o Estado e a Igreja Católica, foi alavancado pela forte atuação em obras assistenciais e pela aproximação com a mentalidade Católica proporcionada pela conduta e obra do famoso médium Chico Xavier (Cf. CAMARGO, 1961; DAMAZIO, 1994; MACHADO, 1997; STOLL, 2003; LEWGOY, 2004). Sempre que se aborda o Espiritismo, seja em sua função social (Cf. CAMARGO, 1961), seja na reconstituição de sua história (Cf. DAMAZIO, 1994; MACHADO, 1997), ou em sua consolidação pela atuação de seu mais conhecido

personagem – Chico Xavier (Cf. STOLL, 2003; LEWGOY, 2004), subjaz a questão institucional e a construção de um modo de ser espírita, tipicamente brasileiro.

Inicialmente abraçado por intelectuais em seu aspecto doutrinário e pela população em sua ação assistencial, o Espiritismo, assim que começou a ser visto como uma religião, foi combatido pela Igreja Católica, como uma heresia cristã²². Inicialmente encarado como uma ciência e uma filosofia - conforme apregoado nas obras de Kardec e na fala dos seus discípulos da vertente científicista - passou a ser entendido, pela Igreja Católica, como uma ameaça, quando esta entendeu que a proposta espírita validaria as crenças afro, tidas até então como menores e sem sentido por pertencerem aos escravos. O Espiritismo, explicitando em seu corpo doutrinário sua admissão da preexistência da alma, da reencarnação, da comunicação com entidades espirituais e das curas espirituais, possibilitava a legitimação dos cultos afro, causando conflitos com o clero (Cf. DAMAZIO, 1994, p. 67-68; MACHADO, 1997, p. 91-92).

Com este acelerado processo de sincretismo, o nome espiritismo passou a abarcar uma gama imensa de manifestações religiosas, algumas bem distantes da matriz kardecista. Mas para o povo, **bastava uma tintura de maravilhoso e a evocação dos mortos, para ser enquadrado como espiritismo**. [...] Destacava-se, porém, com um notável vigor, **um espiritismo popular, de perfil eminentemente brasileiro**. [...] Afinal, tudo em nossa sociedade patriarcal e escravocrata era convidativo ao mágico, às expectativas paranormais. (MACHADO, 1997, p. 115-116) (grifo nosso)

No Brasil, desde o início, o termo Espiritismo foi muito difuso, abarcando tanto a doutrina codificada por Kardec quanto as práticas dos cultos afro, pois se entendia – e até hoje ainda se entende - que a comunicação com espíritos igualam as crenças que a utilizam. Frente a isso, a ortodoxia espírita se dividiu: os “científicos” enfatizavam as experiências espirituais via fenômenos físicos, os “espíritas puros” só aceitavam a ciência e a filosofia rejeitando a parte religiosa, e, finalmente, os “místicos” enfatizavam a orientação evangélica e adotavam toda a obra de Kardec, com ênfase no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. (Cf. DAMAZIO, 1994, p. 105)

Em 1884, surgiu a Federação Espírita Brasileira - FEB (Cf. MACHADO, 1997, p. 166) -, com o intuito de congregar os grupos espíritas, minimizando as diferenças internas para fazer frente às investidas de instituições contrárias ao Espiritismo, como a Igreja Católica e a classe médica (Cf. DAMAZIO, 1994, p. 110 e 150). Esta, por sua vez,

²² Para detalhes ver obra do Frei Boaventura Kloppenburg – *Espiritismo: orientação para os Católicos*.

combatia especificamente as práticas de cura espiritual, classificando-as de charlatanismo, levando a discussão para o campo da saúde pública e colocando, desta forma, o aparato policial contra o Espiritismo (Cf. GIUMBELLI, 1997).

A institucionalização do Espiritismo se deu a partir da FEB, não sem lutas internas, onde grupos buscaram a liderança do movimento, na tentativa de fazer prevalecer o que consideravam ser “O verdadeiro Espiritismo”. Os grupos se alternaram no comando da FEB, inicialmente os científicos e finalmente os místicos, consolidando o Espiritismo nos moldes demandados pela pressão social fundamentada em um catolicismo popular, portanto, inserindo na prática e no discurso espíritas os aspectos paternalistas do assistencialismo e da mediação com o sagrado, relegando ao segundo plano os aspectos doutrinários.

2.4 – Adesão: discrepâncias na leitura dos números

2.4.1 – Os dados oficiais e sua recepção pelas lideranças espíritas

Segundo dados do censo IBGE/2000, os espíritas têm 2.262.401 adeptos em todo o país, representando 1,33% da população brasileira. A revista VEJA, na edição 1659 de 26/07/2000 registrou que, segundo a Federação Espírita Brasileira (FEB), o número estimado de espíritas é de 8 milhões de adeptos e 30 milhões de simpatizantes²³. Partindo dos dados do censo IBGE/2000, comparamos os contingentes religiosos dos espíritas, evangélicos e católicos, analisando as particularidades quantitativas e qualitativas do contingente *Espírita*, propondo uma releitura dos números, por meio de uma análise sociológica baseada na *Teoria da Escolha Racional*, buscando explicar a discrepância que ocorre entre a visão que as federativas têm e o contingente espírita que foi apurado pelo IBGE/2000. Essa explicação será trabalhada ao longo do capítulo pela exposição e análise dos dados obtidos do IBGE.

Ao chegar o ano 2000, a quantidade de adeptos do Espiritismo (2.262.401) apontada pelo censo, confirma que o Brasil é o maior país espírita do mundo. Basta acessar as páginas na *internet* de grupos espíritas em outros países, para percebermos o quão

²³ Não encontramos junto aos líderes espíritas a fonte desses números que, acreditamos, sejam estimativas com base na exposição midiática e a frequência nas palestras públicas e serviços sociais nos centros espíritas.

pequenos eles são. E, aparentemente, vários desses grupos são mantidos por brasileiros que vivem no exterior²⁴.

Como resultado de uma forte atuação do Movimento Espírita Brasileiro para consolidar o Espiritismo no Brasil, que teve seu auge nas décadas de 1950 a 1970, ocorreu a consolidação do Espiritismo como uma religião e sua aceitação na sociedade, com uma conseqüente queda de tensão entre ambos. Na verdade, trata-se de um processo quase natural pelo qual as instituições passam quando são reconhecidas e encontram o seu espaço na sociedade, a fim de manter o *status* alcançado. Portanto, a partir da década de 1980, nota-se uma acomodação no Movimento Espírita. Não há mais conflitos com o meio social.

Enquanto isto, internamente, passamos a verificar diferenças doutrinárias, uma delas, provavelmente a mais impactante para o crescimento do contingente espírita, a ênfase no Espiritismo como religião. Não ocorreu até a presente data uma reflexão interna sobre o fato de o Espiritismo ser formalmente declarado como religião. As falas externadas são, no mínimo, ambíguas. Fala-se, no meio espírita, em religião sem dogmas ou rituais, mas a ação que se materializa nos centros cada vez mais denota uma tendência ao misticismo em oposição ao racional tão propalado. Termos como cristão²⁵ e evangélico são cada vez mais empregados. Questionamentos aos aspectos mais intelectualizados da doutrina são levantados, no sentido de fazer prevalecer o sentimento em relação à frieza dos estudos²⁶. Ao que parece, os intelectuais são vistos como elementos críticos e indesejados, em tempos de colher os frutos da institucionalização e consolidação do Espiritismo como uma religião no meio social. A trajetória de lutas empreendidas por espíritas de alto nível intelectual como José Herculano Pires é coisa do passado. Um indicador dessa situação é o nível da literatura espírita atual, onde os romances, cada vez

²⁴ Ver sites: <http://www2.odn.ne.jp/nec-j/index.htm> (Núcleo espírita cristão do Japão-Nagoya), http://www.ssbaltimore.org/spiritist_centers.html (endereços de centros espíritas nos EUA), e em especial o site do Conselho Espírita Americano: <http://www.usspiritistcouncil.com/directors.htm>, e o site www.spiritistfederation.us/who_we_are.htm.

²⁵ O termo cristão não foi trabalhado pelos espíritas, pois enquanto nas Igrejas Cristãs ele significa a crença em Jesus, o Cristo, filho de Deus e o próprio Deus encarnado; para os espíritas o termo cristão significa a crença em Jesus Cristo e seus ensinamentos, porém, Jesus é um espírito altamente evoluído, como qualquer pessoa poderá ser no futuro, o que implica uma total impossibilidade da aceitação do Espiritismo como cristão, aos olhos de toda a comunidade cristã.

²⁶ O que pode ser comprovado pela ênfase em temáticas evangélicas e de assuntos relativos à saúde nas palestras nos centros espíritas. Também observa-se uma forte aproximação com a Psicologia Transpessoal.

mais, ganham espaço nas vendas²⁷. Privilegia-se o atendimento ao público, ficando o estudo da doutrina como um apoio ao exercício da caridade, o que pode ser confirmado comparando-se a quantidade de pessoas que freqüentam os grupos de estudo e as pessoas que freqüentam as reuniões públicas ou são atendidas pelos serviços sociais dos centros espíritas.

2.4.2 - O censo demográfico IBGE/2000 e o senso comum

Os dados abaixo refletem a forma como os números são geralmente divulgados, ou seja, agrupando as denominações mais relevantes do campo religioso brasileiro.

Tabela 2 - Principais segmentos religiosos no Brasil

Religião	Total	%
Total	169.872.856	100,00%
Católica apostólica romana	124.980.132	73,57%
Católica apostólica brasileira	500.582	0,29%
Católica ortodoxa	38.060	0,02%
Evangélicas	26.184.941	15,41%
Outras cristãs	235.532	0,14%
Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias	199.645	0,12%
Testemunhas de Jeová	1.104.886	0,65%
Espírita	2.262.401	1,33%
Umbanda	397.431	0,23%
Candomblé	127.582	0,08%
Judaísmo	86.825	0,05%
Hinduísmo	2.905	0,00%
Islamismo	27.239	0,02%
Budismo	214.873	0,13%
Igreja messiânica mundial	109.310	0,06%
Sem religião	12.492.403	7,35%

(fonte:- censo IBGE/2000)

A mídia costuma informar apenas os grandes números. Excetuando-se o contingente católico, que foi a religião oficial e hegemônica, o maior contingente religioso e que vem crescendo acentuadamente, é o dos evangélicos. As notícias dão impressão de que há um vertiginoso crescimento dos evangélicos e um grande declínio do catolicismo. Da mesma forma, os grandes números fazem com que a quantidade de espíritas pareça

²⁷ Livros tidos como espíritas como os romances de Zibia Gasparetto têm grande apelo comercial e apesar do alto custo, se comparados com as obras doutrinárias, são muito vendidos tanto nas livrarias comerciais quanto nos centros espíritas.

muito pequena, se comparada ao número de evangélicos. E, pelo senso comum, tem-se a impressão de que o número de espíritas apontado pelo IBGE/2000 está abaixo do esperado. Há, principalmente, dois fatores que contribuem para isso. Passamos agora a tratar deles.

2.4.3 - O primeiro fator de divergência entre o senso comum e os dados oficiais

A comparação entre um agrupamento de denominações - *Evangélicas* - contra uma denominação específica - *Espíritas* - dá a impressão de que a quantidade de espíritas é menor do que realmente é. É muito menor do que a esperada por suas lideranças, dada a presença constante na mídia e outros fatores como a aparente, ou antes alegada, alta frequência aos centros espíritas. Lembramos que, sob o título *Evangélicas* estão dezenas de denominações. O quadro abaixo mostra como o IBGE agrupou as denominações e possibilita uma avaliação mais apropriada do contingente Espírita.

Tabela 3 - detalhamento dos contingentes religiosos

Total da população	169.872.856
Católica apostólica romana	124.980.132
Evangélicas	26.184.941
Evangélicas de missão	6.939.765
Luterana	1.062.145
Presbiteriana	981.064
Metodista	340.963
Batista	3.162.691
Congregacional	148.836
Adventista	1.209.842
outras de missão	34.224
Evangélicas de origem pentecostal	17.617.307
Assembléia de Deus	8.418.140
Cristã do Brasil	2.489.113
Brasil para Cristo	175.618
Evangelho quadrangular	1.318.805
Universal do reino de Deus	2.101.887
Casa da benção	128.676
Deus é amor	774.830
Maranata	277.342
Nova vida	92.315
Espírita	2.262.401

(fonte:- censo IBGE/2000)

Note-se que dentro do agrupamento *Evangélicas*²⁸ encontram-se quatro subgrupos, por Igrejas: *Evangélicas de missão*, *Evangélicas de origem pentecostal*, *Sem vínculo institucional* e *Outros evangélicos*. Além disso, dentro dos subgrupos ainda ocorrem agrupamentos como: *outras de missão*, *Outras igrejas de origem pentecostal*, *Evangélicos* e *Evangélicos de origem pentecostal* (esses dois dentro do subgrupo *Sem vínculo institucional*). O que ocorreu foi que o IBGE agrupou os contingentes menos significativos em termos de quantidade, dada a grande diversidade de denominações do contingente Evangélico.

Com esse detalhamento (ver Tabela 3 acima) das denominações que compõem o contingente agrupado sob o título *Evangélicas*, verificamos que a quantidade do contingente está pulverizada e passamos a destacar os contingentes mais significativos de cada subgrupo. No caso do subgrupo *Evangélicas de missão* destaca-se como o maior contingente a ***Igreja Batista*** (3.162.691), enquanto que no subgrupo *Evangélicas de origem pentecostal* destaca-se a ***Assembléia de Deus*** (8.418.140).

Munidos dessas informações, podemos reler o quadro inicial, passando a visualizar o número de Católicos (124.980.132) como sendo muito superior à maior denominação de todas as *Evangélicas*: *Assembléia de Deus* (8.418.140), e o número de *Espíritas* (2.262.401) torna-se muito mais comparável se tomamos as igrejas em separado, do que contra o conjunto de todas as *Evangélicas* (26.184.941). Partindo-se para uma análise classificatória, verificamos que o contingente *Espírita* é bastante relevante, se comparado contra as denominações específicas, assim se posicionando:

²⁸ Conforme definido pelo Censo IBGE/2000.

Tabela 4 - Espíritas, Igreja Católica Romana e Evangélicas²⁹

Religião	Total	Classificação
Católica apostólica romana	124.980.132	1
Assembléia de Deus	8.418.140	2
Batista	3.162.691	3
Cristã do Brasil	2.489.113	4
Espírita	2.262.401	5
Universal do reino de Deus	2.101.887	6
Evangelho quadrangular	1.318.805	7
Adventista	1.209.842	8
Luterana	1.062.145	9
Presbiteriana	981.064	10
Deus é amor	774.830	11
Outros evangélicos	581.383	12
Metodista	340.963	13
Maranata	277.342	14
Brasil para Cristo	175.618	15
Congregacional	148.836	16
Casa da benção	128.676	17

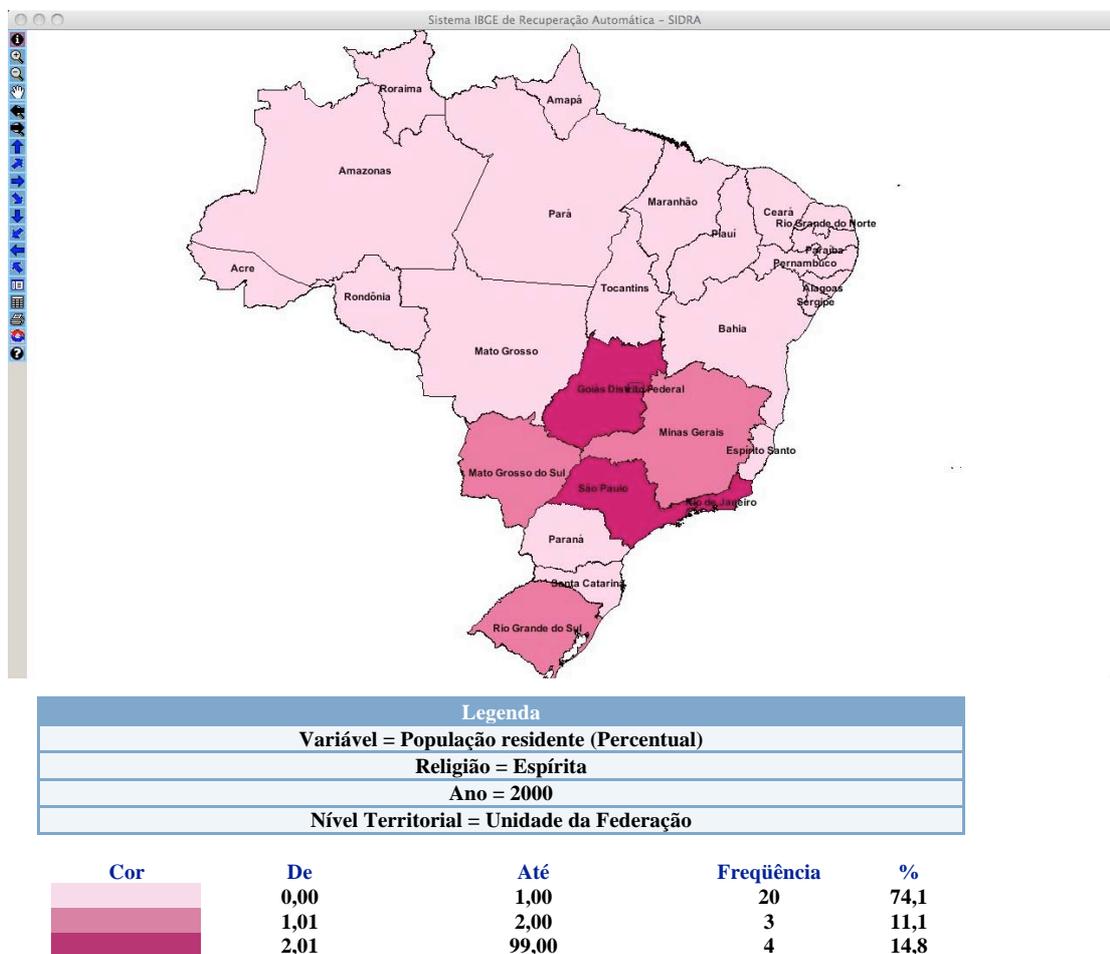
(fonte:- censo IBGE/2000)

O contingente *Espírita* está na quinta colocação, fica abaixo somente de duas denominações *Pentecostais* e de uma denominação de *Missão* – a Igreja Batista. Tem 8% mais adeptos que a *Universal do Reino de Deus*, quase o dobro da *Adventista*, e pouco mais que o dobro da *Luterana*. Assim, contrariando a visão das federativas, baseada no senso comum, o contingente Espírita é bastante relevante no campo religioso brasileiro quando comparado com as denominações específicas dos outros contingentes. Esse tipo de comparação é também mais plausível, porquanto próxima da realidade, principalmente porque, como veremos, a presença institucional espírita que entra em contato direto com o povo - o centro espírita - não está presente em todo o território nacional, como é o caso da Assembléia de Deus. De fato, os espíritas se concentram na região Sudeste, e, mais especificamente, em São Paulo.

O mapa seguinte, onde mostramos os contingentes espíritas em três cores - a mais clara indica populações com até 1%, a cor média entre 1,1% e 2%, e a cor mais escura acima de 2,1% de espíritas na população - por Unidade da Federação (UF), nos permite perceber o quão estão concentrados os espíritas, em termos territoriais:

²⁹ Somente as maiores denominações Evangélicas, em termos de quantidade de adeptos.

Mapa 1 – Distribuição do contingente espírita nos Estados do Brasil

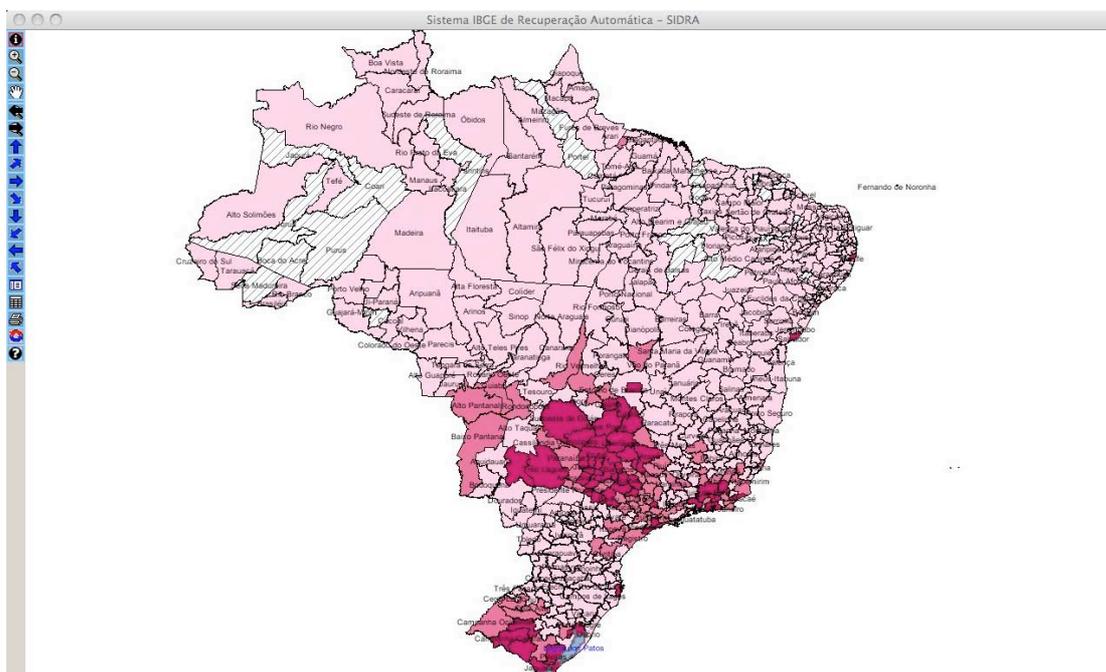


(fonte:- IBGE/2000 – cartograma gerado pelo Sistema IBGE de recuperação automática - SIDRA)

Observa-se que nas áreas mais escuras do mapa acima, as maiores concentrações percentuais de espíritas estão no Distrito Federal e nos estados de São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro, todos com mais de 2% de espíritas em suas populações. Depois, estão os estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, que têm entre 1,1% e 2% de espíritas em suas populações. Os outros 20 estados têm 1% ou menos de espíritas em suas populações.

Como os estados não têm uma distribuição uniforme do contingente elaboramos o mapa seguinte para percebermos se haveria um epicentro:

Mapa 2 – Distribuição do contingente espírita nas Micro-regiões do Brasil



Legenda				
Variável = População residente (Percentual)				
Religião = Espírita				
Ano = 2000				
Nível Territorial = Microrregião Geográfica				

Cor	De	Até	Frequência	%
	0,00	1,00	399	71,5
	1,01	2,00	72	12,9
	2,01	99,00	57	10,2

(fonte:- IBGE/2000 – cartograma gerado pelo Sistema IBGE de recuperação automática - SIDRA)

Como podemos perceber a mancha escura mais ampla esta situada nas divisas de Minas Gerais, São Paulo e Goiás, onde a micro região com maior percentual de espíritas encontra-se na Micro-região de Uberaba/MG, que tem 11,92% de espíritas, o que de imediato nos remete a interpretar este número como consequência da presença carismática de Chico Xavier nesta região, consolidando a região como um epicentro em termos de distribuição percentual de espíritas das Micro-regiões do Brasil.

O mapa nos permite concluir que o Espiritismo concentra-se na divisa dos Estados de Minas Gerais – concentrando-se no Oeste deste Estado; São Paulo – concentrando-se no Norte deste Estado; e Goiás - concentrando-se no Sul deste Estado. Próximo deste entroncamento, existem focos de concentração no Oeste do Rio de Janeiro. Fora deste entroncamento ocorrem concentrações no Sul do Rio Grande do Sul.

2.4.4 - O segundo fator de divergência entre o senso comum e os dados oficiais

“Esses dados não refletem, contudo, a disseminação das idéias espíritas no imaginário brasileiro. (...) Instituto Gallup em 1988, concluiu que 45,9% dos católicos ‘praticantes’ (...) ‘acreditam ou dizem acreditar em reencarnação’.” (STOLL, 2003, p. 52)

Na mídia, há grande exposição de temas que o imaginário popular brasileiro relaciona ao Espiritismo. Como exemplo recente podemos citar a novela *Alma Gêmea*, produzida pela Rede Globo de Televisão³⁰, cuja trama girava em torno de um casal com a segunda esposa sendo uma reencarnação da primeira. No campo editorial, a presença é ainda mais facilmente observada. Há uma grande produção de livros “psicografados”, classificados como romance espírita, nos quais o tema reencarnação é a tônica principal. Não podemos esquecer que o campo religioso brasileiro é fortemente influenciado pelas matrizes: Católica, Espírita e Afro-indígena, onde o trânsito entre a missa e a sessão espírita são comuns. E é nesse sentido que as instituições espíritas, considerando o grande público freqüentador, têm a impressão de que a quantidade de seus adeptos é muito superior a apontada pelo censo demográfico IBGE/2000. Conforme confirma o seguinte trecho de matéria publicada na revista VEJA:

[...] Segundo a Federação Espírita Brasileira, mais de 40 milhões de pessoas seguem a doutrina de Allan Kardec no Brasil. Apenas 2% dos brasileiros se dizem espíritas nos censos oficiais. A imensa maioria simplesmente acrescenta, sem drama de consciência, os ensinamentos de Kardec aos das religiões que professam oficialmente. (VEJA, 2007)

Dada a exposição da população à temática da reencarnação, tem-se a impressão de que muitos seguem a doutrina. Fenômeno similar ocorre com o *Budismo* no Brasil, conforme observa Usarski:

Como se se recitasse um “mantra” cujo efeito se intensifica a cada repetição, a mídia brasileira tem divulgado com uma regularidade imperturbável informações sobre o “avanço do Budismo”. Jornalistas e repórteres inspirados em fontes “obscuras” fazem com que seus leitores acreditem que o Budismo, devido à saída dos seus templos tradicionais, vem crescendo de maneira cada vez mais acelerada e já conta com até um milhão de fiéis no país. Para aumentar a credibilidade de tais estereótipos, são freqüentemente citadas celebridades como Claudia Raia, Betty Faria, Odete Lara, Lucélia Santos, Ney Matogrosso, Heródoto Barbeiro, Soninha Francine e outros, cujos depoimentos em nome do *dharma*, ou seja, a favor da doutrina budista e de suas práticas, são tratados como se fossem representativos de um processo maciço e irreversível da “orientalização” do campo religioso brasileiro. (USARSKI, 2007)

³⁰ Veiculada pela Rede Globo de Televisão no ano de 2006.

O senso comum entende que se a mídia veicula temas ligados às crenças Espíritas e cita nomes famosos como simpatizantes ou adeptos do Espiritismo³¹, então deve ocorrer uma proporcional adesão ao Espiritismo, o que não se confirma, pelos motivos que passaremos a explicitar.

2.5 O censo demográfico IBGE/2000: uma leitura para além dos números

A *Teoria da Escolha Racional*³² fundamenta-se no fato de que o ser humano faz escolhas racionais em termos de custo x benefício. Postula que a conversão para um determinado grupo religioso é uma escolha racional e, portanto, por mais desviante que seja um determinado grupo, seus adeptos não devem ser considerados loucos, pois a teoria provê um conjunto de referenciais teóricos que podem explicar essa escolha em termos racionais. Citamos duas obras fundamentais, de Rodney Stark, para o entendimento dessa teoria: *A theory of religion* (1996) – escrita com William S. Bainbridge - que contém os enunciados e a sistematização da teoria, e *O crescimento do cristianismo* (2006), onde a teoria é aplicada para explicar como o Cristianismo se tornou uma das principais religiões do planeta.

Especificamente para a nossa pesquisa, interessa um dos comportamentos analisados pela Teoria da Escolha Racional, com o objetivo de explicar a mecânica da adesão e procurar os motivos pelos quais, dos “trinta milhões” de simpatizantes, menos de três milhões se declaram *Espíritas* – os *free riders*, literalmente, caroneiros. Como demonstrado no Capítulo I, a teoria diz que pessoas procuram recompensas e evitam custos. As recompensas variam em tipo, valor e generalidade (Cf. STARK & BAINBRIDGE, 1996, p. 325), como as de ordem material ou espiritual. Existem também as instituições. Dentre elas, algumas têm como objetivo prover recompensas materiais e outras, como as igrejas ou grupos religiosos, recompensas espirituais. Podemos, portanto, falar em termos de economia da religião: há, de um lado, um mercado religioso que oferta

³¹ As duas edições citadas da revista VEJA, publicaram o nome de várias personalidades famosas do Brasil, principalmente artistas e políticos que ocupam cargos importantes.

³² A Teoria da Escolha Racional é sistematizada em sete (7) axiomas, cento e quatro (104) definições e trezentos e quarenta e quatro (344) proposições. Os axiomas tratam da busca das pessoas por recompensas e das recompensas. As definições trazem os conceitos: recompensa, custo, compensadores, religião, etc.. As proposições contêm a teoria propriamente dita, descrevendo comportamentos e resultados esperados em determinadas situações e contextos.

bens religiosos, com seus especialistas e produtores, e do outro lado, pessoas que buscam esses bens, escolhendo-os racionalmente em termos de custo x benefício, ou seja, o melhor benefício pelo menor custo.

Como consequência, a teoria postula que uma pessoa troca de religião porque descobre uma outra que lhe oferece algo mais do que a atual, desde que o custo dessa mudança seja baixo. Sendo assim, é muito provável que alguém, não totalmente satisfeito com o Catolicismo, se torne um evangélico e não um budista. O custo da mudança para uma igreja evangélica é bem menor, pois não exige que se abra mão de uma existência vivida sob uma mentalidade cristã ocidental e de língua portuguesa. Já uma conversão ao Budismo implicaria em uma reformulação profunda de sua cosmovisão, o início de uma longa jornada de aprendizado sobre a cultura oriental e, possivelmente, a necessidade de se aprender outra língua para poder entender e se aprofundar na nova crença. Da mesma forma, um evangélico se converterá muito mais facilmente para uma outra denominação evangélica, desde que essa ofereça algo que ele busca, pois o custo da mudança será baixo se comparado a um outro tipo de mentalidade não protestante, por exemplo.

Quando o Catolicismo deixou de ser a religião oficial do Estado, ocorreu uma abertura para que outras religiões se instalassem no Brasil. Segundo o raciocínio acima exposto, podemos afirmar que essas novas ofertas atraíram pessoas que estavam insatisfeitas, ou pelo menos não totalmente satisfeitas, com a Igreja Católica. Mais ainda, entendemos porque, dentre essas ofertas, as que tiveram sucesso foram as mais próximas do Catolicismo, portanto, as cristãs e ocidentais. Tais denominações proviam algo que faltava na Igreja Católica, tornando-as mais atraentes, ou seja, dotadas de um melhor custo x benefício que outras opções não cristãs.

O Espiritismo não foi exceção. Inicialmente, converteu os intelectuais republicanos norteados pelos aspectos positivistas. Em momento posterior, passou a atrair aqueles que se engajavam nos ideais nacionalistas de Getúlio Vargas. E, finalmente, passou a enfatizar que sua filiação cristã, pautada nos Evangelhos de Jesus, tornava-se uma alternativa para um público mais amplo (Cf. LEWGOY, 2004, p. 48-49). Tal afirmação pode ser verificada a partir dos dados abaixo, focalizando o salto ocorrido durante a década de 1940 e refletido no censo de 1950.

Tabela 5 - Evolução do contingente espírita no Brasil e em SP

Brasil	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Protestantes	1.074.857	1.741.430	2.824.775	4.814.728	7.885.846	13.189.294	26.184.941
Espíritas	463.400	824.553	977.561	1.178.293	859.516	1.644.344	2.262.401
População total	41.236.315	51.994.397	70.191.370	93.134.846	119.011.052	146.815.793	169.872.856
Protestantes	2,61%	3,35%	4,02%	5,17%	6,63%	8,98%	15,41%
Espíritas	1,12%	1,59%	1,39%	1,27%	0,72% ³³	1,12%	1,33%
SP	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Protestantes	175.934	318.199	574.733	1.013.498	1.808.174	2.757.358	5.931.989
Espíritas	155.037	242.972	244.022	289.926	298.450	560.545	779.324
População total	7.180.316	9.134.423	12.823.806	17.770.975	21.694.001	31.588.801	37.035.455
Protestantes	2,45%	3,48%	4,48%	5,70%	8,33%	8,73%	16,02%
Espíritas	2,16%	2,66%	1,90%	1,63%	1,38%	1,77%	2,10%

(fonte:- dados produzidos a partir dos censos do IBGE)

Fato que chama a atenção, nessa tabela, são os percentuais da população espírita em São Paulo, que sempre superaram o percentual nacional. Em especial no Censo de 1980, quando os contingentes Espíritas foram diferenciados entre Kardecistas e Afro-brasileiras, houve uma significativa queda no percentual nacional para os Kardecistas, enquanto que em São Paulo a queda foi menor. No capítulo referente aos impactos em São Paulo, voltaremos a tratar com pormenores a evolução do contingente paulista, comparando os espíritas com os contingentes evangélicos mais relevantes, separadamente.

Uma coisa é atrair pessoas, outra é mantê-las. A Teoria da Escolha Racional postula que os grupos religiosos com maior grau de tensão com o meio social, ou seja, aqueles que inibem as relações externas ao grupo provendo recompensas equivalentes, são mais capazes de converter e manter adeptos. No caso brasileiro, é fácil entender esse mecanismo comparando os contingentes evangélicos, nos quais observamos que o maior contingente pertence às denominações pentecostais que são grupos em maior tensão com o meio social, ou seja, estabelecem uma maior diferenciação com o meio secular. Quanto maior a tensão, ou seja, quanto mais o grupo for restritivo em relação à sociedade, maior é

33 A separação dos contingentes: espíritas, umbanda e candomblé (afro-brasileiros), efetuada no censo de 1980, provocou uma grande queda aparente no percentual do contingente, como observamos na tabela acima. De 1,27% em 1970 para 0,72% da população em 1980. Somando os contingentes que foram separados, o número seria 1,29%, o que sugere que estes contingentes voltaram a crescer em relação à população total. Os números para os anos seguintes, continuando a somar os contingentes, seriam 1,56% para 1991 e 1,64% para 2000.

o engajamento, como verificamos ao comparar os maiores contingentes evangélicos: a Assembléia de Deus, a maior do tipo restritiva, conta com 8.418.140 adeptos e a Igreja Batista, a maior do tipo liberal, com 3.162.691 adeptos. No gráfico acima é possível visualizar o momento no qual as Igrejas Pentecostais começaram a engrossar as fileiras do segmento Protestante. Nas décadas de 1950 e 1960, percebe-se o avanço do contingente protestante em relação ao Espírita. Os contingentes evangélicos foram separados somente no Censo de 1980, entre Protestantes Tradicionais e Pentecostais, quando os Pentecostais já compreendiam 49% do total dos Protestantes.

Aparentemente paradoxal, a explicação novamente recai sobre a abordagem custo x benefício. Na sociedade atual, o indivíduo tornou-se um buscador religioso. As demandas existenciais são complexas em uma sociedade globalizada e capitalista, na qual dificilmente uma religião terá respostas para tudo. Assim, um grande número de pessoas está aberto a novas ofertas religiosas que possam suprir algo que esteja faltando. Conseqüentemente, ao freqüentar um outro grupo religioso e encontrar um benefício, ocorre a avaliação da relação custo x benefício de uma possível mudança. Ora, se o outro grupo é liberal e não exige que a pessoa se converta, a lógica indica que ela pode obter o benefício sem o custo da conversão. Esses são os caroneiros, aos quais nos referimos anteriormente.

Conforme Camargo, existem três tipos de pessoas que freqüentam uma instituição Espírita: *ativos*, compostos por dirigentes, líderes institucionais e médiuns; *participantes*, aqueles que adotam a doutrina e participam dos trabalhos mas não desenvolvem sua mediunidade ou liderança e *eventuais* (ou *free riders* na TER), indivíduos que buscam apenas o conforto espiritual ou alívio para os problemas. Seguindo essa divisão e a lógica da teoria, torna-se fácil compreender os motivos do espanto da FEB e dos espíritas em geral, ao perceber que os números do IBGE não refletem o grande público que simpatiza com o Espiritismo, composto por aqueles que freqüentam os centros espíritas e que lêem os romances psicografados.

O Espiritismo, sendo uma religião de baixa tensão com o meio social, ou seja, com uma rede de relações extremamente aberta, bastante liberal em termos de comportamento - subordinados ao livre-arbítrio do indivíduo - permite que uma pessoa aja como um *free rider*. Ela pode usar o centro espírita como um provedor de serviços espirituais não encontrados na religião a qual a pessoa pertence.

Não guardam uma integridade doutrinária e apenas acidentalmente participam das atividades assistenciais. Não tentam pautar suas vidas por um código ético decorrente da doutrina. São os “interesseiros” do Espiritismo, que vão em busca de “passes” que acalmam e de palavras reconfortantes. (CAMARGO, 1961, p. 74-75)

As implicações do comportamento dos *free riders*, dependendo da proporção em relação ao contingente religioso, podem ser drásticas, levando ao que os teóricos chamam de *anemia institucional*, o que não permite o crescimento ou até mesmo a sobrevivência do grupo a longo prazo (Cf. IANNACCONE, 1994, p. 1185). Na Tabela 5 (p. 68), na qual mostramos a evolução do contingente espírita, podemos perceber que, em termos percentuais, o Espiritismo parece ter estacionado em um patamar próximo a 1,5% da população total. Sob o ponto de vista teórico, nos parece que este é o patamar que representa o real número de adeptos, que consideraram a proposta espírita como a que lhes oferece o melhor equilíbrio em termos de custo x benefício, optando racionalmente por aderir à sua proposta e vivenciá-la. Os dados abaixo mostram qual o perfil deste público:

Tabela 6 - Distribuição dos principais contingentes religiosos por renda

Salário mínimo	Pop. total	Católica	Missão	Pentecostal	Espírita	Umb. Cand.	outros	sem religião
Até 1/2	5,48%	5,82%	3,83%	5,33%	1,14%	2,63%	3,79%	4,82%
Mais de 1/2 a 1	17,87%	18,24%	14,44%	18,98%	6,55%	13,87%	14,49%	18,62%
Mais de 1 a 2	23,46%	24,99%	24,53%	29,59%	15,06%	26,18%	24,44%	28,16%
Mais de 2 a 3	12,60%	12,23%	13,02%	14,64%	10,81%	14,10%	13,55%	13,50%
Mais de 3 a 5	12,76%	12,35%	14,77%	13,48%	16,68%	16,57%	14,82%	13,15%
Mais de 5 a 10	11,08%	10,80%	14,02%	9,28%	24,34%	15,40%	14,10%	10,34%
Mais de 10 a 15	2,81%	2,75%	3,58%	1,66%	8,76%	4,23%	3,83%	2,68%
Mais de 15 a 20	1,82%	1,80%	2,17%	0,86%	6,16%	2,49%	2,73%	1,81%
Mais de 20 a 30	1,05%	1,03%	1,18%	0,38%	3,84%	1,36%	1,52%	1,15%
Mais de 30	1,44%	1,44%	1,51%	0,47%	4,41%	1,37%	2,59%	1,59%
Sem rendimento	7,64%	8,56%	6,97%	5,32%	2,24%	1,79%	4,14%	4,19%

(fonte:- censo IBGE/2000)

Podemos verificar que a concentração do contingente *Espírita* se dá na faixa de 5 a 10 salários mínimos, ou seja, três faixas acima da concentração dos outros contingentes. E nas últimas faixas, as de maior renda, os percentuais de concentração dos espíritas é muito superior aos dos outros grupos. A isso, somamos o fato de que o contingente espírita é, em termos gerais, mais instruído que a média dos seguidores das outras denominações. Pelo quadro acima, observamos que a concentração do contingente *Espírita* se dá na faixa de 11 a 14 anos de estudo, duas faixas acima da concentração dos outros contingentes. E, na

última faixa superior, a concentração percentual dos espíritas é muito superior aos outros grupos.

Tabela 7 - Anos de estudo - distribuição dos adeptos dentro dos principais contingentes religiosos

Anos de estudo	População total	Católica	Missão	Pentecostal	Espírita	Umb. Cand.	Outros	sem religião
Sem ou <1 ano	11,63%	12,16%	6,25%	11,87%	2,30%	6,37%	7,30%	12,49%
1 a 3 anos	16,16%	16,64%	11,34%	17,76%	4,71%	10,57%	11,75%	15,95%
4 a 7 anos	31,42%	31,16%	29,28%	35,63%	15,52%	30,06%	28,95%	33,74%
8 a 10 anos	17,39%	16,86%	21,02%	18,59%	17,98%	21,04%	21,12%	17,59%
11 a 14 anos	17,53%	17,28%	24,93%	13,67%	37,95%	24,16%	22,95%	14,74%
15 anos ou mais	4,94%	4,94%	6,42%	1,55%	21,11%	7,16%	7,19%	4,66%
Não determinados	0,93%	0,96%	0,76%	0,93%	0,42%	0,64%	0,73%	0,83%

(fonte:- censo IBGE/2000)

Pelas características apontadas acima, percebemos que o Espiritismo tem grande aceitação entre aquela parcela da população com alto poder de renda e educação, o que está de acordo com as premissas teóricas de uma proposta que imputa ao indivíduo grande liberdade e responsabilidade por seus atos. Esse perfil de indivíduo, só excepcionalmente se sujeitaria a uma religião restritiva, pois com o seu nível de educação e renda, teria muito a perder ao entrar em uma rede social mais fechada, incorrendo em um alto custo ao abrir mão de sua rede no meio social secularizado.

Uma grande quantidade de *free riders*, que nos parece o caso do que ocorre no meio espírita, provoca perdas significativas na economia de uma religião, seja no aspecto da empolgação dos participantes, seja nos gastos para manter a instituição, pois os recursos que provêm dos adeptos são distribuídos por todos, incluindo os que não aderem, baixando a média da produção religiosa do grupo e refletindo negativamente sobre os adeptos. Uma forma de se eliminar os *free riders*, fortalecer o grupo e permitir aumentar o número de adesões é o estabelecimento de um grau de tensão ideal com o meio, impondo restrições tais que façam com que os freqüentadores “interesseiros” entendam que há um custo envolvido em sua participação e escolham racionalmente por eliminar esse custo deixando o grupo ou decidam-se pela adesão. Por fim, vale lembrar que, assim como um baixo grau de tensão pode causar a falência do grupo pela alta quantidade de *free riders*, um alto grau de tensão resulta em sectarismo (IANNACCONI, 1994, p. 1201 ss.).

Acreditamos que identificamos um elemento importante para entender a problemática da adesão ao Espiritismo, em posicionamentos da FEB, e com eco na federativa paulista (USE), uma fala institucionalizada, que vai na linha do “politicamente correto” de que o Espiritismo, pelo menos o institucional representado pelas federativas e centros unidos, não deseja converter as pessoas, que não é proselitista. Porém, como verificamos ao longo deste capítulo, há uma forte rejeição aos números do IBGE e buscase desqualificar o censo oficial. O que, acreditamos, envia uma mensagem ambígua para as lideranças dos centros espíritas que não atuam no sentido de obter mais adeptos, criando um ciclo vicioso.

Encontramos, com referência a adesão e papel das sociedades espíritas, a seguinte posição de Kardec que frontalmente contraria a fala politicamente correta das federativas brasileiras, que dizem não ser necessário obter adeptos mas sim difundir a crença espírita:

[...] **Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária.** Tais, porém, não são os desígnios de Deus. Para o objetivo providencial, portanto, é que **devem tender todas as Sociedades espíritas sérias, agrupando todos os que se achem animados dos mesmos sentimentos.** Então, haverá união entre elas, simpatia, fraternidade, em vez de vão e pueril antagonismo, nascido do amor-próprio, mais de palavras do que de fatos; então, **elas serão fortes e poderosas [...]** **Essa a estrada pela qual temos procurado com esforço fazer que o Espiritismo enverede.** A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do globo, **congregados tantos homens, por compreenderem que aí é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade.** Convidamos, pois, todas as Sociedades espíritas a colaborar nessa grande obra. (KARDEC, 1993, p. 442-443) (grifo nosso)

Portanto, a fala em confronto com a leitura e estudo de *O Livro dos Médiuns*, do qual retiramos a citação acima, produz uma recepção ambígua da mensagem federativa que se diz totalmente alinhada com Kardec e contraria uma fala dele.

Outra posição geradora de ambigüidade para a ação na linha de frente com o público nos centros espíritas, que inclusive foi combatida pelas lideranças paulistas, é a fala da FEB de que todo fenômeno mediúcnico é Espiritismo, demonstrando uma tentativa da FEB de incluir em seu contingente outras expressões religiosas que usam a mediunidade, que seria uma forma de aumentar a quantidade de adeptos, contradizendo o discurso de não enfatizar a quantidade mas sim a qualidade, o que contraria a fala que nega o proselitismo. Portanto, há uma fala que aspira ao ideal institucional de que o

Espiritismo, por si, desde que bem difundido, fará adeptos, mas, as reações formais da FEB, quando parece falar na mídia em nome do Espiritismo brasileiro, acaba por enviar uma mensagem que irá causar impactos na operacionalização das atividades dos centros espíritas, causando um impacto negativo no crescimento do Espiritismo, por permitir que ocorram ambigüidades na fala e na ação dos centros espíritas, os quais entram em contato direto com a população, que desconhecendo o Espiritismo e ouvindo da boca dos dirigentes e trabalhadores espíritas que não desejam fazer adeptos, juntamente com a forma em que se organiza um centro espírita, ou seja, para prestar socorro espiritual e material gratuitos, sem compromisso de adesão, irá resultar em um comportamento do tipo *free rider*. Evidentemente haverá adesões, mas em quantidade muito menor do que a dos freqüentadores, até porque, normalmente, as pessoas passam a se dizer espíritas ao se engajarem nos trabalhos como trabalhadores do centro espírita, o que ocorre se a pessoa perceber uma necessidade do centro, em termos de pessoal e/ou financeiro, o que lhe permitirá incluir-se no grupo. Na maioria das vezes, a própria configuração espacial dos centros espíritas, institucionalmente formulada, que lembra as repartições públicas (secretaria, livraria, biblioteca, salas de estudos, salas de passes, salão de palestras), aliada à postura dos trabalhadores, que, no geral, busca transmitir seriedade, organização e eficiência, junto com o pressuposto de que quem vai buscar ajuda é um necessitado, pode transmitir a impressão de que o centro espírita é um prestador de serviços, o que propicia um comportamento do tipo *free rider*, tendo impacto direto no crescimento do contingente espírita. Visitamos centros espíritas tão bem estruturados que seriam o sonho de uma empresa comercial, em termos de eficiência para a prestação de serviços, porém em termos de religião contribuem mais para afastar do que para incluir as pessoas no grupo. O grau de organização é tão alto que passa a imagem de que o centro espírita vai muito bem sem necessitar de colaboradores, tanto para o trabalho, quanto para a manutenção material. Logicamente se divulgam as ações sociais do centro e se pede colaboração para elas, mas de tal forma que basta a pessoa contribuir sem se engajar, de uma forma muito cômoda totalmente em sintonia com a mentalidade contemporânea que privilegia um alívio da consciência sem ter que investir tempo e dedicação.

Capítulo III - A institucionalização do Espiritismo em São Paulo e seus impactos

Neste capítulo, iremos resgatar a história do Espiritismo em São Paulo, focando o processo de legitimação da federativa paulista (USE), entidade oficial junto ao Conselho Federativo Nacional (CFN) da Federação Espírita Brasileira (FEB). Ao longo deste processo, procuraremos identificar as ações que tiveram impacto, positivo ou negativo, no crescimento do contingente espírita paulista, ou seja, das pessoas que se declaram espíritas para o IBGE. Também faremos um levantamento da atual situação das lideranças paulistas - instituídas, de fato ou de direito, legitimadas ou não - que exerçam funções federativas, o que nos remete à Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) e à Aliança Espírita Evangélica (AEE). Para tanto procederemos da seguinte forma: descreveremos as peculiaridades do Movimento Espírita paulista; relataremos o processo de unificação das federativas ocorrido em São Paulo; analisaremos as federativas paulistas buscando identificar, respectivamente, suas missões, objetivos, representatividade, legitimação e atuação no Estado de São Paulo; identificaremos os impactos, historicamente verificáveis, destas federativas no processo de adesão ao Espiritismo.

3.1 - O Movimento Espírita paulista

Empiricamente, as instituições estão sempre mudando à medida que mudam as exigências da atividade humana sobre as quais elas se baseiam. As instituições estão sempre ameaçadas não só pelos estragos do tempo, como também pelos conflitos e discrepâncias entre os grupos cujas atividades elas pretendem regular. (BERGER, 2003, p. 49)

A institucionalização do Espiritismo – para nossa pesquisa objetivada na Federação Espírita Brasileira (FEB) em nível nacional e na União das Sociedades Espíritas (USE) no Estado de São Paulo - se deu de forma diferente e inédita em relação ao modelo francês da época de Kardec. Ao constituir a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), Kardec enfatizou que a entidade não tinha a missão de ser reguladora, nem tampouco representativa; antes seria uma entidade de pesquisa e difusão do Espiritismo, irmanando-se às outras para troca de informações (Cf. KARDEC, 2006-a [1861], p. 544-545). O nascimento da Federação Espírita Brasileira, na direção oposta, se deu para unir os grupos espíritas a fim de garantir a sobrevivência do Espiritismo no Brasil, possibilitar o

enfrentamento com a Igreja Católica e garantir a fidelidade doutrinária dos grupos nascentes.

Desde as primeiras tentativas de se constituir uma representatividade, ocorreram disputas entre os grupos fundamentados nas diferentes ênfases do chamado tríplice aspecto do Espiritismo – filosofia, ciência e religião. Ao que nos parece, a tentativa de estabelecer uma federativa foi encaminhada de forma reativa e não pró-ativa, ou seja, muito mais voltada para resolver as situações de enfrentamento, visando garantir a sobrevivência dos grupos espíritas, do que para organizar e desenvolver o Espiritismo no Brasil. Cremos que isto se deveu à repulsa dos espíritas em perder sua autonomia, seja como indivíduos, seja como grupos. Por outro lado, a energia gasta nessas disputas impediu que o Espiritismo se consolidasse institucionalmente de forma legitimada por todos os grupos. A aparente estabilidade das federativas encobre o silenciamento de indivíduos e grupos que não concordam com o formato que o Espiritismo tomou no Brasil. A ênfase no aspecto religioso, tomada do ambiente social brasileiro, minimiza, se não anula, os outros aspectos doutrinários, e contribui para que os indivíduos e grupos mais intelectualizados não tenham representatividade, se afastem das federativas ou até mesmo se desliguem do Movimento Espírita.

[...] alimentando um círculo vicioso onde todos se arvoravam ao direito de liderança. A princípio, São Paulo não tinha nenhuma entidade coordenadora do movimento; a cidade, de repente, se vê engolfada por quatro no curto espaço de dez anos. [...] Edgar Armond, com apoio dos conselheiros da Federação, resolveu deflagrar um movimento para encontrar uma solução para o problema e promover a unificação das Sociedades Espíritas. [...] De uma primeira comissão, formada por diretores da Federação, chegou-se a uma segunda, composta pelas quatro entidades e à decisão de preparar um evento expressivo, que reunisse boa parte dos espíritas da capital e do interior.
(MONTEIRO; D'OLIVO, 1997, p. 46)

O Movimento Espírita paulista caracteriza-se pela sua pujança. Surgiram concomitantemente grupos muito importantes que passaram naturalmente a construir suas redes, gerando vários centros como pólo de adesão e aumentando a divisão do Movimento Espírita. Desde que esta situação se caracterizou, buscou-se a unificação em torno de uma entidade representativa. Algumas vezes a FEB interferiu de maneira indireta, seja não prestigiando eventos promovidos pelas nascentes entidades representativas paulistas, seja convidando líderes que estavam prestes a se unir para compor com novas entidades

patrocinadas pela FEB em São Paulo. Após décadas de tentativas para a unificação, chegou-se ao consenso de que os diretores das quatro principais entidades³⁴ comporiam o conselho federativo de uma nova entidade, passando a abrir mão das atividades federativas e repassando os centros a elas unidos para a nova entidade. Assim se procedeu e foi criada a entidade que hoje tem o nome de União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE. (Cf. MONTEIRO; D’OLIVO, 1997, p. 43-46, p. 63, p. 86-87).

3.2 - As entidades federativas do Movimento Espírita paulista

O Movimento Espírita se constitui de um grande número de instituições que representam os espíritas no âmbito estadual, que, por sua vez, são unidas às suas equivalentes em outros estados e à FEB em nível nacional. As instituições são qualificadas, dentro do Movimento Espírita, segundo o foco de sua ação. Assim, temos:

- a. *Federativas*: instituições voltadas para unir e representar outras instituições espíritas em nível estadual, que trabalham em conjunto com a FEB, sem estar a ela subordinadas, mas, antes, unidas solidariamente, no que se denomina Conselho Federativo Nacional (CFN);
- b. *Especializadas*: instituições que representam segmentos, normalmente de profissionais liberais, e.g. Associação Médico-espírita (AME) e Associação dos Divulgadores do Espiritismo (ADE);
- c. *Centros Espíritas*: nível institucional mais próximo da sociedade; também denominados de *Casas Espíritas*, *Grupos Espíritas* ou *Sociedades Espíritas*, serão analisados, em suas relações com as federativas, vez que são o espaço em que se concretizam as diretrizes federativas que impactam no processo de adesão ao Espiritismo.

Nossa pesquisa tem como objeto a ação institucional federativa, ou seja, do órgão que representa todas as outras instituições espíritas em âmbito estadual, normalmente tendo em seu nome a palavra FEDERAÇÃO, e.g. *Federação Espírita do Paraná* (FEP). Porém, nem sempre a federativa tem o prefixo FEDERAÇÃO, como ocorre no Rio de Janeiro, onde a federativa é o *Conselho Espírita do Rio de Janeiro* (CERJ). Trata-se, na verdade, de um órgão resultante da fusão de duas federativas, motivada pela união dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara. Como no Rio de Janeiro já existia a Federação

³⁴ União Federativa Espírita Paulista, Liga Espírita do Estado de São Paulo, Sinagoga Espírita Nova Jerusalém e Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Espírita do Rio de Janeiro, o acordo entre as instituições preferiu criar uma nova entidade federativa para acomodar as duas anteriores sem preterir uma em relação à outra.

No caso de São Paulo, há mais de 60 anos ocorreu um pacto para fundir as lideranças em uma única federativa, a *União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo* (USE), o que não impediu a *Federação Espírita do Estado de São Paulo* (FEESP) de voltar a ter uma área federativa atuante. Não obstante, ao longo do tempo, surgiu a *Aliança Evangélica Espírita* (AEE), que não participou do pacto, e que, apesar de não se dizer uma federativa, comporta-se como tal.

3.2.1 – USE: a federativa oficial em SP

Em 1933, ainda não havia uma entidade federativa para unificar e representar os espíritas paulistas, não existindo intercâmbio entre os centros espíritas e nem destes com a Federação Espírita Brasileira. Naquele ano, foi criada a União Federativa Espírita Paulista (UFEP) que não conseguia exercer as funções de um órgão unificador e orientador do Movimento Espírita paulista, e, adicionalmente, não se aproximou de uma importante instituição espírita da época, que tinha em seus quadros valorosos espíritas. Era a Associação Espírita São Pedro e São Paulo que tratou de criar uma federação atuante, resultando no nascimento da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), fundada em 12 de julho de 1936. A UFEP entrou em crise em 1940, o que permitiu que muitos de seus líderes se transferissem para a FEESP (Cf. ARY LEX, 1996, p. 96-97).

Em 1945, existiam quatro entidades com propósitos federativos em São Paulo: FEESP, UFEP, Liga Espírita do Estado de São Paulo e Sinagoga Espírita Nova Jerusalém. Porém, não havia intercâmbio entre elas, o que se refletia no isolamento dos centros espíritas. Em 1946 representantes das quatro instituições constituíram uma comissão para unificar os espíritas paulistas. Em junho de 1947, ocorreu o Congresso Espírita do Estado de São Paulo do qual surgiram 34 teses propondo soluções para tratar do problema da unificação paulista. Dentre elas, venceu a tese de Edgard Armond que propôs a criação da União Social Espírita (USE), que teve seu nome alterado para União das Sociedades Espíritas, que passaria a ser o órgão unificador e representativo do Movimento Espírita em São Paulo, ou seja, a federativa paulista. No mesmo ano de sua criação, a USE propôs para

as outras federativas estaduais a realização de um Congresso de Unificação Espírita Nacional, o que não recebeu apoio da FEB que considerou a proposta inoportuna. A USE, então, assumiu a coordenação dos trabalhos para a realização do congresso, que teria alcance nacional visando a unificação tanto nos Estados quanto no Brasil. O congresso realizou-se em São Paulo, entre 31 de outubro e 5 de novembro de 1948, resultando na assinatura do protocolo de unificação nacional, conhecido como Pacto Áureo, em 5 de outubro de 1949, na sede da FEB no Rio de Janeiro, criando-se o Conselho Federativo Nacional que uniria todas as federativas estaduais, unificando o Movimento Espírita brasileiro. Porém, de fato, a unificação se daria ao longo do tempo, pois, havia divergências de opinião entre a USE e a FEB (Cf. ARY LEX, 1996, p. 123-131).

Portanto, ao contrário do que normalmente se pensa, inclusive nos meios acadêmicos, a federativa oficial do Estado de São Paulo é a *União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo* (USE). Fruto de um longo e laborioso processo de unificação das lideranças e casas espíritas em São Paulo, ela foi fundada em 1947. A USE é composta de 1.300 centros espíritas em todo o Estado de São Paulo, os quais também representa. Estrutura-se em 24 órgãos Regionais, que agrupam 84 Intermunicipais, 11 Municipais e 20 Distritais³⁵. Sua organização obedece a seguinte estrutura³⁶:

³⁵ Dados obtidos no site da USE – <http://use-sp.com.br/indexold.html> - acesso em 13 de outubro de 2008.

³⁶ Ibid.

Figura 1 – Organograma da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo



* Sociedades Patrocinadoras:

Federação Espírita do Estado de São Paulo

Liga Espírita do Estado de São Paulo

Sinagoga Espírita Nova Jerusalém

União Federativa Espírita Paulista

(fonte: *site* da USE - <http://www.use-sp.com.br>)

Ao contrário do que ocorre no restante do país, a USE não tem em seu nome o termo Federação, pois uma das entidades que compôs o seu quadro diretivo foi a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), que perdura até a presente data e ainda é a entidade mais conhecida do Movimento Espírita paulista.

A FEESP é uma das instituições que compõem o Conselho Diretivo da USE como entidade patrocinadora, porém, contrariando o acordo de unificação, voltou a federar abertamente, como demonstra a seguinte estrutura de sua Diretoria Executiva, onde aparece à direita, uma área federativa:

Figura 2 – Estrutura da FEESP



(fonte:- site da FEESP – www.feesp.org.br - acesso em 18/05/2007)

A FEESP, na prática, comporta-se como a federativa paulista, já que seu nome, muitas vezes, induz os novos centros a aderirem a ela e não à USE. Construiu-se socialmente - não só pelo nome, como pela história e pelas suas atividades - o senso comum de que ela é a federativa paulista e que, portanto, é lógico e evidente unir-se a ela, ou buscá-la para verificar as posições do Movimento Espírita Paulista. A USE, por sua vez, não conseguiu até a presente data consolidar a sua representatividade junto ao Movimento Espírita, tanto o paulista como o nacional, nem perante a sociedade. Tal afirmação encontra respaldo nas pesquisas, sejam jornalísticas ou acadêmicas, que, via de regra, acessam a FEESP e não a USE para obter dados sobre o Espiritismo em São Paulo. Outro fato que corrobora essa afirmação é o desconhecimento por parte de muitos líderes espíritas, tanto paulistas quanto de outros estados, de que a USE é a federativa paulista.

Um exemplo notável é o muito citado trabalho dos pesquisadores Aubrée e Laplantine (1990) que enfatizou o papel da FEESP como federativa, relegando ao esquecimento a USE, que então já unificava 1.300 centros espíritas em todo o Estado e tinha um histórico de forte impacto no Movimento Espírita brasileiro. Talvez esse domínio da FEESP advenha não só da sigla como também das estratégias da FEESP, que funciona, diferentemente da USE, como um gigantesco centro espírita, provendo as atividades padrão do Espiritismo Kardecista e mantendo mecanismos para introduzir os freqüentadores em suas atividades, num procedimento que Camargo chamou de “aliciamento” (Cf. CAMARGO, 1961, p. 29-30).

3.2.2 – Federativas paralelas

A Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), atualmente, se define como “uma organização religiosa, filantrópica, assistencial e cultural, sem fins lucrativos”³⁷, tendo como finalidades consignadas no Artigo 2º. do seu Estatuto:

- I. o ensino, o estudo, a prática e a difusão do Espiritismo no seu tríplice aspecto – religioso, filosófico e científico – de conformidade com as obras da Codificação de Allan Kardec;
- II. a criação, manutenção e a orientação de instituições e serviços assistenciais de amparo e reajustamento às crianças, aos idosos, às gestantes, às famílias e aos demais carentes e marginalizados objetivando a sua inserção e reintegração na sociedade;
- III. o progresso espiritual do homem, objetivando a solução dos seus problemas pessoais e sociais com fundamento no Evangelho de Jesus Cristo à Luz da Doutrina Espírita;
- IV. a coligação de Centros Espíritas no âmbito do Estado de São Paulo.**
(Assembléia Geral Extraordinária de 27.09.2007) (grifo nosso)

A Aliança Espírita Evangélica (AEE) foi fundada em 4 de dezembro de 1973. Define-se como “uma associação religiosa, filantrópica, cultural, sem finalidade lucrativa”³⁸, tendo como finalidades:

Art. 2º - São finalidades da ALIANÇA: difundir pelos meios que julgar conveniente o Espiritismo religioso, segundo a Codificação Kardecista, como revivescência na atualidade, do Cristianismo primitivo verdadeiro; promover obras de caráter filantrópico e manter serviços assistenciais gratuitos, sem distinção de raça, cor, credo e sexo; criar e administrar a Editora Aliança e o Jornal denominado 'O TREVO', cujas receitas serão objeto de manutenção da ALIANÇA. **Parágrafo Único:** A ALIANÇA adotará os programas contidos no Livro *Vivência do Espiritismo Religioso*, editado pela Editora Aliança. (Estatuto da Aliança Espírita Evangélica)

Como o próprio nome sugere, a Aliança Espírita Evangélica promove a união de centros espíritas com base em sua proposta do que seja Espiritismo e de como vivenciá-lo, com ênfase no aspecto religioso pela vivência evangélica. É um grupo fundado por Edgard Armond, atuante líder da FEESP e um dos fundadores da USE. Ao que parece, Armond não estava satisfeito com a prática espírita vivenciada tanto na FEESP como na USE e

³⁷ Conforme consta no documento: ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DE 27.09.2007 obtido no site da FEESP: www.feesp.org.br – acesso em 15/11/2008.

³⁸ Conforme obtido no ESTATUTO DA ALIANÇA ESPÍRITA EVANGÉLICA, no site da AEE - www.alianca.org.br, acesso em 18/05/2007

organizou a AEE, que é considerado um grupo mais radical em termos de disciplina em sua organização.

Encontramos a seguinte nota em um *site* sobre Espiritismo na *internet*, com referência a FEESP e AEE e a atuação de Edgard Armond:

Aliança Espírita e Federação Espírita

26/06/2003 - *Por que a disciplina dos centros da aliança espírita é mais rigorosa que outros centros? Qual a diferença entre Edgar Armond e Allan Kardec? Qual a diferença entre a Federação Espírita e Aliança Espírita?*

Os centros espíritas são instituições livres, que quando adotam a orientação Kardecista, se obrigam a ser coerentes com o que ensinou Allan Kardec. Maior ou menor rigor nesta ou noutra face das atividades dos centros, dependem de cada diretoria.

Não sabemos no que a Aliança Espírita Evangélica é mais rigorosa, pois não conhecemos a sua intimidade. Sabemos sim, que eles tem em alta conta os evangelhos, e acham que através dos evangelhos que o mundo pode se regenerar. Há um estímulo muito forte para o que eles chamam de reforma íntima.

[...] Edgard Armond foi um seguidor do Espiritismo. Grande organizador, fez todo o plano das escolas da Federação Espírita do Estado de São Paulo, dando a impulsão para as escolas de espiritismo que depois surgiram em muitos lugares.[...]Foi o criador da Aliança Espírita Evangélica, juntamente com alguns dos seus mais diretos colaboradores.

Entretanto, Edgard Armond tinha grande conhecimento das doutrinas orientalistas e há os que o acusam de orientalizar o Espiritismo. Criou os passes padronizados e os denominou Pasteur 1 – 2 – 3 etc – sendo cada tipo de passes, com inúmeros movimentos das mãos, para cada tipo de problema. **Tanto a FEESP como a Aliança são entidades que federam centros espíritas e colocam nos centros federados os seus modelos de Doutrina e os seus cursos de Espiritismo.** (grifo nosso)

(fonte:- <http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/p0925.html> - acesso em 25/05/2009)

A USE, apesar de ser a federativa oficial reconhecida pelo CFN da FEB, não tem hegemonia dentro do Movimento Espírita Paulista. Não obstante, nossas pesquisas apontam que a USE cobre mais e melhor o território paulista, como poderemos ver quando tratarmos das principais regiões em termos de contingente espírita. Por esse motivo, elegemos a USE e seus posicionamentos para focar nossas análises sobre o impacto federativo no crescimento do contingente espírita em SP.

3.3 – Impacto da institucionalização Paulista na adesão ao Espiritismo

A urbanização é citada como fator determinante para o crescimento das religiões mediúnicas, pois elas atendem às demandas dos indivíduos em uma situação de crise, provendo explicações que a tradição não possui, permitindo sua integração neste contexto

(Cf. CAMARGO, 1961, p. 68, 80, 93, 96). Assim, chegamos a um momento específico na trajetória do Espiritismo no Brasil. A sua assimilação se deu a partir da Bahia e do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX; institucionalizando-se como uma nova opção religiosa no entorno da FEB ainda no Rio de Janeiro e experimentando um significativo crescimento na década de 1950, já dialogando com as demandas do ambiente urbano-industrial. Esse movimento pôde ser especialmente observado em São Paulo, onde pudemos verificar uma alta competitividade para estabelecer uma liderança unificadora, representativa do Movimento Espírita, na tentativa de unir e padronizar as entidades espíritas para consolidar o Kardecismo, oposto ao Espiritismo, de maneira mais geral.

Foi na década de 1940 que Chico Xavier - modelo nacional do modo de ser espírita - consolidou o gênero literário do romance como uma forma de abranger um maior número de leitores, e, assim, difundir um modelo de ser espírita baseado na santidade católica, concretizado no seu próprio modo de vida e objetivado nos romances mediúnicos, de autoria espiritual de seu guia Emmanuel (Cf. STOLL, 2003). Estes romances, além de servirem de exemplo de conduta moral e ética, aproximavam o Espiritismo de um modo de ser católico, contribuindo muito para consolidar o Espiritismo como uma nova religião cristã e evangélica, fazendo com que o Espiritismo fosse plausível, não só como uma religião mediúnica – como os cultos afro – mas também como uma religião cristã – como o catolicismo e o protestantismo.

O fato em si é patente. Os dados do IBGE, somando 824.553 espíritas em 1950, revelam de modo inadequado (devido às declarações incorretas e à duplicidade de religião) o crescente ímpeto de formas religiosas que se organizam em "terreiros", "tendas" e sessões espíritas. O impacto dessa solução religiosa não se faz sentir apenas nos fiéis "ortodoxos", que adotando uma ou outra modalidade, se confessam seguidores da Umbanda ou Kardecistas. É igualmente importante por sua penetração difusa, por sua capacidade de influenciar amplos setores da população que, potencial ou atualmente, esperam de suas práticas a cura das doenças e o consolo espiritual. (CAMARGO, 1961, p. XI)

Esta plausibilidade seria comprovada, numericamente, na década de 1950, com o significativo crescimento do contingente espírita apontado pelo IBGE. Tão significativo foi esse crescimento e seu impacto que a academia sentiu-se estimulada a realizar a primeira grande pesquisa sociológica sobre as religiões mediúnicas, que se consolidou no clássico *Kardecismo e Umbanda*, organizado por Camargo e editado em 1961, conforme podemos verificar já na introdução desta obra, no trecho acima citado.

Na fala de Camargo, percebemos que ele trata de Espiritismo referindo-se tanto a Umbanda quanto ao Kardecismo. Aliás, o próprio termo Kardecismo já indica que o termo Espiritismo não identificava apenas os adeptos da doutrina de Kardec, e que em seu lugar surgiu um termo para tanto. Ao longo da primeira metade do séc. XX, as federativas atuaram fortemente para diferenciar o Espiritismo dos cultos afro, principalmente da Umbanda. O que resultou, a contra-gosto dos espíritas, na criação de termos como *mesa-branca* e, mais tarde, em resposta à forte atuação federativa, foi cunhado o termo *Kardecismo*, ambos fora do âmbito institucional e, portanto, até hoje rejeitados pela ortodoxia.

Neste processo de resgate identitário, em conformidade com a doutrina, ocorreram posicionamentos da FEB, que foram questionados e rejeitados pelo Movimento Espírita paulista, dentre eles a defesa da pertença de todo fenômeno mediúcnico ao Espiritismo. Outra fonte de conflitos entre os paulistas e a FEB foi a interferência desta nas tentativas de unificação das lideranças paulistas. Sempre que um grande centro tentava legitimar-se como uma federativa, a FEB intensificava suas relações com os outros pretendentes. A FEB também boicotou a realização de congressos que visavam a unificação dos espíritas em âmbito nacional, pois sentia-se ameaçada pela pujança do Movimento Espírita paulista (Cf. ARY LEX, 2001, p. 79).

A força das lideranças paulistas pode ser medida pelo jornal publicado por Batuúra, um dos grandes personagens do Espiritismo paulistano, que tinha uma circulação maior que os jornais da imprensa comercial. As obras sociais eram inúmeras e de grande impacto. E os espíritas que estavam à frente destas instituições tentavam organizar o Movimento Espírita paulista para fazer frente às investidas de seus inimigos. Pelo carisma de personagens como Anália Franco, Batuúra, Cairbar Schutel, entre outros, pela importância social de suas obras e pela firmeza de seus propósitos é que se dava a defesa do Espiritismo, externamente frente aos detratores e internamente tentando garantir a fidelidade doutrinária dos centros que iam surgindo (Cf. MONTEIRO; D`OLIVO, 1997, p. 24-32). Faltava legitimação para falar em nome de todos os espíritas, por conta das diferenças de opinião. A criação da USE propiciou a uniformização dos Centros Espíritas de forma a garantir um padrão mínimo para a atividade espírita de fundamentação Kardecista. Essa ação resultou na diminuição da importância das entidades espirituais chamadas de guias. Diferentemente do que ocorre em Centros de Umbanda, onde o guia

tem autoridade máxima, nos centros kardecistas a diretoria e os dirigentes do trabalho, ou seja, as pessoas (encarnados), são responsáveis pelos trabalhos, compondo uma equipe com as entidades espirituais. Também foi diminuído, ou eliminado, o contato direto do público com as entidades espirituais nos centros kardecistas, em seu lugar, hoje existe o chamado *Atendimento Fraterno*, que é um atendimento efetuado por uma pessoa treinada, que faz uma triagem indicando os encaminhamentos para os trabalhos e equipes adequados para a solução dos problemas das pessoas entrevistadas - passes, palestras ou procedimentos espirituais – tudo sempre acompanhado e registrado em fichas particulares, que são avaliadas pelos grupos internos de trabalho mediúnico. Esse padrão federativo permite identificar os centros que já nasceram nele e os que surgiram como Umbandistas e se transformaram em Kardecistas, naqueles podemos observar uma maior ou menor ênfase no contato mediúnico e na autoridade dos guias espirituais. Quanto mais próximo da Umbanda, maior a ênfase nos guias e nas comunicações mediúnicas com o público. Quanto mais próximo do modelo federativo, menor será essa ênfase e maior será a responsabilidade dos dirigentes (encarnados), que se encarregam do contato com o público e servem de intermediários com os grupos mediúnicos, nos quais ocorrem as comunicações espirituais, com suas respectivas recomendações de soluções para os problemas apresentados por intermédio das fichas preenchidas na entrevista de triagem.

Em entrevista para obter informações sobre a atuação federativa da USE, um eminente dirigente espírita nos informou que chegou a visitar centenas de Centros Espíritas, em todo o Estado de São Paulo, no que se denominou *Caravana Espírita*, para levar os princípios doutrinários aos grupos espíritas, buscando eliminar elementos estranhos à ela. Relatou-nos que a situação era caótica, pois os dirigentes desconheciam os princípios doutrinários, enfatizando muito o aspecto mediúnico e sincretizando elementos da Umbanda e do Catolicismo.

Ao longo da consolidação institucional federativa do Espiritismo em São Paulo, ocorreram disputas por hegemonia entre as instituições que pleiteavam conduzir a organização dos espíritas, para enfrentar as dificuldades oriundas dos ataques de outras vertentes religiosas, como o Catolicismo e o Protestantismo, e para dar conta da diferenciação com a Umbanda, buscando garantir a sobrevivência e consolidação do Espiritismo.

A década de 1940 foi riquíssima em termos de conquistas para os Espíritas paulistas, pois nela se consolidou a USE, atual federativa estadual, em 1947, fruto de um processo complexo que visou a unificação dos espíritas no Estado. Este processo teve grande impacto no Movimento Espírita brasileiro pois o seu sucesso estimulou os espíritas a replicarem esta experiência para todo o Brasil. Na época a FEB mostrou-se despreparada para conduzir este processo, inclusive rejeitando as demandas federativas dos Estados do Sul, que terminaram por encabeçar o processo de unificação nacional. Por fim a FEB teve que ceder e aderir quando a unificação já estava bem encaminhada, aceitando a criação do Conselho Federativo Nacional (CFN), congregando as federativas estaduais em âmbito nacional. Não obstante outros Estados terem participado ativamente, como foi o caso do Rio Grande do Sul, a unificação em São Paulo foi o exemplo do que se poderia fazer em âmbito nacional, por ser bem mais complexa, pois tinha quatro grandes instituições concorrentes que precisaram se agregar em uma nova entidade, abrindo mão de suas funções de filiação de centros espíritas, enquanto que nos outros estados a situação era apenas de isolamento dos centros, sem terem uma instituição que os pudesse unir, portanto algo mais fácil de se conseguir.

Após Bezerra, pacificador e tolerante, o roustainguismo passou a imperar na FEB; para ser dirigente ou conselheiro, era preciso ser roustainguista. A FEB proibia a realização de qualquer Congresso, no Brasil, sem seu consentimento. Mas em alguns Estados (São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, principalmente) começou-se a esboçar a libertação da ditadura febianista. Assim realizou-se, de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948, o Congresso Brasileiro de Unificação, patrocinado pela então corajosa USE e combatido pela FEB. (ARY LEX, 2001, p. 79)

Historicamente, houve várias ocasiões em que o Movimento Espírita Paulista se posicionou contrário às posições da FEB, consolidando-se como um pólo de equilíbrio de força frente a ela, contribuindo para que o Espiritismo brasileiro se pautasse em diretrizes formuladas na obra de Kardec ao se posicionar firmemente contra as posições Roustainguistas que se infiltraram na FEB, cujo estatuto, até hoje, apesar das tentativas de alteração, ainda contém a filiação Roustainguista, que, na visão do Movimento Espírita paulista e nacional, é uma grande distorção e um significativo problema que ainda causa desconfortos para a FEB. Roustaing, em sua obra intitulada *Os quatro evangelhos*³⁹

³⁹ Que teriam sido ditados por via mediúnica pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos. Para detalhes acesse <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/gebm/prefacio-os-quatro.html>.

defende teorias contrárias ao estabelecido por Kardec⁴⁰, sendo rejeitado pela maioria absoluta dos espíritas, porém historicamente a FEB teve a filiação a esta doutrina, incluída em seu estatuto por um grupo Roustainguista, que fez parte de sua direção. Os remanescentes deste grupo sempre entram na justiça para invalidar as tentativas da FEB de retirar esta filiação estatutária.

Outra significativa diferença entre FEB e USE se dá por aquilo que foi muito bem captado por Vilhena, ao observar o Espiritismo, naquilo que denominou de “Espiritismos”, quando identificou várias tendências no Movimento Espírita que terminam por estabelecer modos diferentes de ser ou de agir dos espíritas brasileiros. Para a autora existem três tendências no Espiritismo brasileiro.

A primeira é a “tendência conservadora”, na qual situamos a USE, e que assim foi definida:

Identificada como aquela que valoriza, sobretudo, a preservação dos princípios doutrinários e das práticas explicitamente normatizadas por Kardec. [...] Trata-se de uma vertente bastante crítica que, em vez da popularização do Espiritismo, privilegia a coerência prática e doutrinária do que, a seu ver, significa “ser espírita” [...] outorgando precedência e prioridade ao conhecimento doutrinário [...] (VILHENA, 2008, p. 121-122)

Pelo que podemos observar, em reuniões da USE, em especial nas reuniões dos Departamentos de Orientação Doutrinária dos órgãos regionais e distritais da capital paulista, essa tendência espelha a visão da USE. Pode ocorrer que os centros a ela unidos adotem, dada a sua autonomia e contexto onde estejam inseridos, forma de atuação que contrarie essa visão, como pudemos verificar em observações em um centro espírita da capital, que, apesar de ser unido à USE, ainda atua com prioridade no atendimento espiritual direto, mantendo comportamentos de suas origens na Umbanda. Esse centro tenta montar grupos de estudo, porém, não consegue mantê-los em funcionamento dada a pequena quantidade de pessoas interessadas em estudar.

A segunda é a “tendência expansionista”, na qual situamos a FEB, que foi assim definida:

⁴⁰ Como por exemplo a afirmação de que Jesus não teria um corpo físico, mas sim um corpo fluídico tangível, portanto, não seria um espírito encarnado em um corpo físico, como ocorre com os seres humanos.

Tem como prioridade a difusão do movimento espírita. Para tanto, faz vista grossa bem como algumas concessões em relação ao que considera pequenos desvios na doutrina e nas práticas [...] em um primeiro momento, esses desvios deverão ser suportados em favor da expansão do movimento. Acreditam que com o tempo e com a difusão do ensino da doutrina codificada, tendo em vista tanto a formação dos dirigentes como dos médiuns e dos adeptos, os entendimentos desviantes serão corrigidos [...] caracteriza-se, pois, mais pela inclusão do que pela exclusão. (VILHENA, 2008, p. 133)

Acreditamos que a FEB se enquadra nesta tendência, tendo em vista o posicionamento por ela tomado quando afirmou que todo o fenômeno mediúnic se trata de Espiritismo, o que foi firmemente rejeitado pela USE.

Essa tendência permite que os centros espíritas, no uso de sua autonomia, adotem e combinem segundo seus critérios elementos advindos do Kardecismo, do Catolicismo, de tradições afro-brasileiras e espiritualismos em geral, bem como dos Novos Movimentos Religiosos. Assim, com o decorrer do tempo, pode ocorrer um distanciamento doutrinário e prático tal que os centros se tornem socialmente irreconhecíveis, acarreta indiferenciação entre centros Kardecistas e outras modalidades de prática mediúnica. Adicionalmente esta tendência fomenta o surgimento de um grande número de editoras espíritas que se distanciam do Kardecismo ortodoxo, permitindo que ocorra um lucrativo mercado editorial que engloba diversas linhas interpretativas por vezes conflitantes, misturando-se Kardecismo com auto-ajuda, romances mediúnicos sentimentais e esoterismo em geral. (Cf. VILHENA, 2008, p. 134-135)

A terceira e última tendência, é a “tendência inclusivista”, no extremo oposto da primeira. Foi assim caracterizada por Vilhena:

Trata-se de um entendimento eclético do que venha a ser o Espiritismo. Está localizado nas bordas entrecruzadas da extensa rede de significados e valores mais ou menos compartilhados pelo Espiritismo kardecista, pelo Catolicismo, pelas crenças afro-brasileiras, tradições indígenas, orientalismos, gnosticismos, espiritualismos em geral. Essa compreensão é partilhada por sujeitos individuais e coletivos, cuja religiosidade é construída a partir de bricolagens, sincretismos, hibridismos. (VILHENA, 2008, p. 137)

Nessa tendência, nossas observações situam os centros espíritas e grupos independentes, que rejeitam o modelo estabelecido institucionalmente, por acreditarem que o Espiritismo consegue sobreviver somente a partir de uma referência às obras de Kardec e por entenderem que as federativas colocam limites em suas leituras e propostas do que seja

o Espiritismo, o que contraria suas visões de liberdade individual de interpretar o que ele seja.

Exemplo paradigmático desta tendência é a família Gasparetto, que atingiu fama e sucesso financeiro, conflitando com os pressupostos do Espiritismo por agirem mais próximos a uma abordagem mercadológica. Cobram por serviços prestados e bens produzidos visando lucro, como ocorre em seus seminários e com as suas publicações, apesar de obtidas de uma fonte espiritual por meio da mediunidade de psicografia. Atualmente rejeitam o Espiritismo e se dizem espiritualistas.

Essa tendência a rejeitar o padrão institucional, até porque não se conhecem os eventos históricos que influenciaram na sua elaboração, dos indivíduos que tendem a buscar novos horizontes, pode ser explicada pela plasticidade da religiosidade brasileira aliada aos pressupostos da visão “Nova Era”, que resultam em um fácil trânsito e em múltiplas pertenças:

[...] não encontra grandes problemas em se identificar como católico-espírita, como espírita-católico, como espírita que não dispensa devoções e rituais católicos e/ou umbandistas, ou como católico que não vê empecilhos em frequentar centros espíritas. [...] Nesse nível prevalece a ausência de fronteiras rígidas entre as religiões. Tem lugar o relativismo religioso [...] Postula-se que Deus, seus anjos e santos, os espíritos e as entidades sobrenaturais podem ser encontrados, invocados, cultuados, acessados, de maneira simultânea ou alternada em mais de uma religião. (VILHENA, 2008, p. 138)

Dada esta plausibilidade do brasileiro contemporâneo e o grande sucesso editorial e de mídia dos Gasparetto, outros entendem que o Espiritismo precisa ser atualizado, posição que pode ser verificada em recente reportagem da revista Galileu⁴¹, intitulada *A nova era do Espiritismo*, onde alguns “ex-espíritas” propõem revisões que são necessárias pelo contexto contemporâneo para atualizar a ética e a prática espíritas, abrindo possibilidades de fundir novos elementos para atender as demandas dos indivíduos. Um dos subtítulos da reportagem já nos dão o tom dos anseios do público entrevistado: “A música e a alegria lembram o louvor evangélico” (GALILEU, p. 51), ou ainda “Ex-adeptos criticam posturas dogmáticas” (GALILEU, p. 52). O repórter Pablo Nogueira nos informa: “Neste começo de século 21, surge um outro tipo de organização que oferece atendimento nos moldes

⁴¹ Galileu, dezembro de 2008, edição 209.

espíritas [...] Mas o que rege o seu trabalho é o chamado movimento new age” (GALILEU, p. 48).

Apesar da explícita rejeição do Espiritismo kardecista pelos Gasparetto, o Movimento Espírita evita “bater de frente” com esta família em tempos de acomodação, como os vivenciados desde a consolidação da unificação dos espíritas paulistas e do seu reconhecimento como importante segmento religioso, o que pode ser elucidado na seguinte citação:

Paradoxalmente, pois que tida por muitos Kardecistas como de menor valor, tal literatura [de Zibia Gasparetto] é vendida na FEB, em Centros Espíritas, livrarias espíritas especializadas. (VILHENA, 2008, p. 147)

Confirmando a citação acima, observamos nos centros espíritas que há uma dependência financeira da venda de livros para sustentar as instituições, o que as leva a vender aquilo que tem sucesso comercial e não aquilo que é doutrinariamente relevante para o conhecimento do Espiritismo. Do ponto de vista da ortodoxia espírita – baseada nas obras da codificação Kardequiana - essas obras dão uma visão superficial do Espiritismo, pois, enfocam apenas alguns elementos da doutrina.

O grande volume de vendas de romances psicografados dá a impressão de que há muitos simpatizantes do Espiritismo, o que contribui para distorcer as expectativas das federações quanto ao crescimento da quantidade de adeptos formais, e contribui para desestimular o estudo das obras da codificação. Verificamos que essa situação já afetou as editoras e livrarias espíritas. Inicialmente surgiram novas editoras explorando o Espiritismo comercialmente. Posteriormente, as editoras espíritas se viram obrigadas a lançar títulos com apelo comercial, na tentativa de sobreviver no mercado editorial o que contribuiu para reconfigurar o mercado de livros espíritas, que passou a explorar cada vez mais a venda de romances, estimulando o surgimento de novos títulos atribuídos a novos autores espirituais por meio de novos médiuns escritores.

O processo de unificação dos espíritas em nível nacional se confunde com o processo de institucionalização do Espiritismo paulista. Nossas observações mostram que institucionalização no Espiritismo tem significado diferente daquele que verificamos no Catolicismo. Enquanto que no Catolicismo institucionalização, historicamente, tem um sentido de centralização de poder e hierarquização, no Espiritismo, institucionalização tem

um sentido de organização para união e representatividade de um segmento religioso da sociedade, implicando na criação de entidades jurídicas que possam ser reconhecidas pela sociedade civil - os centros espíritas - representadas por entidades jurídicas denominadas federativas, as quais representam os centros espíritas inseridos no mesmo Estado. Prova disto é que as federativas rejeitam a qualificação de “entidade filiada”, quando se referem à sua relação com os centros e entidades jurídicas espíritas. Optam por dizer “entidade unida”. O Movimento Espírita sempre faz questão de frisar a autonomia de suas instituições, umas em relação às outras, e identificam nos ideais formulados na doutrina espírita, explicitados nas obras de Kardec, a base que une suas instituições, caracterizando-as como idealmente espíritas.

Para viabilizar as ações do Movimento Espírita, este se organiza em camadas de representatividade, todas mantendo sempre a sua autonomia. Assim, como por exemplo no caso da USE, a federativa paulista, vários centros se unem em torno de um órgão chamado de Distrital, no caso da Capital, ou Municipal no resto do Estado, ou, se não houver uma quantidade de centros suficiente, um centro pode se unir em torno de um órgão chamado de Inter Municipal, várias Distritais e Municipais/Inter Municipais se unem em torno de um órgão chamado de Regional, várias Regionais compõem a federativa estadual. Como explicitado no item 3.3.2, que trata da estrutura da USE, verificamos que a atual configuração da USE tem 24 órgãos Regionais, que agrupam 84 Intermunicipais, 11 Municipais e 20 Distritais.

Interessante notar que, pelo quadro diretivo executivo que constitui as instituições espíritas, composto de 1 presidente, 1 vice-presidente, 2 tesoureiros e 2 secretários, totalizando um quadro diretivo padrão de 6 pessoas; somados ao quadro de diretores de departamento, que são, via de regra, depto. de doutrina, depto. de evangelização, depto. de mocidade, depto. de assistência social, depto. do livro, depto. de comunicação, depto. de arte e depto. de patrimônio. Assim, totalizam 8 pessoas. Assumindo que não haja acúmulo de cargos, para 14 cargos por órgão da USE, temos 139 órgãos x 14 pessoas, totalizando 1.946 espíritas na direção do Movimento Espírita paulista. Esta quantidade, senão totalmente correta, está bem próxima do real, tendo em vista que o quadro diretivo é padrão e conhecemos a quantidade de órgãos da USE.

No caso dos centros espíritas, podemos estimar a quantidade de dirigentes espíritas, com base no cadastro da USE que informa a existência de 1.359 instituições unidas.

Assim, temos 1.359 x 14 pessoas, totalizando 19.026 dirigentes, quantidade que pode variar para menos, pois, há centros que, pelo seu tamanho e contexto onde se inserem, não dispõem de tantas pessoas para ocupar cargos e, portanto, acumulam-se cargos executivos com operacionais. Além disso, algumas instituições podem não ter todos os departamentos do padrão federativo, mantendo apenas os cargos executivos (presidência, tesouraria e secretaria) e alguns departamentos conforme as especificidades e objetivos de sua atuação.

Ao final de nossas análises sobre a institucionalização do Espiritismo, desejamos lançar um olhar sobre o quadro geral do crescimento do Espiritismo em comparação com os contingentes cristãos não católicos, buscando confrontar a evolução destes contingentes, em termos nacionais e, particularmente, em São Paulo.

Tabela 8 - Crescimento dos contingentes selecionados, no Brasil, entre 1991 e 2000

BRASIL	cromana	assembléia	batista	crisadobrasil	espírita	universal	quadrangular	adventista	tjeova	presbiteriana
1991	121.812.761	2.439.763	1.532.676	1.635.977	1.644.344	268.954	303.268	706.409	752.576	498.204
Posição	1	2	4	5	3	10	9	7	6	8
2000	124.980.132	8.418.140	3.162.691	2.489.113	2.262.401	2.101.887	1.318.805	1.209.842	1.104.886	981.064
Posição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
%crescto	2,6	245,0	106,3	52,1	37,6	681,5	334,9	71,3	46,8	96,9
SP	cromana	assembléia	batista	crisadobrasil	espírita	universal	quadrangular	adventista	tjeova	presbiteriana
1991	25.404.694	514.406	237.424	816.559	560.546	57.741	87.131	143.834	265.307	133.276
Posição	1	4	6	2	3		9	7	5	8
2000	26.039.203	1.468.128	467.763	1.309.130	779.325	605.781	370.144	240.656	373.537	257.669
Posição	1	2	6	3	4	5	8	10	7	9
%crescto	2,5	185,4	97,02	60,3	39,0	949,1	324,8	67,3	40,8	93,3

Crescimento abaixo de 50% entre 1991 e 2000

Crescimento entre de 50% e 100% entre 1991 e 2000

Crescimento acima de 100% entre 1991 e 2000

O contingente espírita vem crescendo, de fato, menos que os outros contingentes aqui comparados. O que indica que outras opções religiosas são mais atrativas ao mesmo tempo que, sabidamente, a proposta espírita tem peculiaridades que tornam mais difícil a adesão ao Espiritismo, tais como: necessidade de leitura para conhecimento doutrinário de,

idealmente, pelo menos *O Livro dos Espíritos*; não há uma real e explícita intenção de fazer prosélitos, não há um rito de passagem para identificar o espírita e fazê-lo se sentir parte do grupo.

Especificamente no caso do Espiritismo, em termos da proposta fundamentada nos escritos de Kardec, é relevante o fato de que a quantidade de pessoas que se declaram “sem religião” esteja crescendo de maneira muito significativa, pois, desde o início, Kardec afirmou que o público alvo do Espiritismo eram as pessoas que não tinham uma religião.

O Espiritismo tem por objetivo combater a incredulidade e suas funestas conseqüências, dando provas patentes da existência da alma e da vida futura. Ele se dirige, pois, àqueles que não crêem em nada, *ou que duvidam*, e o número deles é grande, como o sabeis. Aqueles que têm uma fé religiosa, e aos quais *essa fé basta*, dele não têm necessidade [...] (KARDEC, 1995, p. 83)

Acreditamos, portanto, que esse público específico (sem religião) deveria ser alvo de, no mínimo, análises por parte das federativas, pois se trata de um grupo crescente de potenciais espíritas.

Visando demonstrar o impacto da USE no crescimento do contingente espírita, identificamos uma das mais notáveis divergências entre a FEB e a USE, que surgiu quando da discussão sobre a equivalência dos termos Doutrina Espírita e Espiritismo, que, para a USE são sinônimos e para a FEB não, conseqüentemente para a FEB qualquer fenômeno mediúnico é Espiritismo, enquanto que para a USE fenômeno mediúnico sem a Doutrina contida nas obras de Kardec não é Espiritismo. A tensão pode ser percebida, pois, enquanto a FEB tenta ser expansionista, permitindo, por exemplo, que a Umbanda seja considerada Espiritismo, a USE se posiciona de maneira exclusivista, tentando restringir a definição do termo Espiritismo, o que resultou em um relatório de 17 páginas enviado para a FEB justificando, nas obras de Kardec, a posição da USE e alertando a FEB para o perigo de ganhar na quantidade e perder na qualidade, ao alargar o significado do termo Espiritismo (Cf. ARY LEX, 1996, p. 136-137).

Como vimos, pelos eventos históricos até aqui narrados, o Movimento Espírita Paulista tem uma rica história em termos de luta para consolidar o Espiritismo, não só em São Paulo, mas também com importantes conseqüências para todo o Brasil. O processo de unificação dos espíritas em São Paulo, que resultou na criação da federativa USE, teve um

impacto positivo no crescimento do Espiritismo, pois, implicou na mobilização das lideranças dos centros espíritas no sentido de estabelecer a união entre os centros, ao mesmo tempo acolheu as divergências de interpretação estabeleceu a fundamentação doutrinária nas obras de Kardec. Deu uma identidade aos espíritas, ao estabelecer a diferenciação entre Espiritismo e outros segmentos religiosos, definindo-o como uma religião cristã, porém, diferente do Catolicismo e do Protestantismo, e como uma religião mediúnica, mas, diferente da Umbanda e de outros cultos afro.

Um impacto negativo da institucionalização e da unificação paulista foi a perda de autonomia da ala jovem espírita. A relação entre o Espiritismo institucional e os jovens, que é um importante contingente para o crescimento e manutenção da quantidade de adeptos de uma religião, é bastante precária. Consideramos que houve um retrocesso no Movimento Espírita com relação aos jovens, os quais historicamente muito contribuíram para organizar e dinamizar o Espiritismo no Estado de São Paulo, quando a unificação dos espíritas paulistas ainda estava longe de ser concretizada. Como confirma Ary Lex, que foi um importante líder espírita, como muitos dos atuais líderes da USE e da FEB, oriundo da mocidade espírita em seu auge:

Dedicamos um capítulo à brilhante União da Mocidade Espírita de São Paulo, por suas notáveis atividades, de 1937 até a década de 1960. Na década de 1940, seu trabalho chegou a ser comparado ao da Federação. (ARY LEX, 1996, p. 19)

Em maio de 1937, Romeu de Campos Vergal fundou a União da Mocidade Espírita (UMESP), com o objetivo de congregar os jovens da Capital paulista que na prática estavam sem nenhuma atividade no Movimento Espírita. Ele inovou o Movimento Espírita ao introduzir debates públicos nas reuniões, o que era considerado perigoso e desaconselhável na época pois as reuniões se resumiam à prática da mediunidade e em alguns centros ocorriam breves dissertações evangélicas, sendo que palestras e conferências ocorriam somente em solenidades. A novidade dos debates livres da UMESSP, onde qualquer pessoa podia interagir, despertou grande interesse, estimulando as pessoas, tanto jovens quanto adultos, a estudar os assuntos para que pudessem expressar suas opiniões com propriedade em reuniões que chegavam a receber mais de 200 participantes. (Cf. ARY LEX, 1996, p. 69-70)

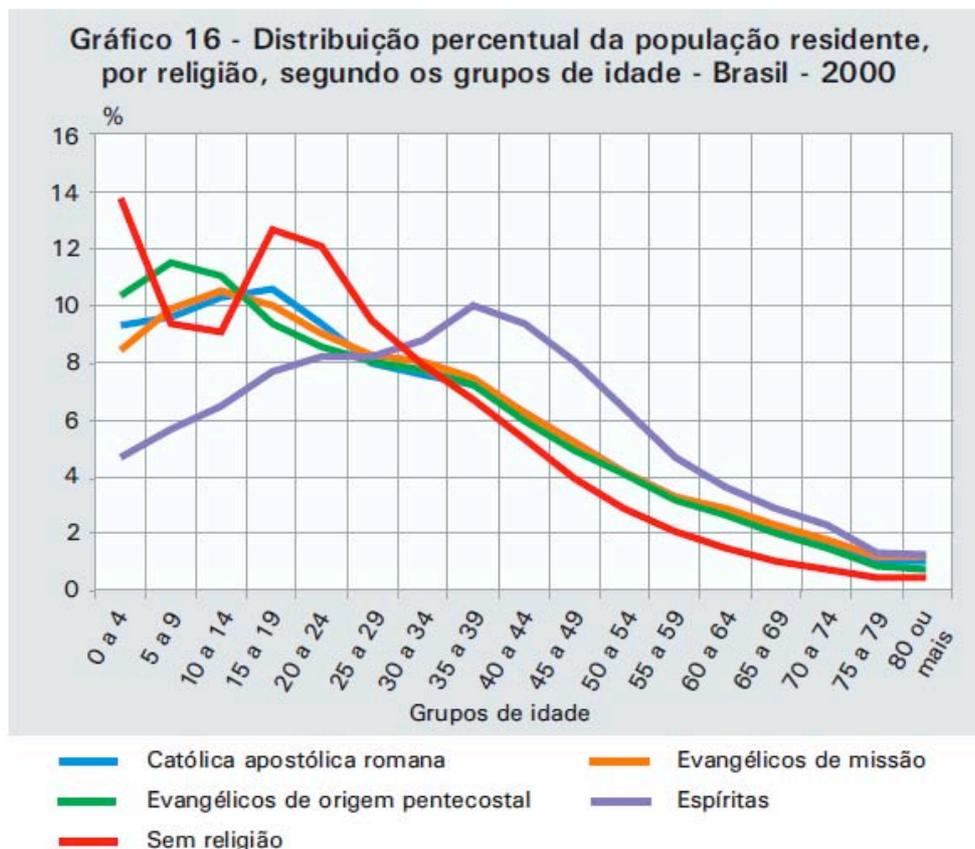
Ao que parece a mocidade era muito bem organizada. Em um curto período (1952-1954) conseguiu angariar fundos para a compra de uma sede própria, um apartamento térreo no centro da cidade de São Paulo, o que foi possível também pelo fato de que a UMESP era uma entidade juridicamente instituída e não um departamento de um centro ou instituição espírita, podendo ter patrimônio. Outro indicativo do alto nível da UMESP são as obras que foram escritas, por eminentes intelectuais espíritas, em virtude dos cursos nela ministrados, tais como: *A Teoria Corpuscular do Espírito* de Hernani Guimarães de Andrade, *Roteiro da História da Filosofia* de Bertho Condé e *O Espírito e o Tempo* de José Herculano Pires (Cf. ARY LEX, 1996, p. 73-74). Já nos títulos podemos inferir o nível de discussões que a mocidade espírita da época travava.

Após três décadas de uma existência brilhante e atuante no Movimento Espírita paulista, a UMESP viu-se ofuscada a partir de 1972, pois a maioria dos seus antigos dirigentes incorporou-se a outras entidades espíritas, em especial às federativas paulistas, deixando os poucos que restaram a mercê de alguns adultos que alteraram os rumos da UMESP, inclusive dilapidando o patrimônio histórico-cultural da instituição e se distanciando do Movimento Espírita, e finalmente causando a sua extinção (Cf. ARY LEX, 1996, p. 82).

Atualmente a Mocidade Espírita passou a ser um departamento dentro dos centros e órgãos federativos espíritas. Geralmente, sem espaço significativo nas atividades espíritas. Ao que tudo indica a consolidação do Espiritismo introduziu uma fase de acomodação, o ímpeto da juventude não é desejável ou tolerável. A estratégia foi extinguir a autonomia dos jovens trazendo-os para dentro das instituições e mitigando a sua participação até torná-la inócua, tendo o controle sobre a atuação dos jovens. Segundo nossas observações, há grande dificuldade no Movimento Espírita em acolher e manter jovens nos centros espíritas.

O gráfico abaixo foi obtido em um documento do IBGE intitulado: *Censo Demográfico 2000- Características gerais da população- Resultados da amostra*, no qual podemos verificar a distribuição percentual de idade nos principais segmentos religiosos no Brasil.

Figura 3 – comparativo entre participação percentual por idade em segmentos religiosos



Percebe-se que um encontro das linhas dos contingentes, entre 25 a 29 anos de idade, quando todos os contingentes declinam em percentual e o contingente espírita continua a aumentar o percentual de adeptos nesta e em faixas etárias subsequentes, tendo o seu apogeu entre 35 e 39 anos de idade, onde estão 10% dos espíritas, enquanto que os *pentecostais* têm seu auge entre 5 e 9 anos de idade, os *evangélicos de missão* têm seu auge entre 10 e 14 anos de idade e os sem religião entre 0 e 4 anos de idade. Assim os *espíritas* têm a característica de se concentrarem em idades quando pode ocorrer a escolha do indivíduo. A curva dos *espíritas* se destaca dos outros contingentes formando uma parábola enquanto os outros formam uma linha descendente, com mais percentual de adeptos nas menores faixas etárias. A curva dos *espíritas* ao decair permanece com percentuais superiores aos de outros contingentes.

Interpretando o gráfico acima, acreditamos que o Espiritismo deve atuar nas faixas mais jovens e nos *sem religião*, pois, nas faixas superiores de idade a curva acompanha as

faixas etárias em termos de tendência percentual, inclusive, fica acima. Portanto, não houve uma adequação do Espiritismo de forma a tornar-se atrativo para os jovens e para os *sem religião*.

Outro impacto positivo da USE, enquanto resultado da institucionalização e unificação dos espíritas paulistas foram as campanhas para manter a fidelidade doutrinária, com base nas obras de Kardec, seja pelas caravanas que empreenderam pelo Estado, o que foi substituído pelos congressos espíritas, ou pelas atuais ações de divulgação das bases doutrinárias, que foram materializadas em uma campanha contínua, que encontramos no *site* da USE-SP:

Figura 4 – Cartaz de campanha da USE-SP

Renovada em 2000, a campanha

COMECE PELO COMEÇO

Conheça o Espiritismo, através das obras básicas da Codificação de Allan Kardec.

Há mais de 140 anos, revelando com bom senso.

U.S.E. UNIAO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE SAO PAULO

tem como objetivo a difusão do Espiritismo a partir do conhecimento de sua fonte original, que são as obras organizadas por Allan Kardec, pseudônimo adotado pelo professor Hippolyte Leon Denisard Rivail.

Para falar de espiritismo, ou mesmo entender os debates a respeito dos temas espíritas, é necessário o estudo desses livros: O Livro dos Espíritos O Livros dos Médiuns O Evangelho Segundo o Espiritismo O Céu e o Inferno A Gênese

Adicionalmente, o estudo de outras obras de Kardec muito auxiliam a compreensão da mensagem evolucionista do Espiritismo: O que é o Espiritismo Obsessão Revista Espírita Obras Póstumas Viagem Espírita em 1862

Integre-se a esse trabalho, estudando e divulgando o estudo espírita sério e organizado.

Lembre-se: o Espiritismo deve ser compreendido, para entrar em nossas vidas e, transformando-as, contribuir para a transformação do mundo, em um ambiente de convivência fraterna.

(fonte:- <http://www.use-sp.com.br/comecepelocomeco.htm> - acesso em maio/2009)

Pelo que pudemos verificar ao longo de nossa pesquisa sobre a unificação dos espíritas no Estado de São Paulo - onde foi formulado um pacto em torno de uma federativa única, a qual posteriormente participou ativamente da consolidação e unificação do Espiritismo por meio do Conselho Federativo Nacional da FEB - elegemos a USE para focarmos nossas análises nos capítulos finais de nossa pesquisa.

As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis. (BERGER&LUCKMANN, 2004, p. 80)

As federativas espíritas enfatizam que não interferem na direção dos centros espíritas. Porém, são colegiados de líderes espíritas, que representam suas instituições para deliberar posicionamentos oficiais e ações para a difusão do Espiritismo com bases Kardequianas. É nesse sentido que avaliaremos o impacto de seus posicionamentos, que, ao chegarem ao centro espírita, terão que interagir com a realidade no contato da instituição com o público. Estamos cientes de que a USE e outras federativas não podem ordenar ações nos Centros Espíritas, mas, certamente, influenciam as práticas neles encontradas, por meio de suas recomendações, concretizadas em posicionamentos oficiais, os quais, por vezes, causam maior impacto pela omissão, e em especial pela criação, geração ou manutenção de ambigüidades contidas na estruturação do Espiritismo, algumas desde sua origem na França e outras surgidas na aclimação do Espiritismo ao ambiente religioso brasileiro. Algumas das ambigüidades foram necessárias durante um período passado e não foram eliminadas. Como a ênfase no aspecto científico do Espiritismo, que foi útil na época de Kardec, mas atualmente traz complicações para um Espiritismo fortemente constituído em seu aspecto religioso no Brasil. Ou como o desprezo por fazer adeptos na atualidade, contrariando a postura de Kardec que, em levantamento por nós efetuado em sua obra, abordou amplamente a temática da adesão, mencionando nas cinco obras básicas da doutrina espírita, nada menos que 63 vezes a palavra adepto(s); na *Revista Espírita*, esta palavra constou em todos os 12 volumes, totalizando 477 ocorrências. Em *O Livro dos Médiuns* – 1ª. Parte - Cap. III, Kardec trata, exaustiva e especificamente, de como se obter adeptos, ao longo de 14 páginas (Cf. KARDEC, 1993, p. 39 ss.).

**PARTE II - Da simpatia ao engajamento: impacto das federativas
no crescimento do contingente espírita Paulista.**

Capítulo IV - A presença federativa e o seu impacto na adesão ao Espiritismo

O objetivo deste capítulo é verificar o grau de impacto da presença federativa, concretizada em instalações físicas e no reconhecimento, pela sociedade, das instituições espíritas. De forma que possamos analisar o impacto das federativas, no que diz respeito à adesão formal ao Espiritismo, ou seja, a que se reflete em termos de contingente nos censos demográficos. Procederemos pelos seguintes itens: Identificar, um conjunto de cidades viável para nortear uma pesquisa de campo, composto inicialmente pelas cidades com maior percentual de espíritas no estado de São Paulo; verificar se há centros federados nas cidades selecionadas; verificar o grau de afinidade entre os centros e a(s) federativa(s); proceder uma análise comparativa entre as cidades com maior percentual de espíritas e outras cidades onde o contingente espírita não é significativo, para encontrar as possíveis causas que possam explicar as diferenças entre elas e identificar o impacto federativo; generalizar a análise para o contexto do Estado de São Paulo e do Brasil.

4.1 - Análise da presença federativa no espaço geográfico

4.1.1 -O contingente espírita paulista

O Estado de São Paulo está constituído por 645 municípios distribuídos nas seguintes faixas populacionais:

Tabela 9 - Distribuição dos Municípios segundo faixa populacional

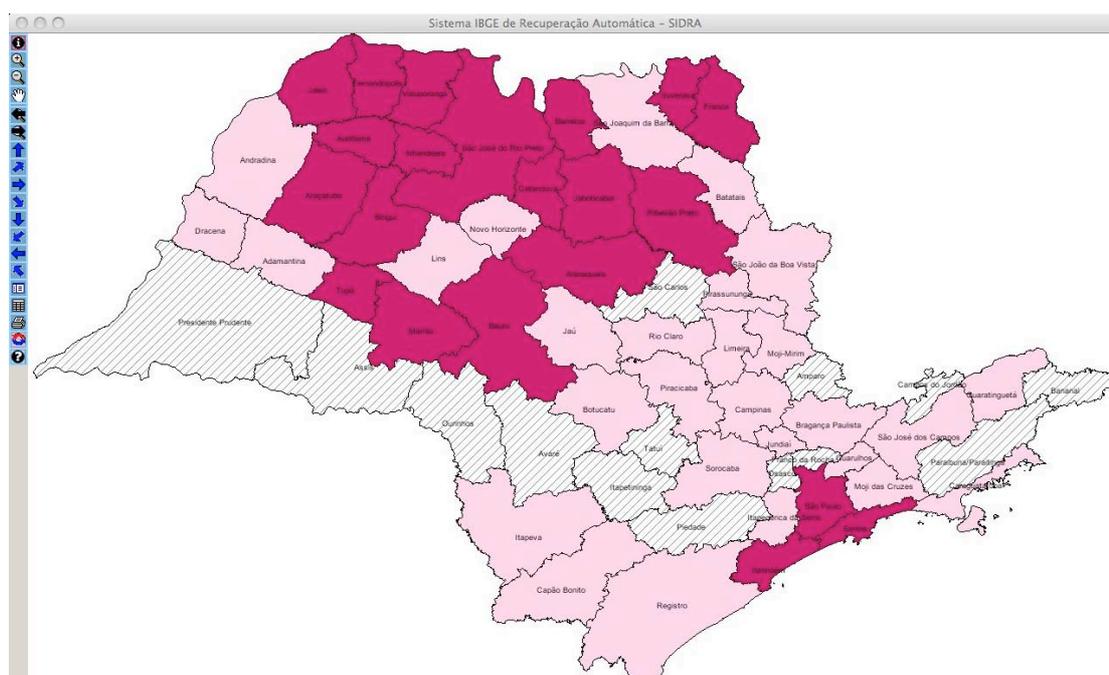
faixa populacional	qtd. de habitantes	qtd. de municípios
1	até 5.000	179
2	5.001 até 20.000	231
3	20.001 até 100.000	173
4	100.001 até 500.000	54
5	mais que 500.000	8

(informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

Não foi detectada a existência de espíritas em 1 município da faixa-3, 13 municípios da faixa-2 e 62 municípios da faixa-1. Portanto, não foi detectado contingente espírita em 76 municípios⁴² de São Paulo, pelo censo IBGE/2000. A média geral de espíritas no estado de São Paulo é de 2,1%, enquanto que no Brasil é de 1,3%, portanto, a média paulista é superior à média nacional.

Para verificar a distribuição do contingente espírita em SP, elaboramos o mapa seguinte no qual destacam-se (mais escuro) as Micro-regiões onde ocorrem percentuais iguais ou superiores a 2,1%, que é percentual de espíritas nesse Estado.

Mapa 3 – Regiões com percentual de espíritas igual ou maior que o percentual geral de espíritas (2,1%) na população de SP



(fonte:- IBGE/2000 – cartograma gerado pelo Sistema IBGE de recuperação automática - SIDRA)

⁴² Para lista dos municípios ver ANEXO I.

Os 8 maiores municípios de São Paulo, faixa-5, têm mais de 500.000 habitantes. Dentre eles, 5 (62,5%) superam a média do Estado (2,1%), e o primeiro colocado tem mais que o dobro do percentual médio do Estado:

Tabela 10 - Municípios da faixa 5 em SP (ordenada por %espíritas - decrescente)

Colocação	Município	Habitantes	Espíritas	% espíritas
1	Ribeirão Preto	504.923	24.945	4,9
2	São Bernardo do Campo	703.177	20.774	2,9
3	São Paulo	10.435.546	286.600	2,7
4	Santo André	649.331	16.503	2,5
5	Campinas	969.396	22.359	2,3
6	São José dos Campos	539.313	9.243	1,7
7	Guarulhos	1.072.717	16.882	1,5
8	Osasco	652.593	8.159	1,2

(fonte:- informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

Dos 54 municípios da faixa-4, de 100.001 a 500.000 habitantes, temos 16 (29,6%) que superam a média do Estado e 3 que a igualam, sendo que os 5 primeiros têm o dobro ou mais que o percentual médio do Estado:

Tabela 11 - Municípios da faixa 4 com percentual igual ou maior que o percentual geral de espíritas (2,1%) na população de SP (ordenada por %espíritas - decrescente)

Colocação	Município	Habitantes	Espíritas	% espíritas
1	Franca	287.737	20.268	7,0
2	São José do Rio Preto	358.523	18.659	5,2
3	Araraquara	182.471	9.271	5,1
4	Catanduva	105.847	5.123	4,8
5	Santos	417.983	17.621	4,2
6	São Caetano do Sul	140.159	5.052	3,6
7	Araçatuba	169.254	5.838	3,4
8	Bauru	316.064	9.856	3,1
9	Barretos	103.913	3.033	2,9
10	Marília	197.342	5.595	2,8
11	Praia Grande	193.582	5.152	2,7
12	Mogi das Cruzes	330.241	8.654	2,6
13	São Carlos	192.998	5.040	2,6
14	Atibaia	111.300	2.781	2,5
15	Americana	182.593	4.378	2,4
16	Jundiaí	323.397	7.100	2,2
17	Rio Claro	168.218	3.596	2,1
18	Pindamonhangaba	126.026	2.625	2,1
19	Taubaté	244.165	5.055	2,1

(fonte:- informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

Dos 173 municípios da faixa-3, de 20.001 a 100.000 habitantes, 31 deles (17,9%) superam a média do estado e 3 a igualam, sendo que os 6 primeiros têm o dobro ou mais que o percentual médio do Estado:

Tabela 12 - Municípios da faixa 3 com percentual igual ou maior que o percentual geral de espíritas (2,1%) na população de SP (ordenada por %espíritas - decrescente)

Colocação	Município	Habitantes	Espíritas	% espíritas
1	Votuporanga	75.641	5.346	7.1
2	Igarapava	25.925	1.814	7.0
3	Jaboticabal	67.408	2.947	4.4
4	Fernandópolis	61.647	2.685	4.4
5	Mirassol	48.327	2.023	4.2
6	Jales	46.186	1.926	4.2
7	Andradina	55.161	2.111	3.9
8	Santa Fé do Sul	26.512	973	3.7
9	Monte Alto	43.613	1.494	3.4
10	Bebedouro	74.815	2.507	3.3
11	Tupã	63.333	2.118	3.3
12	Espírito Santo do Pinhal	40.480	1.293	3.2
13	São João da Boa Vista	77.387	2.328	3.0
14	Penápolis	54.635	1.606	2.9
15	Serra Negra	23.851	666	2.8
16	Ituverava	36.268	984	2.7
17	Birigui	94.300	2.556	2.7
18	Lins	65.952	1.759	2.7
19	Peruíbe	51.451	1.340	2.6
20	Casa Branca	26.800	690	2.6
21	Adamantina	33.497	857	2.6
22	Cachoeira Paulista	27.205	674	2.5
23	Itanhaém	71.995	1.770	2.5
24	Barra Bonita	35.487	853	2.4
25	Amparo	60.404	1.447	2.4
26	Pitangueiras	31.156	722	2.3
27	Socorro	32.704	753	2.3
28	Guararapes	28.843	664	2.3
29	Registro	53.752	1.218	2.3
30	Mongaguá	35.098	781	2.2
31	Poá	95.801	2.087	2.2
32	Moji Mirim	81.467	1.725	2.1
33	Dracena	40.500	853	2.1
34	Santa Rita do Passa Quatro	26.138	549	2.1

(fonte:- informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

Dos 231 municípios da faixa-2, de 20.001 a 100.000 habitantes, 27 municípios (11,6 %) superam a média do estado e 2 a igualam, sendo que os 4 primeiros têm o dobro ou mais que o percentual médio do estado:

Tabela 13 - Municípios da faixa 2 com percentual igual ou maior que o percentual geral de espíritas (2,1%) na população de SP (ordenada por %espíritas - decrescente)

Colocação	Município	Habitantes	Espíritas	% espíritas
1	Pedregulho	14.994	2.043	13,6
2	Nhandeara	10.194	601	5,9
3	Colina	16.664	977	5,9
4	Palmeira d'Oeste	10.322	433	4,2
5	General Salgado	10.824	415	3,8
6	Buritama	13.854	519	3,8
7	Roseira	8.577	316	3,7
8	Guará	18.916	676	3,6
9	Tabapuã	10.493	372	3,6
10	Santo Antônio da Alegria	5.764	203	3,5
11	Ipuã	11.870	391	3,3
12	Cristais Paulista	6.579	216	3,3
13	Valentim Gentil	8.605	276	3,2
14	Bálsamo	7.340	229	3,1
15	Auriflama	13.513	394	2,9
16	Rincão	10.330	299	2,9
17	Cedral	6.700	182	2,7
18	Uchoa	9.035	245	2,7
19	Guaraci	8.846	239	2,7
20	Bady Bassitt	11.550	310	2,7
21	Nova Granada	17.020	422	2,5
22	Jacupiranga	17.041	403	2,4
23	Águas da Prata	7.131	168	2,4
24	Caconde	18.378	414	2,3
25	Bilac	6.088	137	2,3
26	Mineiros do Tietê	11.410	255	2,2
27	Barbosa	5.837	130	2,2
28	Três Fronteiras	5.159	110	2,1
29	Monte Aprazível	18.413	392	2,1

(fonte:- informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

Dos 179 municípios da faixa-1, até 5.000 habitantes, temos 20 (11,2%) que superam a média do Estado, sendo que os 7 primeiros têm mais que o dobro do percentual médio do estado:

Tabela 14 - Municípios da faixa 1 com percentual igual ou acima do percentual de espíritas em SP (2,1%) (ordenada por %espíritas - decrescente)

Colocação	Município	Habitantes	Espíritas	% espíritas
1	Itaóca	3.226	633	19,6
2	Lourdes	2.007	319	15,8
3	Rifaina	3.325	265	7,9
4	Aramina	4.763	375	7,8
5	Marinópolis	2.195	171	7,7
6	Aparecida d'Oeste	4.935	303	6,1
7	Jeriquara	3.280	189	5,7
8	Águas de São Pedro	1.883	74	3,9
9	Buritizal	3.674	144	3,9
10	Populina	4.450	150	3,3
11	Fernão	1.432	48	3,3
12	Rubinéia	2.615	83	3,1
13	Turmalina	2.366	68	2,8
14	Mirassolândia	3.741	107	2,8
15	Poloni	4.774	130	2,7
16	Braúna	4.383	117	2,6
17	Nova Aliança	4.768	117	2,4
18	São Francisco	2.863	63	2,2
19	Paranapuã	3.632	78	2,1
20	Cabrália Paulista	4.656	100	2,1

(fonte:- informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

Visto que é necessário reduzir o universo para nossas análises detalhadas, para testar nossas hipóteses, passamos a aplicar filtros de seleção nos dados do IBGE. Em uma primeira tentativa, selecionamos todos os municípios do Estado de São Paulo que superam ou igualam o dobro da média estadual de espíritas (2,1%), o que resultou nos vinte e três municípios seguintes, com percentual de espíritas igual ou superior a 4,2% da população do referido local:

Tabela 15 - Municípios com percentual igual ou superior ao dobro do percentual de espíritas na população de SP (2,1%) (ordenada por habitantes - decrescente)

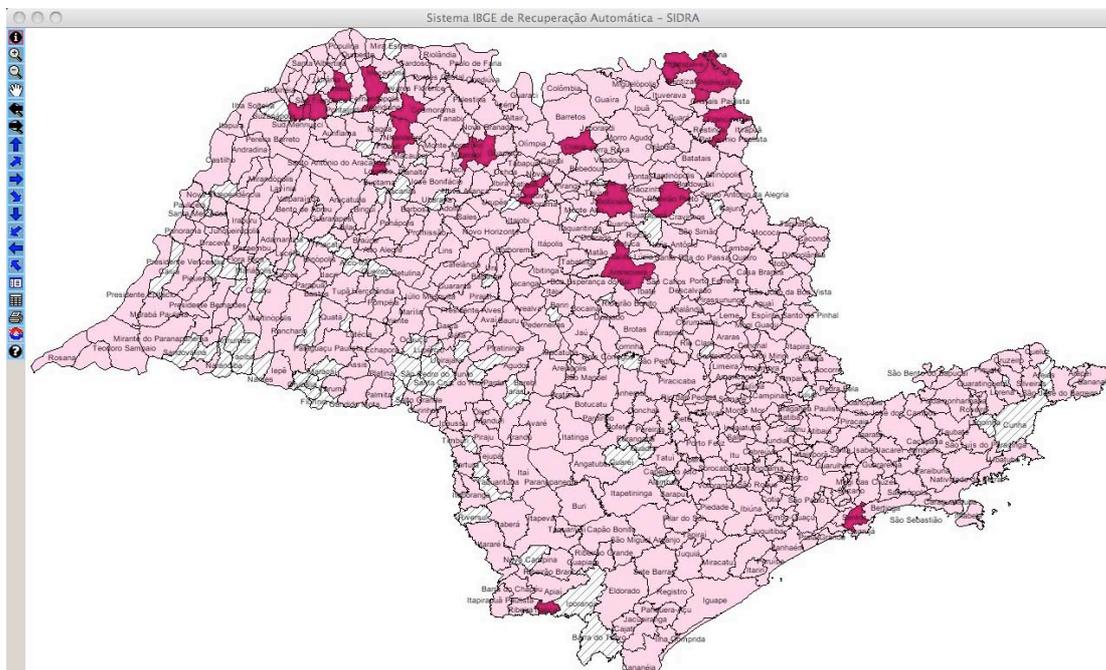
Colocação	Município	Habitantes	Espíritas	% espíritas
1	Ribeirão Preto	504.923	24.945	4,9
2	Santos	417.983	17.621	4,2
3	São José do Rio Preto	358.523	18.659	5,2
4	Franca	287.737	20.268	7,0
5	Araraquara	182.471	9.271	5,1
6	Catanduva	105.847	5.123	4,8
7	Votuporanga	75.641	5.346	7,1
8	Jaboticabal	67.408	2.947	4,4
9	Fernandópolis	61.647	2.685	4,4
10	Mirassol	48.327	2.023	4,2
11	Jales	46.186	1.926	4,2
12	Igarapava	25.925	1.814	7,0
13	Colina	16.664	977	5,9
14	Pedregulho	14.994	2.043	13,6
15	Palmeira d'Oeste	10.322	433	4,2
16	Nhandeara	10.194	601	5,9
17	Aparecida d'Oeste	4.935	303	6,1
18	Aramina	4.763	375	7,9
19	Rifaina	3.325	265	8,0
20	Jeriquara	3.280	189	5,8
21	Itaóca	3.226	633	19,6
22	Marinópolis	2.195	171	7,8
23	Lourdes	2.007	319	15,9

(fonte:- informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

Assim, focaremos:- um município da faixa-5; cinco municípios da faixa-4; quatro municípios da faixa-3; três municípios da faixa-2 e sete municípios da faixa-1. Desta forma, faremos uma análise inicialmente focada em 3% do total de municípios do Estado de São Paulo (23 municípios), onde o percentual de espíritas na população é bastante significativo. Verificamos que as cidades, objeto de nossa pesquisa, estão geograficamente no Norte do Estado. Dessas 23 cidades, 18 estão em duas Regiões Administrativas⁴³: a Região Administrativa 8 (São José do Rio Preto) - onde encontramos 12 cidades - e a Região Administrativa 14 (Franca) - onde temos 6 cidades, conforme o seguinte mapa:

⁴³ Referimo-nos à classificação espacial Administrativa do Governo Estadual

Mapa 4 - 23 Municípios com percentual de espíritas igual ou superior ao dobro do percentual⁴⁴ de espíritas do Estado de SP



Legenda				
Variável = População residente (Percentual)				
Religião = Espírita				
Ano = 2000				
Nível Territorial = Município				
(Unidade da Federação = São Paulo)				
Cor	De	Até	Frequência	%
	0,00	4,15	546	84,7
	4,16	99,00	23	3,6
//////	Ausência de dados, (-) ou valor desidentificado		76	11,8

(fonte:- IBGE/2000 – cartograma gerado pelo Sistema IBGE de recuperação automática - SIDRA)

Em termos de nível educacional, os percentuais de São Paulo e do Brasil se repetem nas cidades analisadas, com os espíritas concentrados na mais alta faixa de escolaridade. Ocorrem três exceções, conforme destacamos na tabela abaixo; sendo que uma delas, a cidade de *Nhandeara*, apesar de não ter o maior percentual de espíritas situados na faixa mais alta, tem o maior percentual de espíritas na segunda faixa de anos de estudo. As duas

⁴⁴ Selecionamos as cidades com mais de 4,15% de espíritas, tendo em vista o arredondamento para uma casa decimal, portanto equivalente a 4,2% que é o dobro dos 2,1% do Estado de SP.

outras cidades, *Itaóca* e *Rifaina*, são uma grande distorção em relação ao já discutido perfil espírita (ver Capítulo II).

Tabela 16 - Faixa de anos de estudo com o maior percentual de espíritas, nos 23 Municípios selecionados (ordenada por Município)

Município	Anos de estudo faixa com o maior percentual de espíritas	% de espíritas na faixa
Aparecida d'Oeste	15 anos ou mais	32%
Aramina	15 anos ou mais	32%
Araraquara	15 anos ou mais	14%
Catanduva	15 anos ou mais	14%
Colina	15 anos ou mais	13%
Fernandópolis	15 anos ou mais	12%
Franca	15 anos ou mais	17%
Igarapava	15 anos ou mais	20%
Itaóca	4 a 7 anos	29%
Jaboticabal	15 anos ou mais	15%
Jales	15 anos ou mais	11%
Jeriquara	15 anos ou mais	19%
Lourdes	15 anos ou mais	49%
Marinópolis	15 anos ou mais	18%
Mirassol	15 anos ou mais	12%
Nhandeara	11 a 14 anos	13%
Palmeira d'Oeste	15 anos ou mais	20%
Pedregulho	15 anos ou mais	24%
Ribeirão Preto	15 anos ou mais	12%
Rifaina	1 a 3 anos	12%
Santos	15 anos ou mais	8%
São José do Rio Preto	15 anos ou mais	12%
Votuporanga	15 anos ou mais	14%

(fonte:- informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000 – tabela 2106)

Também em termos de renda, as localidades seguem o padrão para o contingente espírita, tanto em nível estadual quanto nacional. Ocorrem cinco exceções, conforme destacamos na tabela abaixo; sendo que *Itaóca* novamente chama a atenção por ter os espíritas em uma faixa de renda mínima. A terminologia “sem rendimentos” não necessariamente significa “economicamente carente”, o que impossibilita uma interpretação mais precisa do dado.

Tabela 17 - Faixa de renda em que ocorre o maior percentual de espíritas, nos 23 Municípios selecionados (ordenada por Município)

Município	Faixa de renda com o maior percentual de espíritas	% de espíritas na faixa
Aparecida d'Oeste	Mais de 15 a 20 salários mínimos	31%
Aramina	Mais de 20 a 30 salários mínimos	100%
Araraquara	Mais de 30 salários mínimos	15%
Catanduva	Mais de 10 a 15 salários mínimos	19%
Colina	Mais de 10 a 15 salários mínimos	22%
Fernandópolis	Mais de 20 a 30 salários mínimos	25%
Franca	Mais de 10 a 15 salários mínimos	15%
Igarapava	Mais de 30 salários mínimos	26%
Itaóca	Até 1/2 salário mínimo	38%
Jaboticabal	Mais de 10 a 15 salários mínimos	13%
Jales	Mais de 20 a 30 salários mínimos	14%
Jeriquara	Mais de 5 a 10 salários mínimos	23%
Lourdes	Mais de 3 a 5 salários mínimos	42%
Marinópolis	Sem rendimento	58%
Mirassol	Mais de 15 a 20 salários mínimos	13%
Nhandeara	Mais de 10 a 15 salários mínimos	10%
Palmeira d'Oeste	Mais de 30 salários mínimos	29%
Pedregulho	Sem rendimento	30%
Ribeirão Preto	Mais de 20 a 30 salários mínimos	12%
Rifaina	Sem rendimento	32%
Santos	Mais de 30 salários mínimos	8%
São José do Rio Preto	Mais de 20 a 30 salários mínimos	12%
Votuporanga	Mais de 20 a 30 salários mínimos	31%

(fonte:- informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

4.1.2 - Relação entre contingente e presença federativa

Com o intuito de verificar a presença institucional de ofertas concorrentes, encontramos um cadastro de Igrejas Evangélicas em um *site* na *internet*⁴⁵, que fornece uma página contendo um formulário de pesquisa eletrônico denominado Registro Nacional de Igrejas Evangélicas⁴⁶, do qual extraímos as quantidades de igrejas nas cidades analisadas,

⁴⁵ Endereço: http://www.mai.org.br/tabelas/registroigrejas/registro_list.php - acesso em 08/05/2009.

⁴⁶ Neste cadastro consta um alerta: “Estes dados refletem as Igrejas cadastradas em nosso banco de dados. Estes dados não são absolutos pois dependem da colaboração dos nossos usuários”. Consideramos que os dados são válidos para a nossa pesquisa, tendo em vista que também os cadastros fornecidos pelos espíritas não contêm todas as instituições espíritas.

que agregados aos dados obtidos dos cadastros federativos centralizados⁴⁷ e do censo demográfico, nos dão uma noção da proporção entre quantidade de Igrejas x Centros espíritas:

Tabela 18 - Presença de instituições federadas e Igrejas Evangélicas nos 23 Municípios com maior percentual de espíritas (ordenada por Região Adm.-crescente e %espíritas - decrescente)

Município	Órgão Federativo e (qtd. Centros)	% espíritas	Região administrativa	Qtd. Igrejas Evangélicas
Lourdes	-	15,9	Araçatuba	-
Santos	USE(29), FEESP(6)	4,2	Baix. Santista	53
Colina	USE(1), FEESP(2)	5,9	Barretos	2
Araçatuba	USE(19), FEESP(14)	5,1	Central	25
Aramina	USE(1), FEESP(1)	7,9	Franca	-
Franca	USE(56), FEESP(1)	7	Franca	71
Igarapava	USE (3)	7	Franca	4
Jeriquara	USE (1)	5,8	Franca	0
Pedregulho	USE (7)	13,6	Franca	4
Rifaina	USE (2)	8	Franca	1
Jaboticabal	USE(10), FEESP(2)	4,4	Ribeirão Preto	12
Ribeirão Preto	USE(48), FEESP(6)	4,9	Ribeirão Preto	75
Aparecida d'Oeste	USE (1)	6,1	S. J. Rio Preto	-
Catanduva	USE(10), FEESP(9)	4,8	S. J. Rio Preto	23
Fernandópolis	USE(9), FEESP(3)	4,4	S. J. Rio Preto	9
Jales	USE (7)	4,2	S. J. Rio Preto	10
Marinópolis	USE(1), FEESP(1)	7,8	S. J. Rio Preto	1
Mirassol	USE (3)	4,2	S. J. Rio Preto	7
Nhandeara	USE(6), FEESP(3)	5,9	S. J. Rio Preto	2
Palmeira d'Oeste	USE (3)	4,2	S. J. Rio Preto	2
São José do Rio Preto	USE(30), FEESP(5)	5,2	S. J. Rio Preto	64
Votuporanga	FEESP(2)	7,1	S. J. Rio Preto	17
Itaóca	USE (2)	19,6	Sorocaba	-

(fonte:- Cadastro das federativas e do Registro Nacional de Igrejas Evangélicas, agregados aos dados obtidos do Censo IBGE/2000 - apenas os centros espíritas unidos (federados) foram contabilizados)

Constatamos a quase total presença da USE - a exceção fica por conta do município de Lourdes - nas cidades que compõem a amostragem de nossa pesquisa.

Surpreendeu-nos a relação existente entre a quantidade de instituições espíritas e igrejas evangélicas, nessas cidades com alto percentual de espíritas, algo que buscaremos verificar se é fator determinante para os altos percentuais, quando compararmos esta relação nas cidades com baixo percentual de espíritas.

⁴⁷ Os cadastros centralizados são menos atualizados do que os regionais.

Também apreendemos da tabela acima que há uma grande quantidade de centros federados em Franca e nas cidades da mesma Região Administrativa, juntamente com os mais altos percentuais de espíritas nestas localidades. Por conta disso, no Capítulo V, buscaremos verificar se confirmamos a relação positiva, entre presença institucional e contingente na cidade de Franca, tendo em vista que ela preenche dois quesitos que permitem a generalização da situação desta cidade – 1) em termos de população encontra-se na faixa 4, entre 100.001 e 500.000 habitantes, portanto na faixa em que o Espiritismo mostra-se mais eficiente em termos percentuais de adesão; 2) dentre as cidades com alto percentual de espíritas, Franca é, segundo o cadastro central da USE, a que tem a maior quantidade de instituições unidas. Portanto, Franca nos possibilitará verificar o desempenho institucional em condições ideais em termos de perfil populacional e presença institucional.

Tabela 19 - Presença percentual de outros contingentes significativos⁴⁸ nos 23 Municípios com maior percentual de espíritas (ordenada por Região - crescente e %espíritas - decrescente)

Local	% espíritas	espíritas	População	Região	% missão	% pentecostais	% sem religião
Lourdes	15,89.	319	2.007	Araçatuba	0,25.	9,47.	3,44.
Santos	4,22.	17.621	417.983	Baixada Santista	1,89.	5,53.	6,14.
Colina	5,86.	977	16.664	Barretos	1,30.	8,88.	6,23.
Araraquara	5,08.	9.271	182.471	Central	2,14.	9,90.	5,85.
Pedregulho	13,63.	2.043	14.994	Franca	0,85.	8,31.	10,88.
Rifaina	7,97.	265	3.325	Franca	0,09.	15,97.	6,95.
Aramina	7,87.	375	4.763	Franca	0,00.	7,98.	10,75.
Franca	7,04.	20.268	287.737	Franca	1,62.	13,18.	4,93.
Igarapava	7,00.	1.814	25.925	Franca	1,50.	9,67.	3,73.
Jeriquara	5,76.	189	3.280	Franca	0,61.	11,49.	9,73.
Ribeirão Preto	4,94.	24.945	504.923	Ribeirão Preto	2,87.	9,52.	7,72.
Jaboticabal	4,37.	2.947	67.408	Ribeirão Preto	2,02.	11,21.	6,72.
Itaóca	19,62.	633	3.226	Sorocaba	1,92.	10,29.	8,21.
Marinópolis	7,79.	171	2.195	São José do Rio Preto	0,00.	8,02.	4,46.
Votuporanga	7,07.	5.346	75.641	São José do Rio Preto	3,43.	9,74.	4,15.
Aparecida d'Oeste	6,14.	303	4.935	São José do Rio Preto	2,84.	6,69.	5,45.
Nhandeara	5,90.	601	10.194	São José do Rio Preto	1,91.	6,95.	2,29.
São José do Rio Preto	5,20.	18.659	358.523	São José do Rio Preto	3,44.	12,82.	4,70.
Catanduva	4,84.	5.123	105.847	São José do Rio Preto	1,37.	13,29.	5,55.
Fernandópolis	4,36.	2.685	61.647	São José do Rio Preto	4,53.	10,38.	4,68.
Mirassol	4,19.	2.023	48.327	São José do Rio Preto	2,25.	8,92.	3,90.
Palmeira d'Oeste	4,19.	433	10.322	São José do Rio Preto	4,01.	5,34.	2,64.
Jales	4,17.	1.926	46.186	São José do Rio Preto	6,04.	8,76.	8,50.

(informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

Chama a atenção o baixo percentual de evangélicos de missão⁴⁹ nas localidades de maior presença percentual espírita, o que pode ser explicado pela maior proximidade entre o comportamental destes contingentes – começando pela média percentual que é de 2,8% para os protestantes e de 2,1% para os espíritas em São Paulo- ou seja, a possível

⁴⁸ No caso, significativos são os contingentes que aparecem mais constantemente, excetuando-se o Católico, por ser sabidamente muito maior em todas as cidades.

⁴⁹ Conforme agrupamento do Censo IBGE/2000, que reúne as chamadas Igrejas Protestantes Tradicionais.

competição por adeptos não ocorre nestas localidades pela ausência de um dos contingentes. A Teoria da Escolha Racional postula, pelo cálculo de custo x benefício da proximidade de oferta, que se houvesse uma maior presença de protestantes de missão, em especial os Batistas, nessas localidades a probabilidade seria que o contingente espírita fosse afetado, pois eles se compõem de um perfil de adeptos muito próximo em termos socioeconômicos, tipo de relação fiel/igreja e estrutura administrativa. Na tentativa de corroborar esta proposição, verificamos onde ocorrem os maiores percentuais de protestantes de missão – o dobro da média do estado, obtendo o seguinte quadro:

Tabela 20 – Quantidade de cidades com percentual maior ou igual ao dobro da média do respectivo contingente no estado de São Paulo (ordenada por região)

região	espírita >	Região	missão >
Araçatuba	1	Araçatuba	3
Baixada Santista	1	-	-
Barretos	1	Barretos	1
-	-	Bauru	5
-	-	Campinas	4
Central	1	-	-
Franca	6	-	-
-	-	Marília	2
-	-	Presidente Prudente	6
-	-	Registro	6
Ribeirão Preto	2	-	-
-	-	São José dos Campos	2
Sorocaba	1	Sorocaba	7
São José do Rio Preto	7	São José do Rio Preto	5

(informações produzidas a partir dos dados do Censo IBGE/2000)

No quadro acima queremos destacar as regiões e a quantidade de cidades que se destacam nelas, por terem o dobro ou mais que a média de espíritas ou evangélicos de missão. Podemos verificar que com poucas exceções, onde há cidades(s) com alto nível de um contingente não ocorre o mesmo com o contingente concorrente. E no caso onde ocorrem os dois contingentes na mesma região, não ocorre a presença na mesma cidade.

Portanto, o sucesso de um determinado contingente se dá na proporção inversa da presença de contingentes de perfil parecido, o que está de acordo com os pressupostos teóricos sobre oferta, pois, a presença de duas ofertas parecidas, acarretará uma concorrência entre elas, motivada pelas análises de custo x benefício. Se uma delas não

estiver presente não haverá a possibilidade de escolha. Se uma delas está presente de forma menos organizada ocorrerá uma fraca adesão ao menor grupo, pois sua configuração implica em menos benefícios - rede social, status - e maiores custos, inerentes às minorias religiosas. Se as duas opções estão presentes e organizadas ocorrerá uma disputa acirrada pelos adeptos, resultando em contingentes próximos até que uma delas se mostre mais atrativa, com uma melhor relação custo x benefício. Um fator de desequilíbrio entre as ofertas é o pressuposto teórico de que oferta gera demanda, ou seja, onde houver mais presença institucional haverá maior probabilidade de que haja adeptos, pois, como já dissemos, raramente as pessoas estão totalmente satisfeitas com sua religião, e havendo uma opção de escolha presente haverá uma avaliação da nova opção, que poderá acarretar em uma mudança de adesão. O que também se confirma em nossa pesquisa, pois, as regiões com melhor desempenho percentual dos espíritas na população, são as que possuem uma grande quantidade de centros espíritas, conforme demonstra a Tabela 18 (p. 111).

Na tentativa de comparar as cidades paulistas com sucesso em termos de contingente, em relação a outras cidades da mesma faixa populacional, para que pudéssemos confirmar se a presença física de centros espíritas é fator relevante para obtenção de um maior percentual de adeptos, escolhemos tabular os dados das cidades da faixa 4, num total de 54 cidades entre 100.001 e 500.000 habitantes, quando mostramos os contingentes e a quantidade de centros espíritas, para avaliar a relação entre presença física e contingente e identificar diferenças entre cidades de mesmo porte nos dados da tabela seguinte:

Tabela 21 – % de contingentes x qtd. instituições – cidades entre 100.001 e 500.000 habitantes – ordenado por população crescente

Seq.	local	população	% pop. Espíritas	Qtd. Centros	Qtd. Igrejas Evangélicas	% pop. Missão	% pop. Pentecostais
1	Barretos	103913	2,92.	13	12	5,11.	7,38.
2	Araras	104196	1,41.	8	17	2,02.	14,98.
3	Guaratinguetá	104219	1,71.	7	15	1,47.	10,32.
4	Ribeirão Pires	104508	1,67.	7	14	3,29.	13,86.
5	Catanduva	105847	4,84.	19	23	1,37.	13,29.
6	Franco da Rocha	108122	0,96.	1	104	1,74.	15,49.
7	Botucatu	108306	1,99.	9	33	3,61.	11,05.
8	Cubatão	108309	0,41.	1	14	2,47.	18,09.
9	Atibaia	111300	2,50.	2	123	3,33.	10,24.
10	Jaú	112104	1,34.	8	13	1,72.	9,51.
11	Mogi Guaçu	124228	1,31.	7	11	2,03.	14,41.
12	Bragança Paulista	125031	1,49.	5	92	2,11.	10,77.
13	Itapetininga	125559	1,19.	9	26	2,23.	17,37.
14	Pindamonhangaba	126026	2,08.	7	14	2,16.	13,75.
15	Itapecerica da Serra	129685	0,89.	1	16	3,39.	14,60.
16	Francisco Morato	133738	0,63.	1	275	1,96.	19,30.
17	Itu	135366	1,12.	8	13	1,72.	11,66.
18	São Caetano do Sul	140159	3,60.	21	35	4,18.	6,11.
19	Ferraz de Vasconcelos	142377	1,00.	1	35	2,57.	21,73.
20	Indaiatuba	147050	1,83.	8	26	2,99.	11,53.
21	Cotia	148987	1,34.	6	25	2,60.	13,68.
22	Hortolândia	152523	0,70.	2	24	6,19.	17,70.
23	Itapevi	162433	0,51.	3	24	1,94.	22,21.
24	Rio Claro	168218	2,14.	15	26	4,35.	14,96.
25	Araçatuba	169254	3,45.	15	43	4,14.	15,81.
26	Santa Bárbara d'Oeste	170078	1,21.	6	24	3,05.	16,34.
27	Araraquara	182471	5,08.	19	25	2,14.	9,90.
28	Americana	182593	2,40.	18	51	3,70.	14,87.
29	Presidente Prudente	189186	1,25.	19	31	4,38.	12,62.
30	Jacareí	191291	1,95.	10	73	2,79.	13,76.
31	São Carlos	192998	2,61.	15	22	1,94.	9,50.
32	Praia Grande	193582	2,66.	11	20	3,06.	12,18.
33	Sumaré	196723	0,49.	5	38	3,90.	20,72.
34	Marília	197342	2,84.	27	212	3,62.	11,50.
35	Taboão da Serra	197644	1,59.	5	38	3,18.	10,43.
36	Embu	207663	0,56.	1	40	2,58.	10,09.
37	Barueri	208281	0,65.	1	51	3,18.	19,89.
38	Suzano	228690	1,23.	13	17	3,47.	18,34.
39	Taubaté	244165	2,07.	23	40	2,14.	10,25.
40	Limeira	249046	1,14.	18	47	5,22.	17,88.
41	Guarujá	264812	1,07.	10	37	2,67.	13,88.
42	Itaquaquecetuba	272942	0,55.	2	41	2,43.	20,46.
43	Franca	287737	7,04.	56	71	1,62.	13,18.
44	São Vicente	303551	1,80.	14	41	3,18.	13,14.
45	Bauru	316064	3,12.	19	92	3,61.	16,52.
46	Jundiaí	323397	2,20.	20	44	1,92.	11,53.
47	Piracicaba	329158	1,68.	21	59	1,90.	16,62.
48	Mogi das Cruzes	330241	2,62.	13	70	2,67.	14,31.
49	Carapicuíba	344596	0,64.	4	70	2,78.	18,46.
50	Diadema	357064	1,09.	6	60	2,55.	12,91.
51	São José do Rio Preto	358523	5,20.	33	64	3,44.	12,82.
52	Mauá	363392	0,82.	15	64	2,97.	17,38.
53	Santos	417983	4,22.	55	53	1,89.	5,53.
54	Sorocaba	493468	1,86.	35	106	3,17.	17,94.

(fonte:- Cadastro das federativas e do Registro Nacional de Igrejas Evangélicas, agregados aos dados obtidos do Censo IBGE/2000 - incluídos centros que não são unidos (federados))

Note-se que no quadro acima, todas as cidades que têm percentual acima do dobro da média paulista (> 4,2%) – Catanduva, Araraquara, Franca, São José do Rio Preto e Santos - possuem uma quantidade de centros superior a metade do total de igrejas evangélicas, o que confirma nossa suspeita de que este é um dos fatores determinantes para o percentual de adeptos e sugere uma métrica que poderia ser utilizada para nortear a propagação de novos centros espíritas, no sentido de promover um aumento no percentual de adeptos. Ainda como indicador de que uma maior presença física é fator relevante para obtenção de adeptos, destacamos a situação das cidades de Araraquara e Americana, onde duas populações equivalentes têm um nível bastante diferente de percentual de espíritas, o que explicamos, também pela significativa desproporção entre centros espíritas e igrejas nessas cidades, fazendo com que Araraquara, que tem uma melhor proporção, ou seja, 19 centros espíritas para 25 igrejas evangélicas, tenha um percentual de 5,08%, superior aos 2,4% de Americana que possui apenas um centro a menos, 18 centros, para concorrer com 51 igrejas evangélicas. Evidentemente outros fatores podem influir na captação de adeptos, porém, nossa pesquisa indica que pela forma com a qual as instituições espíritas trabalham - prestando atendimento sem estimular a adesão, deixando totalmente por conta dos freqüentadores a iniciativa para engajar-se no Espiritismo – resulta em um baixo percentual de adeptos, o que pode ser compensado com uma maior quantidade de centros, ou, dito de outra maneira, as igrejas que objetivam transformar freqüentadores em adeptos necessitam menos de uma maior quantidade de unidades físicas de atendimento (igrejas ou instituições), no caso do Espiritismo, para compensar o menor percentual de adeptos por centro, é necessário uma maior quantidade de centros para que o total geral seja ampliado. Portanto, uma das ações institucionais que poderiam impactar positivamente o crescimento do contingente espírita, seria o estímulo à ampliação da quantidade de centros espíritas, preferencialmente em cidades que tenham baixa presença institucional, ou baixa eficiência em termos de contingente, de segmentos religiosos concorrentes. Como as federativas não reconhecem os dados do IBGE como válidos, e não têm dados censitários de seu contingente para nortear ações no sentido de ocupar espaços propícios à obtenção de adeptos, elas impactam negativamente o crescimento do contingente espírita dado que não subsidiam com informações estratégicas as suas redes. É fato que as federativas não determinam se e onde se abre um centro espírita, porém esta informação, se disponível, poderia influenciar a decisão de novos grupos quanto ao local para as suas sedes, caso

possam escolher. Mais diretamente ligada a ação federativa, seria o uso destas informações - atualmente desconhecidas ou rejeitadas pelas federativas - para a realização de eventos que pudessem motivar a rede onde há forte concorrência e baixo desempenho em termos de adesão. Em nossas observações não verificamos a existência de vontade política ou estratégia de expansão no meio federativo espírita.

Partindo de expectativas internas ao Movimento Espírita, baseadas no senso comum, deveríamos encontrar altos índices de adesão nas cidades de Araras, Matão e Guarulhos, tendo em vista o significativo trabalho realizado pelos espíritas nessas localidades, tanto histórico na consolidação do Espiritismo, quanto na ação caritativa espírita. Passamos a analisar essas cidades para verificar se as expectativas se confirmam.

Araras sedia uma importante editora espírita – o Instituto de Difusão Espírita (IDE), que promove uma relevante ação social naquela cidade⁵⁰. Contrariando as expectativas institucionais, Araras tem apenas 1,41% de espíritas, percentual equivalente ao percentual nacional (1,33%) e inferior ao do Estado de São Paulo (2,10%). Nela encontramos uma relação de 8 centros espíritas para 17 igrejas evangélicas, menos que a metade. Compare-se esta cidade a Catanduva, que para uma população equivalente possui uma relação de 19 centros para 23 igrejas e 4,84% de espíritas, o que evidencia aquilo que estamos buscando comprovar em termos de presença física proporcional à população e à presença de ofertas concorrentes, dando vantagem à localidade que tem uma maior presença física de centros espíritas juntamente com uma melhor proporção frente à concorrência. Frisamos que identificamos um fator determinante, porém, nossas observações não puderam avançar no sentido de identificar nessas localidades os motivos que levaram à maior ou menor presença de centros espíritas. Não obstante, em observações em localidades da capital paulista, pudemos verificar que vários centros espíritas surgiram, fundados por grupos que deixaram de freqüentar um outro centro espírita por questões de incompatibilidade com o grupo original, porém, mantendo a fidelidade doutrinária nas bases Kardequianas. Posteriormente, os grupos dissidentes, passaram a se relacionar fraternalmente, seja convidando palestrantes do outro centro para proferir palestras públicas ou mesmo para a realização de eventos em conjunto.

Matão, que não está no quadro acima por ter 71.753 habitantes, é muito famosa por ser a cidade onde atuou Cairbar Schutel, que é considerado o “bandeirante do Espiritismo”.

⁵⁰ Fonte:- <http://www.idelivraria.com.br/?modulo=empresa>, acesso em 09/05/2009.

Schutel criou em 1905 a *Casa editora O Clarim*, que edita um jornal com o mesmo nome e que circula até a presente data⁵¹. Essa cidade pela sua importância histórica e contínua atuação no Movimento Espírita deveria ter um alto percentual de espíritas, o que não ocorre. Matão tem 1,46% de espíritas e por isto se encontra na mesma situação que Araras em relação aos percentuais nacional e estadual. Tem 3 centros espíritas contra 7 igrejas evangélicas. Em contato com dirigentes espíritas de Matão perguntamos se eles teriam uma explicação sobre o motivo da baixa presença de centros espíritas em Matão, ao que eles nos responderam que a atuação Católica nessa cidade buscou mitigar o impacto do Espiritismo no local. A história do Espiritismo em Matão foi permeada por um grande embate entre os espíritas e os católicos e com a morte de Cairbar Schutel as coisas se acomodaram. Há algum tempo a editora, por ele fundada, enfrenta a forte concorrência das editoras comerciais que exploram títulos espíritas e luta para sobreviver e manter o seu legado.

Guarulhos, que é a segunda maior cidade do Estado de São Paulo, em termos de população, sedia algumas unidades da Fundação Espírita André Luiz. Dentre as unidades citamos o Hospital das Casas André Luiz, que ali se instalou em 1959 e que cuida atualmente de mais de 1.400 pessoas com deficiência mental⁵², prestando um relevante serviço à sociedade paulista, e a Radio Boa Nova, uma das principais e mais antigas rádios espíritas do país, em atividade desde 1964⁵³, portanto muito antes do advento das rádios religiosas atuais. Mesmo assim, a cidade de Guarulhos, contrariando as expectativas do senso comum, tem um baixo percentual de espíritas, apenas 1,57% da população, ficando perto da situação de Matão e Araras. Em Guarulhos também verificamos uma baixa ocorrência de centros espíritas, são 19 centros espíritas contra 201 igrejas evangélicas, uma grande desproporção, à qual atribuímos a baixa quantidade de adeptos.

Resta ainda uma questão para melhor entendermos o que ocorre nessas cidades em termos de evolução do contingente espírita: qual seria a relação entre o censo de 2000 e o censo de 1991, em termos de contingente espírita?

A cidade de Araras tinha 1,80% de espíritas em 1991 e 1,41% em 2000, portanto ocorreu diminuição no contingente espírita apesar de a cidade ter crescido 19%. A cidade de Matão tinha 1,09% em 1991 e 1,57% em 2000, portanto o contingente espírita cresceu

⁵¹ Fonte:- <http://www.oclarim.com.br/?id=1> , acesso em 09/05/2009.

⁵² Fonte:- <http://www.andreluiz.org.br/index.php> , acesso em 09/05/2009.

⁵³ Fonte:- http://www.radioboanova.com.br/his_compl.php?id=5 , acesso em 09/05/2009.

12% nessa cidade. A cidade de Guarulhos tinha 1,33% em 1991 e 1,46% em 2000, portanto teve um pequeno crescimento percentual, apesar de a cidade ter crescido 36% entre os censos. Consideramos que, em termos de evolução do contingente espírita, a situação de Araras é paradoxal e a de Guarulhos é bastante significativa em termos de comprovar que não há gestão estratégica para expansão do Espiritismo, pois a cidade está em franco crescimento populacional e fortemente ocupada por igrejas evangélicas que acompanham a sua expansão. Enquanto que o percentual de crescimento dos espíritas não segue a tendência de crescimento da cidade e não expande a sua rede física de centros espíritas para acompanhar a ocupação geográfica populacional.

Portanto, um dos impactos que uma federativa pode causar no crescimento do contingente espírita é a gestão da distribuição geográfica, tanto para estimular a instalação de novos Centros Espíritas, quanto para indicar os melhores pontos para cobrir espaços deixados por outros segmentos religiosos ou para contrapor o avanço destes segmentos. A falta deste gerenciamento impacta negativamente o crescimento do contingente espírita, como podemos comprovar contrapondo as cidades com grande percentual de espíritas às cidades com baixo percentual de espíritas. Desta forma, dado que o contingente espírita está fortemente concentrado no Estado de São Paulo, podemos inferir que não ocorre uma grande presença física de Centros Espíritas fora do Estado de SP, tendo em vista os baixos percentuais de contingente, em outros Estados. Essa inferência pode ser confirmada pelos dados das seguintes tabelas:

Tabela 22 - % de espíritas nos Estados e no Brasil

	UF	espíritas	% espíritas
1	Distrito Federal	55132	2,69.
2	Rio de Janeiro	347970	2,42.
3	Goiás	109490	2,19.
4	São Paulo	779325	2,10.
5	Rio Grande do Sul	186680	1,83.
6	Minas Gerais	284336	1,59.
7	Mato Grosso do Sul	30714	1,48.
8	Brasil	2262401	1,33.
9	Pernambuco	79155	1,00.
10	Mato Grosso	23886	0,95.
11	Santa Catarina	44059	0,82.
12	Bahia	105208	0,80.
13	Espírito Santo	22457	0,73.
14	Sergipe	12607	0,71.
15	Paraná	61448	0,64.
16	Rio Grande do Norte	13358	0,48.
17	Tocantins	5364	0,46.
18	Roraima	1359	0,42.
19	Pará	25473	0,41.
20	Rondônia	5265	0,38.
21	Paraíba	12499	0,36.
22	Alagoas	9991	0,35.
23	Amazonas	9336	0,33.
24	Ceará	24108	0,32.
25	Acre	1547	0,28.
26	Amapá	986	0,21.
27	Piauí	4713	0,17.
28	Maranhão	5933	0,10.

(fonte:- dados obtidos a partir do Censo IBGE/2000)

Dos 27 Estados brasileiros, 19 têm menos que 1 % de espíritas na população, sendo que destes, 13 têm menos que 0,5 %, indicando uma concentração do contingente espírita, sendo que apenas 3 Estados e o Distrito Federal, possuem percentuais acima de 2% de espíritas na população.

A partir do *site* da Federação Espírita do Paraná (FEP), obtivemos as seguintes quantidades de Centros Espíritas, que cruzamos com os dados de população do IBGE e com o Registro Nacional de Igrejas Evangélicas, visando confirmar a tendência que encontramos na relação entre presença física e contingente encontrada em SP:

Tabela 23 – Contingentes x presença física de Centros/Igrejas nas 9 maiores cidades do Paraná

local	população	% espíritas	qtd. centros	% evangélicos	qtd. Igrejas Evangélicas
Curitiba	1.587.315	1,70.	44	18,90.	275
Londrina	447.065	0,94.	13	21,70.	514
Maringá	288.653	0,83.	4	20,83.	60
Ponta Grossa	273.616	1,55.	12	15,08.	46
Foz do Iguaçu	258.543	0,71.	6	19,20.	297
Cascavel	245.369	0,78.	8	16,72.	42
São José dos Pinhais	204.316	0,58.	2	17,40.	31
Colombo	183.329	0,39.	1	23,09.	16
Guarapuava	155.161	0,24.	3	13,34.	24

(fonte:- dados produzidos a partir do Censo IBGE/2000, cadastro da FEP e RNIE)

Assim, confirmamos a tendência de que a presença física, concretizada em uma maior quantidade de centros e em uma melhor proporção desta quantidade em relação às quantidades de ofertas concorrentes, aumenta o percentual de espíritas. Não descartamos outros fatores, como localização privilegiada em grandes avenidas, ou locais de fácil acesso e melhor visibilidade, tanto quanto a exposição midiática das ações espíritas e o carisma dos agentes, mas é fato que a relação entre as quantidades de centros e igrejas impacta fortemente e positivamente o crescimento percentual dos contingentes. Note-se o caso de Guarapuava e de Colombo, com aproximadamente as mesmas quantidades de habitantes, onde Guarapuava tem o triplo de centros (3) mas tem um percentual de espíritas inferior (0,24%) pois também tem uma superior quantidade de igrejas (24) evangélicas. Esta situação, de baixa presença geográfica dos Centros Espíritas no Paraná, se reflete no baixo percentual de espíritas no Estado. Na tentativa de entender, do lado do segmento evangélico, a diferença percentual significativa em relação a quantidade de Igrejas, que, no caso destas cidades parece inverter a fórmula, descobrimos que o que ocorre é a diferença de proporção entre contingentes de missão e pentecostais. No caso de Guarapuava que tem mais Igrejas com menor percentual de evangélicos em relação a Colombo, ocorre que das 24 Igrejas em Guarapuava, 16 Igrejas são de missão (Batistas(2), Presbiteriana(14)), e das outras 8 Igrejas, 7 são Pentecostais (Quadrangular(3), Assembléia(3), Outra(1)) e 1 é Luterana, ou seja, maior presença das Igrejas de missão. Já em Colombo das 16 Igrejas evangélicas, 10 delas são Pentecostais (Quadrangular(8), Assembléia(2)) e 6 são de missão (Batista(3), Presbiteriana(3)). O que resultou em um maior percentual de evangélicos na cidade de Colombo – 23,09%, que possui uma maior presença de Igrejas pentecostais. A

explicação teórica fica por conta do que já comentamos sobre o grau de tensão e de abertura de rede social, o que no caso dos Pentecostais é melhor gerido, e, em conformidade com os pressupostos teóricos, resultam em um maior engajamento e conseqüentemente maior percentual de adeptos, por serem mais diferenciados socialmente (maior tensão) e com rede menos aberta (relações em maior grau com membros).

Verificamos no *site* da Federação Espírita do Paraná, que existem centros cadastrados em 114 cidades (29%) das 399 do Estado, e, na maioria delas existe apenas um Centro Espírita, apenas 19 destas cidades (17%) têm mais de um Centro Espírita, situação bem distinta da que ocorre no Estado de SP, onde há uma melhor ocupação geográfica, pois dos 645 municípios 395 (61%) possuem centros espíritas cadastrados pela USE e, dentre elas, 198 (50%) possuem mais que um centro espírita.

4.2 - Análise do impacto das Federativas

Particularmente interessante para analisarmos o impacto federativo são as dez regras, traduzidas abaixo por nós, que STARK listou como fatores de sucesso para os movimentos religiosos, em um artigo denominado *Por que movimentos religiosos progridem ou falham*⁵⁴. Os movimentos religiosos irão progredir de acordo com o grau em que:

- 1-Mantiverem uma continuidade cultural com as crenças convencionais da sociedade onde buscam adeptos
 - 2-Suas doutrinas não forem empíricas
 - 3-Mantiverem um nível médio de tensão com o ambiente circundante – sendo estritas, mas não muito
 - 4-Tiverem líderes legitimados com autoridade para serem efetivos. Autoridade adequada requer claras justificativas doutrinárias para uma efetiva e legítima liderança. A autoridade é tida como mais legitimada e ganha em efetividade de acordo com o grau em que seus membros sintam-se como participantes no sistema de autoridade.
 - 5-Puderem gerar uma força de trabalho religiosa voluntária e altamente motivada, incluindo muita vontade de fazer prosélitos
 - 6-Mantiverem um nível de fertilidade suficiente para, no mínimo, repor o nível de mortalidade dos adeptos
 - 7-Competirem contra organizações religiosas convencionais fracas e com uma relativamente irregular economia religiosa
 - 8-Sustentem fortes ligações internas, enquanto mantêm uma rede social aberta, capaz de manter e formar laços com os não adeptos
 - 9-Continuem mantendo suficiente tensão com o meio, mantendo-se estritas
 - 10-Socializem os jovens suficientemente bem para minimizar tanto a perda de adeptos quanto o apelo da flexibilização.
- (Cf. STARK, 1996, p. 144, 145) (tradução nossa)

⁵⁴ No original: Why Religious Movements Succeed or Fail

Stark alerta que essas podem ser condições necessárias para o sucesso, entretanto, podem não ser suficientes, e que para tanto deve-se aplicar a teoria a uma maior quantidade de grupos, verificando se elas realmente explicam o sucesso ou não dos grupos analisados ou se existem outras condições que devam ser explicitadas. Para a nossa pesquisa elas são suficientes, pois desejamos verificar se há na fala ou na ação das federativas, elementos que contribuam para que alguma dessas condições não sejam satisfeitas, o que causaria um impacto negativo no crescimento do contingente Espírita.

Particularmente no caso do Espiritismo, nossa pesquisa demonstra que a institucionalização do Espiritismo atendeu a regra 1, “Mantiverem uma continuidade cultural com as crenças convencionais da sociedade onde buscam adeptos”, ao estimular a construção de um jeito de ser espírita no Brasil, principalmente pela parceria FEB – Chico Xavier, como explicitada no Capítulo II. Estabelecendo uma forte continuidade cultural com o ambiente social brasileiro, fortemente embasado no Catolicismo.

A regra 2, “Suas doutrinas não forem empíricas”, este é um dos problemas da parte fenomenológica do Espiritismo. O ideal é que uma religião pregue uma doutrina e crenças que não possam ser desconfirmadas, como quando ocorre uma operação espiritual prometendo a cura e ela não se confirma, levando as pessoas a não acreditarem no Espiritismo. Claro que sempre haverá a questão do mérito envolvida e isto amenizará o fracasso obtido por alguns. Mas tanto quanto possível uma religião deve falar de coisas que digam respeito a compensadores, ou seja, coisas que se concretizarão em um futuro fora do escopo atual. Neste sentido, também o afã de alguns espíritas em atrelar descobertas científicas, principalmente postulados da física quântica, como confirmação do Espiritismo, aproxima-o do mundo cotidiano e secular, dando oportunidade para que se desconfirmem teorias que foram por ele abraçadas, sem que nem mesmo haja consenso entre os físicos teóricos sobre o tema. Atualmente, muitas descobertas da física ou da medicina são associadas aos pressupostos espíritas, há um risco de outras descobertas desconfirmarem as falas científicas, o que no caso da ciência é previsível e não causa danos, mas no caso de uma religião isto não é desejável. Uma religião tem que fornecer certezas e não probabilidades, e isto só se consegue em se tratando de coisas que estão fora do âmbito material, onde só a fé pode sustentar a crença pois está fora do escopo da ciência.

A regra 3, “um nível médio de tensão com o ambiente circundante – sendo estritas, mas não muito”, foi atendida em momentos quando o Espiritismo era perseguido e equiparado a outras religiões mediúnicas, quando foi necessário se explicitar o que era e o que não era Espiritismo, conforme demonstramos no Capítulo III. Porém atualmente o Espiritismo, após se consolidar no Brasil como uma importante religião, passou a ter uma rede muito aberta, deixando de explicitar a vantagem em aderir ao Espiritismo. Por exemplo, a ênfase atual nos *Evangelhos* e em uma leitura com ênfase no sentimental podem contribuir para enviar frequentadores para as Igrejas Pentecostais, onde se estudam mais propriamente e especificamente os *Evangelhos* e se dá vazão ao êxtase individual, sem a necessidade de estudo tão fortemente apregoada pelos espíritas dos livros da codificação.

A regra 4, “Tiverem líderes legitimados com autoridade para serem efetivos [...]”, foi parcialmente atendida, pois, no nosso entendimento, a sociedade e os espíritas em geral reconhecem a FEB como representante do Espiritismo nacional, porém existem lideranças espíritas que não têm a FEB como legítima representante do Movimento Espírita nacional, como demonstram as tensões ainda existentes entre a FEESP e a FEB, como denotam as declarações feitas por Ary Lex:

Todos nós nos entusiasmamos com o Pacto. Esperávamos um Conselho Federativo realmente representativo de todo o Brasil, autônomo, funcionando com toda a liberdade e sem compromissos com Roustaing. Não percebemos que ele era um Departamento da FEB e, como tal, a ela subordinado. Não víamos que um Conselho, representando democraticamente todas as Federações estaduais, não poderia ser subordinado a uma Federação criada e dirigida por moradores do Rio de Janeiro, intitulada “brasileira”, mas sucessora de um só centro espírita. (ARY LEX, 2001, p. 80)

A regra 5, “Puderem gerar uma força de trabalho religiosa voluntária e altamente motivada, incluindo muita vontade de fazer prosélitos”, foi atendida na fase de consolidação do Espiritismo no Brasil, pois havia estigma em ser espírita, exigindo que os adeptos fossem motivados a reverter este quadro e, enquanto a institucionalização do Espiritismo ainda não havia se consolidado, ocorria proselitismo quando se falava da necessidade de que as pessoas que buscavam o centro com problemas espirituais deveriam se engajar para desenvolver seus dons mediúnicos, caso contrário teriam graves problemas. Esta fala foi duramente combatida pelas lideranças e está, pelo menos oficialmente,

erradicada nos centros espíritas federados. Adicionalmente a palavra proselitismo é fortemente rejeitada pelo Movimento Espírita, como resultado da atuação federativa.

A regra 6, “Mantiverem um nível de fertilidade suficiente para, no mínimo, repor o nível de mortalidade dos adeptos”, não foi devidamente encaminhada dentro do âmbito do Espiritismo, pois acredita-se que uma criança pode ser qualificada como ligada a pais espíritas, e terá a liberdade de ser ou não espírita quando tiver condições de fazê-lo. Não há a preocupação em ter filhos como é o caso de religiões como as que acreditam no “crescei e multiplicai-vos” com vistas a aumentar o contingente, como podemos perceber no gráfico que mostra a curva de idade dos segmentos religiosos, no qual a curva dos espíritas é bem diferente das outras religiões, tendo menor percentual de jovens.

A regra 7, “Competirem contra organizações religiosas convencionais fracas e com uma relativamente irregular economia religiosa”, ocorreu quando o Espiritismo estava se consolidando, principalmente quando as lideranças enfatizaram o caráter cristão do Espiritismo tornando-se uma opção viável para concorrer com os segmentos protestantes. Adicionalmente, isso fez com que o Espiritismo fosse uma alternativa muito mais viável, por ter menos estigma do que a Umbanda e o Candomblé.

A regra 8, “Sustentem fortes ligações internas, enquanto mantêm uma rede social aberta, capaz de manter e formar laços com os não adeptos”, também se deu na chegada do Espiritismo ao Brasil, quando o Espiritismo ganhou adeptos convertendo a elite, em especial se aproximando da rede social dos republicanos e maçons. Ao longo da atuação espírita, optou-se pelo reconhecimento por meio de obras caritativas e, atualmente, o que observa-se, é que os espíritas estão fortemente mobilizados para atendimento ao público nos Centros Espíritas.

Verificamos em vários Centros Espíritas visitados, que as pessoas chegam em cima da hora do início dos trabalhos e se retiram assim que possível, de volta para os seus lares. Ouvimos queixas em reuniões de avaliação sobre o pouco tempo que os espíritas dedicam ao próprio grupo dada a grande demanda de serviços voltados para as atividades sociais. Um agravante é que enquanto em outras religiões os adeptos são estimulados, institucionalmente e pela própria concepção de fé, a convidar as pessoas de fora para se integrarem ao grupo, os espíritas não têm esta mesma atitude, o que, cremos, demonstra nossa hipótese de que há grande frequência e baixa conversão nos Centros Espíritas.

A regra 9, “Continuem mantendo suficiente tensão com o meio, mantendo-se estritas”, aí reside o atual ponto crítico do Espiritismo no Brasil. Manter tensão entre uma proposta religiosa e o meio social circundante significa, basicamente, diferenciação. Definir o que é um grupo implica em automaticamente rejeitar o que ele não é, enfatizando ou rejeitando aquilo que o torne perfeitamente identificável. Este tipo de tensão ocorreu, bastante explicitamente, quando o Espiritismo passou pela fase de diferenciação com a Umbanda, quando tentaram enquadrá-lo como um religião mediúnica, portanto muito mais próxima dos cultos afro-brasileiros do que do Cristianismo. Houve vários posicionamentos oficiais das federativas, entrevistas com Chico Xavier no famoso programa de televisão, Pinga-fogo, da extinta Rede Tupi, e alguns livros foram escritos enfocando as diferenças entre a Umbanda e o Espiritismo, o que, ao final, resultou em terminologias para diferenciá-los, uma delas o termo Kardecismo. Em um ambiente religioso plural, se não houver tensão, ou seja, diferenciação, as opções serão mais fluidas, menos seletivas, permitindo a múltipla pertença, ou até mesmo a rejeição do Espiritismo em favor de uma proposta mais eclética, menos “ortodoxa”. A fala politicamente correta de que tudo é bom, tudo é válido, não cai bem no âmbito institucional. Os centros espíritas, em geral, vendem obras espiritualistas e usam terapias alternativas, o que contribui para a aproximação com outras formas de religiosidade espiritualistas, ou seja, que aceitam que há algo além da matéria, que acreditam em espíritos, em reencarnação. Todos esses elementos estão na mentalidade religiosa do brasileiro e apesar de incluídas no Espiritismo, não são suficientes para diferenciá-lo. Não raramente, em livrarias e bibliotecas, dentro de centros espíritas, e até nas das federações, encontramos títulos espiritualistas ofertados ao lado de obras espíritas, induzindo o freqüentador – e potencial futuro adepto - a não diferenciar a proposta espírita que ele percebe requerer um nível acentuado de estudo e aprofundamento, de outras espiritualistas que não requerem tanto estudo e compromisso. Ou seja, por um custo menor, ele pode considerar que tem as suas expectativas espirituais atendidas. Junte-se a isto o fato de que ele pode recorrer ao centro espírita sempre que necessário sem tornar-se um adepto, e veremos que o centro espírita termina por estimular, indiretamente, as pessoas a não se decidirem pela adesão formal ao Espiritismo. Stark nos alerta que a tensão deve ser o suficiente para excluir os potenciais *free riders* (caroneiros), mas suficientemente baixa para não desestimular o engajamento. Um alto grau de tensão, é indesejável, pois, manteria apenas os fanáticos (Cf. STARK, 1996, p. 138).

A regra 10, “Socializem os jovens suficientemente bem para minimizar tanto a perda de adeptos quanto o apelo da flexibilização”, indica o “calcanhar de Aquiles” do Movimento Espírita, pois não se consegue motivar a presença e participação dos jovens, como ocorreu no passado quando a Mocidade Espírita tinha muita força no meio espírita.

4.2.1 - A repercussão da fala e da ação federativa no centro espírita

Ao longo deste capítulo, usaremos como referência atual para os objetivos do Espiritismo e direcionamentos para a ação espírita, um documento publicado pelo Conselho Federativo Nacional⁵⁵ (CFN) da FEB: “*Orientação ao Centro Espírita*”, fruto de intensos trabalhos ao longo de anos, compilado a partir das experiências adquiridas pelas federativas que foram consolidadas em diversos encontros regionais entre elas. Este documento é composto por diretrizes e procedimentos que foram amadurecidos desde a década de 1970, quando foram criados os Conselhos Zonais do CFN, que mais tarde passaram a se denominar Comissões Regionais (Norte, Nordeste, Centro e Sul). Este documento de 1980, após revisado e aprimorado por várias comissões, foi aprovado em 2006 e publicado em 2007, sendo, portanto, bastante atual. Nele estão inclusos três anexos, produzidos pelos antigos Conselhos Zonais, sendo que dois deles também nos interessam por conterem elementos passíveis de análise em nossa pesquisa. São eles: *A adequação do Centro Espírita para melhor atendimento de suas finalidades*, originalmente produzido em 1977, *Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas*, originalmente produzido em 1983 (Cf. *Orientação ao Centro Espírita*, 2007, p. 14-16).

Este documento – “*Orientação ao Centro Espírita*” - foi assim apresentado pela FEB:

As orientações, programas e material de apoio, elaborados e disponibilizados pelos órgãos federativos e de unificação do Movimento Espírita, são oferecidos a título de sugestão e de subsídio para as atividades dos Centros e demais instituições espíritas, os quais, no uso da autonomia e da liberdade de ação que desfrutam, e sem alterar o texto original, podem utilizá-los de forma compatível com a sua realidade, bem como aplicá-los de conformidade com suas necessidades (*Orientação ao Centro Espírita*, 2007, p. 11).

⁵⁵ Lembramos que como já vimos anteriormente o CFN é o órgão da FEB que congrega as Federativas de todos os Estados do Brasil, fruto do processo de unificação das lideranças espíritas.

Em conformidade com a tese institucional espírita de unificação, não há ingerência nos centros unidos, ficando a critério de cada um adotar e adaptar as recomendações emanadas pelos órgãos federativos. Portanto, nossas análises não podem imputar culpa às federativas quando não há efetividade de suas recomendações, porém, preocupa-nos identificar recomendações que causem situações que induzam o Centro Espírita a impactar negativamente o crescimento do contingente, dadas as ambigüidades que ele contém, o que buscaremos sinalizar ao longo da análise deste documento oficial, que apesar de emitido em 2007, já era conhecido em versões anteriores. Ou seja, este documento foi por nos escolhido por conter os textos que afetam diretamente a operacionalização da ação espírita. Integrados e revisados, eles constituem a última posição do CFN e refletem a posição das federativas estaduais.

4.2.2 - Tipificação do público espírita

Institucionalmente, em nível federativo, o público espírita está assim definido:

[...] as pessoas que: buscam esclarecimentos, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais; querem conhecer e estudar a Doutrina Espírita; querem trabalhar, colaborar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece. (*Orientação ao Centro Espírita*, 2007, p. 20).

Fácil perceber que o percentual de possíveis adeptos decresce a cada adjetivação. Primeiramente, temos as pessoas que buscam respostas para seus problemas espirituais, morais e materiais, ou seja, qualquer pessoa que bater à porta do Centro Espírita, potencialmente, todas as pessoas que não tenham nada contra a ida a um centro espírita, ou, até mesmo as pessoas que não desejam ir a um centro espírita, podem valer-se do expediente de atendimento não presencial. Isso acontece quando alguém vai ao centro espírita levando o nome e endereço da pessoa, para que seja inscrito em livros de preces e vibrações à distância. Em segundo lugar, temos as pessoas que querem conhecer e estudar o Espiritismo. Que são um grupo bem menor do que o primeiro, e que pode ser ainda dividido em dois grupos: aqueles que querem conhecer e aqueles que querem estudar, que são coisas bem distintas e com níveis de comprometimento bastante diferentes. Finalmente, temos as pessoas que querem trabalhar, colaborar, servir. Um grupo ainda

mais restrito que o anterior, pois requer disponibilidade e vontade para se engajar em atividades no Centro Espírita, o que inclusive pressupõe no mínimo a segunda categoria de pessoas, ou seja, para se engajar nos trabalhos de um Centro Espírita é, normalmente, necessário que a pessoa se engaje no estudo da Doutrina Espírita.

O maior problema é que os Centros terminam por privilegiar o primeiro grupo desestimulando o engajamento, atuando como um prestador de serviços, conforme vimos quando avaliamos a Regra 8 da lista de regras para o sucesso de uma religião explicitadas por Stark.

4.2.3 - O que é um Centro Espírita e qual o seu papel

O documento *Orientação ao Centro Espírita*, em capítulo específico sobre os Centros Espíritas, assim os define:

Os Centros Espíritas:

- .São núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas;
 - .São escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;
 - .São postos de atendimento fraternal para todos os que os buscam com o propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação;
 - .São oficinas de trabalho que proporcionam aos seus freqüentadores oportunidades de exercitarem o próprio aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades;
 - .São casas onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos têm oportunidade de conviver, estudar e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo;
 - .São recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus freqüentadores oportunidades para o refazimento espiritual e a união fraternal pela prática do “amai-vos uns aos outros”;
 - .São núcleos que se caracterizam pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, pela prática da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores; e
 - .São as unidades fundamentais do Movimento Espírita.
- (*Orientação ao Centro Espírita*, 2007, p. 19-20)

Bastante relevante para nossa pesquisa foi constatar que este documento explicita um único objetivo para os Centros Espíritas: “promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita” (*Orientação ao Centro Espírita*, 2007, p. 20). Porém, aqui também encontramos, ao menos, um elemento que pode tornar a ação bastante difusa no Centro Espírita: a prática da Doutrina Espírita, conforme observamos ao longo de toda a história do Espiritismo no Brasil, está intimamente atrelada à prática da caridade, no sentido

material. Além disto, percebemos, nos centros espíritas, que a prática, na maioria das vezes, tem precedência sobre o estudo e a difusão.

4.2.4 - Divulgação da Doutrina Espírita e conversão ao Espiritismo

Se há um posicionamento oficial que podemos com toda certeza citar como um consenso entre os espíritas, é que a missão dos espíritas e de suas instituições, em especial as federativas, é a divulgação do Espiritismo. Há uma forte crença que a divulgação da doutrina espírita permitirá que as pessoas conheçam o Espiritismo e possam livremente escolhe-lo como a melhor proposta religiosa ou filosófica para nortear suas vidas.

Certamente divulgar algo é um dos elementos básicos para que o torne passível de ser conhecido e vivenciado. Isto funcionou muito bem no nascimento do Espiritismo, para torná-lo público. Como ainda não havia grupos espíritas, as pessoas se convertiam ao Espiritismo lendo os livros publicados por Kardec. Assim que se formaram os grupos, as pessoas passaram a estudar juntas, a convidar membros novos – parentes, amigos, conhecidos - recorrendo ao uso da rede social, conforme indica a teoria. Assim que o Espiritismo ganhou expressão, começou a ser combatido e teve que entrar em tensão com a sociedade, mostrando o seu diferencial, porém garantindo a sua continuidade cultural com o Cristianismo. Também aqui o indicado pela teoria para o crescimento de uma nova proposta religiosa foi realizado. Atualmente, em uma ambientação muito mais pluralista, apenas divulgar o Espiritismo não é o suficiente, até porque isto pode estimular a escolha de outras alternativas similares – espiritualistas. O que inclusive ocorre pela atuação de grupos que desejam a atualização do Espiritismo, alegando que o Espiritismo ainda está fortemente baseado em Kardec. Criam-se editoras ditas espíritas que editam obras psicografadas, usando nomes de espíritos famosos propondo novas maneiras de ser espírita.

A postura observada no meio espírita, que dá ênfase na divulgação da doutrina por meio de palestras e serviços, para possibilitar a adesão, é contrariada pela seguinte citação, que trata das premissas sobre o crescimento do Cristianismo, na qual se nega o papel da doutrina como fator determinante para a conversão a uma religião:

[...] a pretensão de que as conversões em massa ao cristianismo ocorreram à medida que as multidões espontaneamente reagiam à pregação dos evangelistas **admite que o apelo da doutrina encontra-se no âmago do processo de conversão – que as pessoas ouvem a mensagem, acham-na atrativa e abraçam a fé. No entanto, a ciência social moderna reserva ao apelo da doutrina um papel muito secundário**, afirmando que muitas pessoas de fato não se tornam muito ligadas às doutrinas de sua nova fé mesmo *depois* de sua conversão. (STARK, 2006, p. 24) (grifo nosso)

O mesmo texto acrescenta que “a conversão não tem a ver com a busca de uma ideologia ou com a adesão a ela, mas com a adequação do próprio comportamento religioso com o de amigos e membros da família” (STARK, 2006, p. 26). Assim, atribuir mais ênfase na divulgação da doutrina do que na integração dos adeptos e as suas redes de contatos na sociedade - familiares, amigos ou conhecidos - com vistas a ampliar a rede de adeptos, impacta negativamente no crescimento do contingente espírita.

4.2.5 - A relevância das federativas na adesão ao Espiritismo

A instituição e consolidação de um modelo federativo de Centro Espírita contribuiu para dar identidade aos Centros Espíritas “Kardecistas”, o que é bastante relevante em termos de impacto no contingente, pois, de outra forma, o Espiritismo teria se confundido com outras práticas mediúnicas, e não teríamos a atual classificação de contingente mediúnicos separados. A unificação dos espíritas em torno de órgãos federativos legitimados em nível nacional com a criação do CFN é um fator positivo no impacto do crescimento do contingente, pois legitimou lideranças que puderam definir as fronteiras do Espiritismo, dando identidade aos “Kardecistas”, e possibilitando legitimidade aos representantes que falavam em nome dos espíritas, defendendo-o dos ataques de outros segmentos religiosos ou do Estado.

Ao criar um modelo de ser espírita na pessoa de Chico Xavier, ao aproximar o Espiritismo do Catolicismo, identificando-o como uma religião cristã fundamentada no evangelho de Jesus, ao saber explorar a fluidez da religiosidade brasileira, ao consolidar a imagem do Espiritismo por meio de obras caritativas e ao explicitar que o Espiritismo é diferente de outras religiões mediúnicas, as federativas impactaram positivamente o

crescimento do contingente espírita, por definirem a identidade de um segmento religioso, com suas especificidades.

Mas, como já vimos, os tempos são outros. A continuidade da forma de angariar adeptos impacta negativamente o crescimento do contingente, pois a fórmula deixou de funcionar em um ambiente mais pluralista, onde novas propostas passaram a concorrer aproximando-se da proposta espírita e desviando os potenciais adeptos do Espiritismo para elas.

4.2.6 - O que significa ser espírita e engajar-se no Espiritismo

Diferentemente de outras formas de Cristianismo, o Espiritismo não propõe ritos tais como o de batismo que, embora bastante comum e geralmente com estes propósitos, nem sempre garante a adesão aos pressupostos doutrinários e à vivência dos princípios. No caso do Espiritismo, não há um ritual ou procedimento que indique a adesão, o que gera certa dificuldade em identificar um adepto.

Uma solução para a questão nos é proposta pelo dirigente e autor espírita Ary Lex: "O Espiritismo não reconhece por seus adeptos senão aqueles que praticam os seus ensinamentos e se esforçam por se melhorarem" (ARY LEX, 2001, p. 14). Entretanto, parece-nos muito difícil para uma instituição, senão impossível, verificar se as pessoas praticam e se esforçam por melhorar a si mesmas, garantindo assim a qualidade de prosélito de determinada confissão.

No caso do Espiritismo, uma pessoa pode freqüentar indefinidamente um centro sem aderir ao grupo ou mesmo conhecer a proposta doutrinária. Pode, inclusive, continuar nominalmente filiado a outra religião, o que normalmente ocorre com os católicos que freqüentam os centros espíritas. Talvez o caminho fosse estabelecer critérios para definir o que significa um ato de adesão ao Espiritismo, algo equivalente ao batismo ou, melhor ainda, à crisma católica, pois nela há a confirmação, pelo fiel, dos votos feitos no batismo em seu nome pelos pais e padrinhos, o que, porém, não garante o real comprometimento e alinhamento da pessoa com a sua religião e sua doutrina.

O que nos leva a refletir sobre uma das dez condições de Stark para o sucesso de um movimento religioso: manter uma tensão suficiente com seu meio permanecendo

suficientemente estrito (Cf. STARK, 1996, p. 145). Para tanto as federativas deveriam explicitar o que é ser espírita e cobrar isto, sabendo aceitar o sincretismo, que é um processo natural e inerente a qualquer religião em um meio social plural, porém cuidando para que este processo não permita que o Espiritismo seja de tal forma alterado que passe a ser outra coisa, perdendo a sua identidade, conforme nos alerta Leonardo Boff ao analisar o sincretismo no âmbito da Igreja Católica:

Quando um sincretismo é verdadeiro ou falso para a fé cristã? [...] deverá tolerar (supõe reconhecer) desvios que, em sua totalidade, são insuperáveis, mas deverão ser tais que não adulterem a identidade cristã a ponto de não ser mais discernível. Quando nos referimos ao sincretismo cristão entendemos aquele sincretismo feito a partir do núcleo essencial da fé cristã [...] Isso supõe que a cultura seja convertida em seu núcleo a ponto de deixar de ser o que era e passe a ser expressão da fé cristã. Isso não se faz sem conversão. Caso contrário a identidade cristã ter-se-ia corrompido e teria sido absorvida pela identidade própria da cultura com a qual a fé entrou em contato. Em razão disto [...] num primeiro momento a fé cristã se re-afirma em sua identidade, contradistinguindo-se de outras expressões religiosas [...] uma vez operada a conversão, inicia-se o processo de sincretismo [...] Origina-se assim um verdadeiro sincretismo tendo como núcleo substancial a identidade cristã.
(BOFF, 1981, p. 163)

Vale lembrar o “credo espírita” (Cf. KARDEC, 2006-e [1868], p. 494-495), já citado na página 44, que poderia ser utilizado para formalizar a adesão ao Espiritismo.

4.2.7 - Centro Espírita: prestador de serviços ou grupo religioso?

A chamada “nova era” potencializou os aspectos terapêuticos do Espiritismo, introduzindo as “terapias alternativas” no ambiente do centro espírita, tornando-o ainda mais difuso. Isso porque, para quem busca, por exemplo, soluções para um problema de saúde, o centro espírita passou a ser mais um local onde pode obtê-las. Assim, o aspecto que vem sendo enfatizado é o de “prestador de serviços”, intimamente ligado à cultura assistencialista do Espiritismo.

Este movimento só foi possível porque tais terapias – pelas quais há enormes demandas populares – puderam ser introduzidas como uma atualização das práticas de cura, aliando-se aos tratamentos espirituais. Outra forte tendência foi introduzir elementos da psicologia no chamado “atendimento fraterno”; uma entrevista particular quando se faz um levantamento dos problemas da pessoa, para análise posterior e encaminhamento para os tratamentos. Também nos chamou a atenção a recente onda de aproximação que vem

ocorrendo com a psicologia transpessoal, promovida por psicólogos espíritas dentro do Movimento Espírita⁵⁶. O problema, para as federativas, é determinar até onde vai o Espiritismo e onde começam as práticas secularizadas⁵⁷. Para o senso comum é difícil, sem o conhecimento doutrinário, entender o que é Espiritismo.

[...] como vimos, o problema fundamental das instituições religiosas é como sobreviver num meio que já não considera evidentes as suas definições da realidade [...] as duas opções básicas que se abrem a elas são a acomodação ou a resistência ao impacto maciço desse meio [...] a dificuldade de opção pela acomodação está em se saber "até que ponto deve-se ir"; a da opção pela resistência está em se saber "qual a força das defesas". As dificuldades práticas têm que ser sanadas por meio da "engenharia social": reorganizando a instituição para torná-la "mais relevante" para o mundo moderno (na postura de acomodação); mantendo ou renovando a instituição para servir como estrutura de plausibilidade viável para definições da realidade não confirmadas pela sociedade (na postura de resistência). Ambas as opções, é claro, têm que ser legitimadas teoricamente. (BERGER, 2003, p. 166)

Assim, como todas as opções do campo religioso brasileiro, o Espiritismo enfrenta o dilema da acomodação ou da resistência. Nossas observações preliminares sugerem a existência de uma acomodação do Espiritismo, que se deu a partir da década de 1980, quando as terapias alternativas passam a adentrar o centro espírita acompanhando os freqüentadores. A partir desta época, também os romances “mediúnicos” passam a ser um filão atrativo para as editoras comerciais, massificando ainda mais as idéias ditas “espíritas”⁵⁸.

No andar da modernidade, muitos espíritas [...] caminharam do Kardecismo para a formulação e o exercício da mediunidade em “lugares religiosos” mais amplos, fluidos, híbridos, genericamente denominados pelo singular “Espiritualismo”. [...] Cabem aqui terapias de vidas passadas, Reik, ufologias, cromoterapias [...] (VILHENA, 2008, p. 144)

Cada vez mais o termo Espiritismo se alarga, pela ação de indivíduos que buscando respostas para o bem-estar psíquico e físico introduzem novas terapias no centro espírita: *cromoterapia*, *terapia de vidas passadas (tvp)*, *reik*⁵⁹ e, mais recentemente, a *apometria*⁶⁰. Recentemente, tivemos contato com espíritas que acreditam promover uma atualização do

⁵⁶ Como pudemos observar em visitas a centros espíritas da capital paulista e no recém lançado programa de TV, *Transição-A visão espírita para um novo tempo*, veiculado pela REDETV!.

⁵⁷ Práticas terapêuticas encontradas no meio social.

⁵⁸ O que também ocorre na televisão, como no caso da novela *A viagem*, que foi ao ar pela Rede Globo.

⁵⁹ Terapia de cura que tem por base a imposição das mãos, portanto, parecida com o passe espírita.

⁶⁰ Apometria é uma técnica que permite uma percepção extra-corpórea sem o uso da mediunidade. Para detalhes veja: www.apometria.org.br, acesso em 10-jul-2009.

passa espírita ao introduzir o *reik* no centro espírita, alegam que seria o mesmo princípio e que não há problemas nesta aproximação. A USE se posiciona contrária a essas práticas, entende que a aproximação é prejudicial, afirma que essas terapias não fazem parte do Espiritismo e viriam a confundir o público.

A morte desafia radicalmente todas as definições socialmente objetivadas da realidade - do mundo, dos outros e de si mesmo. A morte põe radicalmente em questão a atitude de ver as coisas como evidentes imposta pela atividade rotineira. Neste caso, tudo o que há no mundo cotidiano da existência em sociedade é maciçamente ameaçado de "irrealidade" - isto é, tudo naquele mundo se torna incerto, finalmente irreal, diferente do que se costumava pensar. Na medida em que o conhecimento da morte não pode ser evitado em nenhuma sociedade, as legitimações da realidade do mundo social perante a morte são exigências decisivas em qualquer sociedade. É óbvia a importância da religião em tais legitimações. (BERGER, 2003, p. 57)

Embora muitos, assim como Berger e Camargo, acreditem que o grande diferencial do Espiritismo enquanto religião seja sua proposta escatológica (a morte não como ruptura, mas como continuidade), as instituições representativas do Movimento Espírita tenderam a não investir nesta perspectiva. Sua legitimação ainda tenta se dar usando a fala de Kardec, que diz que o Espiritismo é o resgate de um “Cristianismo puro”, desprovido de dogmas, rituais ou sacerdotes. Esta fala, entretanto, sob o ponto de vista da contemporaneidade, parece anacrônica: não apenas a Igreja Católica não ficou parada em meados do século XIX (quando Kardec formulou suas críticas), mas também porque o Espiritismo tem dogmas - dogma da reencarnação, questão 171 de O Livro dos Espíritos-, rituais (ler um trecho do Evangelho, apagar a luz, fazer uma prece, etc.), equivalentes aos “sacerdotes” (palestrantes, coordenadores, trabalhadores, etc.) - especialistas em Espiritismo que, contrariando o ideal espírita -que seria a oferta da doutrina e a sua posterior internalização por meio do estudo e da prática cotidiana-, se comportam como mediadores entre os leigos e os benefícios iniciais que podem ser obtidos da doutrina espírita: justificativas, alívio e consolo para os problemas.

4.2.8 - Alta frequência e baixa adesão

A problemática do conhecimento enquanto produção coletiva, internalizada nos pequenos atos dos sujeitos em sociedade e objetivada no senso comum, é muito relevante para verificar o impacto das religiões em uma determinada sociedade. No caso do

Espiritismo no Brasil, há um consenso, entre suas lideranças, de que o Espiritismo está crescendo, o que não se verificaria em termos da quantidade de adeptos, mas sim na mentalidade do povo. Alguns estudos já realizados e conceitos formulados, academicamente, sobre a religiosidade e o senso comum do brasileiro, podem nos auxiliar a entender a problemática vivenciada pelo Movimento Espírita, e, certamente nos mostram que simpatia e freqüência não significam nem adesão, nem a compreensão do que se esteja vivenciando em um segmento específico, como o espírita.

É perceptível a presença de símbolos e valores das novas religiões em diferentes setores da nossa sociedade. Propagandas, filmes, novelas [...] estão cheios desses elementos. Artistas e pessoas com forte influência na formação de opiniões falam abertamente de suas novas crenças. [...] é perfeitamente possível se dizer praticante de uma determinada confissão religiosa tradicional e, ao mesmo tempo, incluir certa dose de elementos pessoais, em um verdadeiro amálgama de crenças. (GUERRIERO, 2006, p. 65)

Portanto, simpatia, freqüência, ou exposição midiática com grande aceitação, não podem ser considerados como indicadores de aceitação do Espiritismo, especificamente.

Para esclarecermos melhor, usaremos o conceito de *Religiosidade Mínima Brasileira (RMB)*. É uma expressão pública de religiosidade em contextos seculares, veiculada pelos meios de comunicação e pela linguagem cotidiana, incorporando-se à cultura brasileira em âmbito nacional. Ela não é instrumento facilitador de trânsito entre as religiões, não carece de especialistas e também não necessita ser reconhecida pelas instituições religiosas. É de caráter tão genérico que por isto mesmo é mínima. Por ser um denominador mínimo comum entre as religiões não provoca debates sobre sua verdade, privilegiando o que é comum e não o que é diferente entre as religiões. As religiões alimentam a *RMB*; ela é um substrato destas religiões do mercado religioso brasileiro, garantindo uma postura religiosa mínima que pode ser completada pelas religiões, fica próxima do conceito abstrato de religião, enquanto um conceito universal em sua essência. Pode ocorrer que um indivíduo seja reinterpretado pelo grande público em termos da *RMB*, e ultrapasse os limites de sua própria religião (Cf. DROOGERS, 1987, p. 65-66). Como ocorreu com Chico Xavier, que era considerado um homem exemplar, como cidadão e como exemplo que transcendia as fronteiras das religiões.

Outro conceito que nos ajuda a entender o problema seria *Matriz Religiosa Brasileira (MRB)*. *MRB* é um agrupamento de elementos oriundos das religiões que

marcaram a religiosidade brasileira típica, compondo-se de elementos do Catolicismo Ibérico, trazido pelos colonizadores, pelas crenças dos índios nativos, pelas crenças dos negros trazidos como escravos e finalmente pelo Kardecismo na segunda metade do século XIX. Estes elementos explicariam a flexibilidade com a qual o brasileiro em geral lida com temas religiosos, e que tem seu melhor exemplo no catolicismo popular. Em relação de complementaridade com a MRB, temos a *Religiosidade Matricial*, que seria a participação de uma pessoa em mais de uma religião. (Cf. BITTENCOURT, 2003)

Entender a lógica do senso comum é algo indispensável para se analisar a relação dos indivíduos com uma determinada religião. No caso do Espiritismo, há um precário entendimento, por parte das federativas, do que seja a religiosidade popular, permitindo que se acredite que o Espiritismo esteja crescendo, dada a grande frequência aos centros espíritas e a ampla aceitação da literatura romanceada com temática espiritualista. Pudemos verificar em nossos contatos com o público frequentador das instituições espíritas, a presença marcante de elementos oriundos do catolicismo popular, atuando tanto no comportamento quanto no entendimento do que ocorre na sua relação com o Espiritismo.

Neste caso, o que prevalece é a lógica que norteia a relação com os santos no ambiente católico, substituindo-os por entidades iluminadas, os guias ou mentores espirituais, que passam a ser os mediadores para prover soluções para a vida cotidiana. E, como postulado pela teoria explicitada na obra de Berger e Luckmann (BERGER & LUCKMANN, 2004), os indivíduos (retro)agem sobre a instituição, alterando-a, o que, neste caso, significa que o agir institucional espírita, ao estimular a frequência de pessoas que buscam soluções para seus problemas imediatos, tem enfatizado esta relação em detrimento do público interno, alterando o objetivo original de difundir uma proposta doutrinária. Este processo, contínuo, faz com que os adeptos – os líderes e colaboradores - canalizem seus esforços para as demandas externas e não para o fortalecimento do grupo. A constante ênfase na prática da caridade foi objetivada em atos assistencialistas e a reflexão ficou em segundo plano.

Um dos desafios seria explicitar o diferencial do Espiritismo, no sentido de torná-lo menos difuso na mentalidade do brasileiro. Este processo não pode desprezar o fato de que a mentalidade atual, fundada no senso comum, entende que “Kardecismo” é um tipo de “Espiritismo”, e que, apesar de rejeitar esta diferenciação, a ortodoxia espírita teria nele

um suporte para atuar no meio social. Seria uma forma de resgatar a identidade com a proposta doutrinária contida na obra Kardequiana - não mais usando o termo Espiritismo, mas, em seu lugar, o termo Kardecismo, menos difuso - ou cunhando um novo termo para inculcar, no meio social, o diferencial necessário. Assim, entendemos que sob o ponto-de-vista teórico da Teoria da Escolha Racional, entre as três tendências apontadas por Vilhena (VILHENA, 2008), a *conservadora* seria a mais indicada, por explicitar o diferencial do Espiritismo ao priorizar a coerência prática e doutrinária, enquanto que as outras duas – a *expansionista* e a *inclusivista* - o tornam cada vez mais difuso e estimulam a frequência mas não a adesão formal.

Há um grande potencial a ser melhor explorado na proposta espírita, visando a melhoria da qualidade de vida dos assistidos, que reside na grande ênfase que se dá à liberdade de escolha e à independência dos indivíduos; potenciais que estão encobertos pela ênfase na ação assistencial em detrimento de ações que fariam o indivíduo internalizar a doutrina espírita. Para tanto, seria necessário reconhecer a presença significativa de elementos do Catolicismo na configuração psicossocial dos indivíduos que compõem os quadros de colaboradores do Movimento Espírita, inseridos em um contexto ainda muito permeado pela ideologia Católica. Além disto, ainda se pratica o assistencialismo em lugar da promoção social, perenizando situações de dependência dos mecanismos assistenciais. O que nos leva a problematizar o significado do termo “caridade”, pois hoje ele é sinônimo de assistência material, e, como apurou Damazio, desde a criação da FEB, as obras assistenciais espíritas vêm drenando as energias do Movimento Espírita (Cf. DAMAZIO, 1994, p. 123-124). Se, num dado momento histórico, o assistencialismo foi necessário e proveitoso para a aceitação do Espiritismo, hoje, ele faz com que as instituições espíritas sejam vistas e usadas como prestadoras de serviços. Entendemos que isto também contribui para que o contingente espírita não cresça além da conhecida média de 1,5% da população.

A posição que as federativas enfatizam, e que o Movimento Espírita aceita e pereniza, é que não se quer converter ninguém, ou seja, não se faz proselitismo. Em nossos contatos, constatamos que essas duas palavras: conversão e proselitismo, são rejeitadas pelos espíritas. O que, na prática do Centro Espírita, resulta em uma relação que inibe a adesão. Não é raro que pessoas freqüentem, por muitos anos, um centro espírita, sem se tornarem espíritas. Aliás, há uma prática generalizada nos centros espíritas, na qual uma

pessoa pode inscrever seu nome, ou de outras pessoas, em um livro destinado ao momento das vibrações à distância, que são preces ou pensamentos que encaminham auxílio espiritual para as pessoas inscritas no livro de vibrações. Em centros com grande quantidade de freqüentadores, onde o livro geraria grandes filas, há um dispositivo, que pode ser desde uma grande urna a uma pequena caixa de papelão, onde as pessoas podem depositar um papel com os nomes. Assim, não só é possível freqüentar um centro espírita sem aderir ao Espiritismo, como também é possível obter-se auxílio sem se deslocar até um centro espírita, mesmo que haja condições para tal, ou seja, não há impeditivos para que se inscrevam nomes para vibrações. Participamos de uma reunião mediúnica em um centro espírita da capital paulista, onde a quantidade de nomes no livro de vibrações era superior ao número de pessoas presentes. Portanto, contrariando as recomendações citadas por Stark, indicadas para a eliminação dos *free riders* - os freqüentadores que não se convertem - a fim de que ocorra o sucesso de um movimento religioso em termos de engajamento. Se a posição federativa quanto à obtenção de adeptos fosse diferente, os espíritas convidariam pessoas de sua rede social, parentes ou conhecidos a ir até o centro espírita, mesmo que fosse somente para obter um benefício específico, criando uma oportunidade para que elas fossem abordadas no sentido de virem a se converter ao Espiritismo, como ocorre em outros movimentos religiosos.

A seguir, resumimos as ambigüidades identificadas ao longo da pesquisa, indicando sua localização no texto para facilitar uma releitura, caso o leitor assim deseje ou necessite. Também indicamos, ao lado de cada uma, ações que segundo os pressupostos da Teoria da Escolha Racional, contribuiriam para eliminar as ambigüidades listadas e melhorar o grau de diferenciação da proposta espírita no atual contexto pluralista, impactando positivamente o processo de adesão ao contingente espírita, ao mostrar de forma clara para os freqüentadores que o Espiritismo é uma opção religiosa e não uma agência prestadora de serviços sociais ou espirituais. O Espiritismo, como toda religião, precisa ser conhecido, aceito, internalizado e praticado para que possa responder às questões não respondidas por outros sistemas explicativos – como as ciências, ou outras doutrinas, o que requer engajamento, em termos de adesão formal, para concentrar-se no estudo e prática da religião escolhida. Falando nos termos da teoria, é preciso acreditar que os custos do engajamento (estudo, trabalho voluntário) justificam os benefícios, que são as

recompensas, como as explicações para as vicissitudes da vida, e os compensadores, como a promessa de outras reencarnações para evoluir o espírito.

Tabela 24 - Resumo das ambigüidades que impactam na adesão formal ao Espiritismo

Citação da ambigüidade	Possível resolução da ambigüidade
[...] fala-se que não há proselitismo ou intenção de converter as pessoas porém relutam em aceitar os dados do IBGE quanto ao seu contingente. Fala-se que o Espiritismo é ciência e religião, enquanto isto há divergência entre os espíritas quanto ao <i>status</i> do Espiritismo, alguns o crêem uma ciência e outros uma religião. (p. 21)	Explicitar o Espiritismo como religião que dialoga com a ciência. E como religião deseja obter adeptos. Mas não necessita da confirmação da ciência.
Essa ambigüidade, ou seja, a rejeição de Kardec do Espiritismo como religião [...] ecoa até hoje na fala dos espíritas no Brasil [...] Tal ambigüidade permitiu o surgimento de grupos que enfatizavam o aspecto filosófico e científico da doutrina, relegando ao segundo plano o aspecto religioso, ou até mesmo rejeitando-o [...] A institucionalização do Espiritismo no Brasil sofreu e ainda sofre com essa ambigüidade, pois, no contexto brasileiro, o Espiritismo recebeu uma grande ênfase no aspecto religioso. (p. 29-30)	Explicitar o Espiritismo como religião e dar ênfase na conversão e não na assistência social, mesmo que ela continue existindo.
Podemos perceber, até mesmo na própria seqüência dos livros, além do conteúdo, a ambigüidade ciência-religião, que subsiste na atualidade: fala-se que Espiritismo é uma ciência, como na época de Kardec, e que também é religião. (p. 34)	Explicitar a ênfase no aspecto religioso em relação ao científico e redefinir o que seria ciência para os espíritas, diferenciando-a das ciências como academicamente são consideradas. Passando a atuar como religião.
As lideranças espíritas não reformularam o conceito de religião tão rejeitado por Kardec [...] existem pessoas que rejeitam o status de religião para o Espiritismo [...] Isso constitui mais uma das ambigüidades que estamos rastreando nos posicionamentos federativos, que criam indefinições quanto ao engajamento no âmbito operacional dos Centros Espíritas. (p. 37)	Conceituar religião segundo as mais recentes formulações, deixando de vê-la como Kardec, que associava religião a culto, hierarquia e dogmas.
Ocorrem várias ambigüidades nessa citação, como por exemplo, a possibilidade de Judeus, Budistas, Muçulmanos e Brâmanes poderem ser espíritas, ao mesmo tempo em que o Espiritismo estaria em sintonia com a proposta que pode ser melhor entendida pelas “luzes do cristianismo”. (p. 43)	A proposta do Espiritismo como religião está totalmente ligada ao Cristianismo. Portanto, não é possível abraçar todas as pessoas, mas sim, aquelas que são ou queiram ser cristãs, e mais ainda, espíritas.
A adoção da obra de Kardec, como algo consolidado no tempo é, por si só, um anacronismo, gerando novas ambigüidades, pois ele não estava em um contexto de secularização, ao menos, não no estágio em que estamos. (p. 44)	Atualizar as falas de Kardec para o contexto atual, deixar de citá-lo literalmente no contexto atual. Neste sentido as obras de Kardec poderiam ser acrescidas de notas explicativas e comentários.
[...] Portanto, há uma fala que aspira ao ideal institucional de que o Espiritismo, por si, desde que bem difundido, fará adeptos [...] acaba por enviar uma mensagem que irá causar impactos na operacionalização das atividades dos centros espíritas, [...] a população, que desconhecendo o Espiritismo e ouvindo da boca dos dirigentes e trabalhadores espíritas que não desejam fazer adeptos, [...] irá resultar em um comportamento do tipo <i>free rider</i> (p. 72, 73)	Assumir que o Espiritismo é uma religião e que além da livre escolha pela leitura das obras, a pessoa se torna espírita pela ação direta e intencional, para obter adeptos no contato com o público freqüentador dos centros espíritas.
Estamos cientes de que a USE e outras federativas não podem ordenar ações nos Centros Espíritas, mas, certamente, influenciam as práticas neles encontradas, por meio de suas recomendações, concretizadas em posicionamentos oficiais, os quais, por vezes, causam maior impacto pela omissão, e em especial pela criação, geração ou manutenção de ambigüidades contidas na estruturação do Espiritismo, algumas desde sua origem na França e outras surgidas na aclimação do Espiritismo ao ambiente religioso brasileiro. (p. 99)	Resgatar as falas de Kardec, contextualizando-as historicamente, e justificando que foram necessárias e válidas em outro momento histórico da constituição do Espiritismo. Reforçando as falas que contribuem para uma ação enquanto entidade religiosa e não científica.

Apontamos uma última fonte de ambigüidade, que já se encontra no título deste trabalho, o lema adotado pela USE, também usado na comemoração dos 150 anos de Espiritismo – *Unir para Difundir*⁶¹. A palavra *Unir* deixa claro o propósito da federativa paulista – por meio de suas falas e ações, que é a unificação dos espíritas em torno da doutrina com fundamentação kardequiana. Porém, a palavra *Difundir* é ambígua, pode significar a difusão da doutrina, ou de suas idéias e práticas, pelos meios de comunicação e nos Centros Espíritas – o que se confirmou ao longo de nossa pesquisa - ou pode significar difusão por meio da adesão ao Espiritismo, o que se traduziria em aumento da quantidade de adeptos com vistas a atingir uma maior parte da sociedade, o que não é o significado em uso pelo Movimento Espírita, como pudemos constatar ao longo desta pesquisa.

Mesmo a forma em uso da palavra *Difundir*, que basicamente se atem ao aspecto da divulgação da doutrina, encerra um grave problema para os espíritas, que é a falta de consenso sobre alguns aspectos da doutrina, o que também já pontuamos. E isso gera distorções sobre aquilo que se divulga – o Espiritismo. Na obra *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia, que narra a história do Cristianismo primitivo - que é o que os espíritas pretendem resgatar - encontramos longas discussões sobre aspectos da doutrina que resultaram em consensos que deveriam ser difundidos. Parece que os primeiros intelectuais cristãos perceberam, desde o início, que sem consenso não é possível uma correta divulgação.

⁶¹ Vide ANEXO V, trata-se do 13º. Congresso Estadual de Espiritismo do Estado de SP, ocorrido no ano de 2007, celebrando os 150 anos do surgimento do Espiritismo que se deu com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, o qual coincidiu com os 60 anos de fundação da USE-SP.

A fim de contribuir para uma visão global dos impactos, tanto positivos quanto negativos, para o crescimento do contingente espírita formal, tabulamos os elementos que rastreamos ao longo da pesquisa, extraíndo dos capítulos as citações e localizando-as no texto:

Tabela 25 - Resumo dos impactos positivos para o contingente espírita formal

Seqüência	Citação dos elementos identificados
1	O processo de unificação dos espíritas em São Paulo, que resultou na criação da federativa USE, teve um impacto positivo no crescimento do Espiritismo, pois, implicou na mobilização das lideranças dos centros espíritas no sentido de estabelecer a união entre os centros, ao mesmo tempo acolheu as divergências de interpretação estabeleceu a fundamentação doutrinária nas obras de Kardec. Deu uma identidade aos espíritas, ao estabelecer a diferenciação entre Espiritismo e outros segmentos religiosos, definindo-o como uma religião cristã, porém, diferente do Catolicismo e do Protestantismo, e como uma religião mediúnica, mas, diferente da Umbanda e de outros cultos afro. (p. 93-94)
2	Outro impacto positivo da USE, enquanto resultado da institucionalização e unificação dos espíritas paulistas foram as campanhas para manter a fidelidade doutrinária, com base nas obras de Kardec, seja pelas caravanas que empreenderam pelo Estado, o que foi substituído pelos congressos espíritas, ou pelas atuais ações de divulgação das base doutrinárias, que foram materializadas em uma campanha contínua, que encontramos no <i>site</i> da USE-SP (p. 97)
3	Assim, confirmamos a tendência de que a presença física, concretizada em uma maior quantidade de centros e em uma melhor proporção desta quantidade em relação às quantidades de ofertas concorrentes, aumenta o percentual de espíritas. Não descartamos outros fatores, como localização privilegiada em grandes avenidas, ou locais de fácil acesso e melhor visibilidade, tanto quanto a exposição midiática das ações espíritas e o carisma dos agentes, mas é fato que a relação entre as quantidades de centros e igrejas impacta fortemente e positivamente o crescimento percentual dos contingentes. (p. 122)
4	Ao criar um modelo de ser espírita na pessoa de Chico Xavier, ao aproximar o Espiritismo do Catolicismo, identificando-o como uma religião cristã fundamentada no evangelho de Jesus, ao saber explorar a fluidez da religiosidade brasileira, ao consolidar a imagem do Espiritismo por meio de obras caritativas e ao explicitar que o Espiritismo é diferente de outras religiões mediúnicas, as federativas impactaram positivamente o crescimento do contingente espírita, por definirem a identidade de um segmento religioso, com suas especificidades. (p. 132-133)

Tabela 26 - Resumo dos impactos negativos para o contingente espírita formal

Seq.	Citação dos elementos identificados
1	Porém, Kardec não teve tempo de reformular suas falas anteriores adequando as posturas até então assumidas, com ênfase no aspecto científico e rejeitando o <i>status</i> de religião. Veremos que isto tem impacto até hoje no cenário brasileiro, pois aqui o Espiritismo vicejou como uma nova religião, como comprovam os Censos Demográficos, onde ele aparece como um dos contingentes religiosos. Essa ambigüidade, ciência-religião, como buscaremos demonstrar, é uma das que contribuem negativamente para o crescimento do Espiritismo em termos de adesão formal. (p. 35)
2	Portanto, há uma fala que aspira ao ideal institucional de que o Espiritismo, por si, desde que bem difundido, fará adeptos, mas, as reações formais da FEB, quando parece falar na mídia em nome do Espiritismo brasileiro, acaba por enviar uma mensagem que irá causar impactos na operacionalização das atividades dos centros espíritas, causando um impacto negativo no crescimento do Espiritismo, por permitir que ocorram ambigüidades na fala e na ação dos centros espíritas, os quais entram em contato direto com a população [...] juntamente com a forma em que se organiza um centro espírita, ou seja, para prestar socorro espiritual e material gratuitos, sem compromisso de adesão, irá resultar em um comportamento do tipo <i>free rider</i> . (p. 72, 73)
3	Um impacto negativo da institucionalização e da unificação paulista foi a perda de autonomia da ala jovem espírita [...]. (p. 94)
4	Como as federativas não reconhecem os dados do IBGE como válidos, e não têm dados censitários de seu contingente para nortear ações no sentido de ocupar espaços propícios à obtenção de adeptos, elas impactam negativamente o crescimento do contingente espírita dado que não subsidiam com informações estratégicas as suas redes. (p. 117)
5	Portanto, um dos impactos que uma federativa pode causar no crescimento do contingente espírita é a gestão da distribuição geográfica, tanto para estimular a instalação de novos Centros Espíritas, quanto para indicar os melhores pontos para cobrir espaços deixados por outros segmentos religiosos ou para contrapor o avanço destes segmentos. A falta deste gerenciamento impacta negativamente o crescimento do contingente espírita, como podemos comprovar contrapondo as cidades com grande percentual de espíritas às cidades com baixo percentual de espíritas. (p. 120)
6	A regra 2, “Suas doutrinas não forem empíricas”, este é um dos problemas da parte fenomenológica do Espiritismo. O ideal é que uma religião pregue uma doutrina e crenças que não possam ser desconfirmadas, [...] Atualmente, muitas descobertas da física ou da medicina são associadas aos pressupostos espíritas, há um risco de outras descobertas desconfirmarem as falas científicas, o que no caso da ciência é previsível e não causa danos, mas no caso de uma religião isto não é desejável. (p.124)
7	A regra 3, “um nível médio de tensão com o ambiente circundante – sendo estritas, mas não muito”, [...] atualmente o Espiritismo, após se consolidar no Brasil como uma importante religião, passou a ter uma rede muito aberta, deixando de explicitar a vantagem em aderir ao Espiritismo. (p. 125)
8	A regra 5, “Puderem gerar uma força de trabalho religiosa voluntária e altamente motivada, incluindo muita vontade de fazer prosélitos”, [...] a palavra proselitismo é fortemente rejeitada pelo Movimento Espírita, como resultado da atuação federativa. (p. 125, 126)
9	A regra 8, “Sustentem fortes ligações internas, enquanto mantêm uma rede social aberta, capaz de manter e formar laços com os não adeptos”, [...] espíritas estão [...] privilegiando suas relações com o público em detrimento do convívio do grupo. [...] as pessoas chegam em cima da hora do início dos trabalhos e se retiram assim que possível de volta para os seus lares. Ouvimos queixas [...] sobre o pouco tempo que os espíritas dedicam ao próprio grupo [...] (p. 126)
10	A regra 9, “Continuem mantendo suficiente tensão com o meio, mantendo-se estritas”, aí reside o atual ponto crítico do Espiritismo no Brasil. Manter tensão entre uma proposta religiosa e o meio social circundante significa, basicamente, diferenciação. Definir o que é um grupo implica em automaticamente rejeitar o que ele não é, enfatizando ou rejeitando aquilo que o torne perfeitamente identificável. [...] Os centros espíritas, em geral, vendem obras espiritualistas e alguns usam terapias alternativas, o que contribui para a aproximação com outras formas de religiosidade espiritualistas [...] Não raramente, em livrarias e bibliotecas, dentro de centros espíritas, e até nas das federações, encontramos títulos espiritualistas ofertados ao lado de obras espíritas, induzindo o freqüentador – e potencial futuro adepto - a não diferenciar a proposta espírita [...] Junte-se a isto o fato de que ele pode recorrer ao centro espírita sempre que necessário sem tornar-se um adepto, e veremos que o centro espírita termina por estimular, indiretamente, as pessoas a não se decidirem pela adesão formal ao Espiritismo. (p. 127)
11	A regra 10, “Socializem os jovens suficientemente bem para minimizar tanto a perda de adeptos quanto o apelo da flexibilização”, indica o “calcanhar de Aquiles” do Movimento Espírita, pois não se consegue motivar a presença e participação dos jovens, como ocorreu no passado quando a Mocidade Espírita tinha muita força no meio espírita. (p. 128)
12	Assim, atribuir mais ênfase na divulgação da doutrina do que na integração dos adeptos e as suas redes de contatos na sociedade - familiares, amigos ou conhecidos - com vistas a ampliar a rede de adeptos, impacta negativamente no crescimento do contingente espírita. (p. 132)
13	Mas, como já vimos, os tempos são outros. A continuidade da forma de angariar adeptos impacta negativamente o crescimento do contingente, pois a fórmula deixou de funcionar em um ambiente mais pluralista, onde novas propostas passaram a concorrer aproximando-se da proposta espírita e desviando os potenciais adeptos do Espiritismo para elas. (p. 133)

Capítulo V – O impacto federativo na cidade de Franca-SP: uma amostragem

O objetivo deste capítulo é verificar na cidade de Franca - escolhida pelo seu porte e aparente influência regional, por ter uma forte presença de centros federados e um alto percentual de espíritas- as relações entre a(s) federativa(s) e os centros espíritas, buscando verificar o grau de impacto que esta relação tem na configuração da situação privilegiada do Espiritismo em termos numéricos nessa cidade. Procederemos pelos seguintes itens: resgatar a história do Movimento Espírita de Franca; verificar o grau de afinidade entre os centros e a USE; proceder a uma análise comparativa entre Franca e outras cidades com perfil similar, buscando identificar elementos ligados à atuação federativa, que expliquem as diferenças entre elas, referentes ao crescimento do contingente espírita; listar os elementos encontrados que impactam, positiva ou negativamente, o crescimento do contingente espírita.

5.1 – Franca: um caso à parte

5.1.1 O município – localização e características

Localizada na região Nordeste do Estado de São Paulo, Franca é a cidade mais populosa, com 287.737 habitantes no ano de 2000. Situa-se antes da fronteira com Minas Gerais, no extremo Nordeste. Possui 609 Km² de área total, e 84 Km² de área urbana. Por seu tamanho e localização, agrupa as cidades circunvizinhas, segundo classificação oficial, constituindo a Região Administrativa de Franca que contém 23 municípios. No passado, foi um pólo fabril e exportador de calçados; após uma crise nas exportações, muitas empresas de Franca faliram, porém, a cidade continua com sua imagem fortemente ligada a esta atividade, que é a principal, além da produção agrícola e o setor de serviços. Franca dista 400 Km da capital paulista e 92 Km de Ribeirão Preto, outra grande cidade do nordeste paulista. A cidade faz divisa com as cidades mineiras de Claraval e Ibiraci e por situar-se a apenas 100 Km de Sacramento/MG, manteve relações e sofreu influência da obra de Eurípedes Barsanulfo, que foi um famoso espírita e militou naquela cidade. Pela forte ligação do Movimento Espírita francano com o famoso espírita, Chico Xavier, Franca

concedeu-lhe o título de cidadão francano, o que, mais uma vez, ressalta a representatividade do segmento espírita na sociedade francana.

5.1.2 Primeiras impressões

Ao chegarmos em Franca, para levar a cabo nossa pesquisa de campo, fomos recebidos por um representante da USE local, Adolfo de Mendonça Junior, ex-presidente da USE-Franca, que se mostrou profundo conhecedor do Movimento Espírita paulista e local, sendo muito atuante. Levados para um *city-tour*, logo de saída ficamos surpresos com a forte presença institucional espírita na cidade. A todo momento nos deparávamos com um prédio ou uma rua que nos remetia aos espíritas. Partindo da praça central, pela Rua Major Claudiano, logo nos deparamos com o Instituto de Divulgação Espírita de Franca (IDEFran), ponto focal do Movimento Espírita da cidade. Conta com ampla e moderna livraria e é a central de comando da liderança do Movimento Espírita, inclusive da USE-Franca. À frente, esta rua muda de nome, passando a se chamar Rua José Marques Garcia, nome daquele que é considerado o pai do Espiritismo local. Nela, conhecemos nada menos que quatro importantes prédios das principais fundações espíritas da cidade: Unidade-I de ensino da Fundação Educandário Pestalozzi situada no número 197; Teatro e Centro de Estudos Agenor Santiago da Fundação Judas Iscariotes, situados no número 395; e o prédio que abriga o Hospital psiquiátrico e área editorial da Fundação Allan Kardec, situada no número 675.

Os prédios das instituições espíritas, tanto as fundações quanto os centros espíritas, têm aparência de que são muito bem cuidados.



(Fundação Allan Kardec – Hospital – foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)



(Fundação Allan Kardec – Hospital - salão destinado a palestras espíritas públicas
foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)

No mesmo prédio, que faz frente para a Rua José Marques Garcia, também fica a área editorial da Fundação com sua livraria, responsável pelo jornal A Nova Era, o que nos dá a idéia do porte das instituições espíritas francanas e do legado de José Marques Garcia.



(Fundação Allan Kardec – Editora - foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)

Para se ter uma idéia do tamanho da área desta fundação, que tem 80.000 m² dentro da cidade de Franca, tivemos que nos valer de uma foto aérea fixada na livraria da editora que fica no mesmo prédio do Hospital. A área desta propriedade da Fundação Allan Kardec está demarcada em amarelo na foto abaixo que data de 2003:



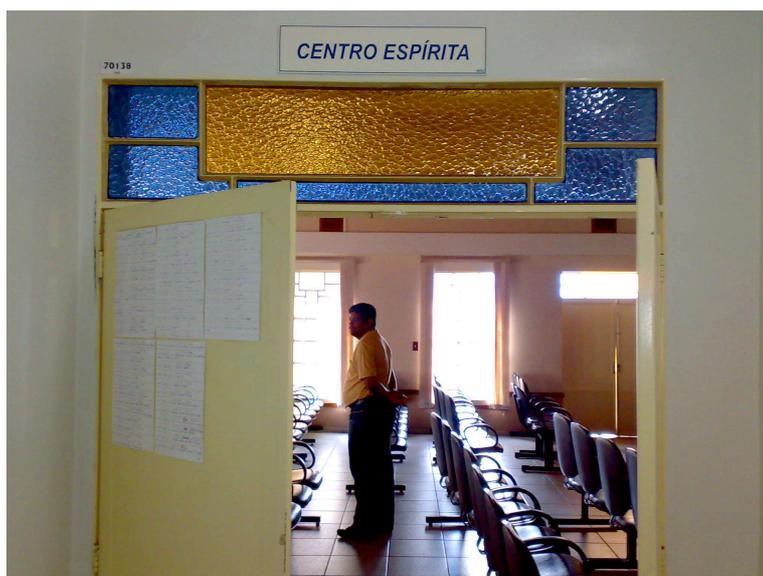
(foto com vista aérea da Fundação Allan Kardec - foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)

Ainda na Fundação Allan Kardec, duas coisas nos chamaram a atenção, além da excelente estrutura predial: a primeira, uma sala de arquivo com todas as edições do jornal

A Nova Era, que está disponível para pesquisadores; e a segunda é a explícita ação espírita no Hospital que tem um centro espírita dentro dele, onde pacientes e seus familiares podem, se assim desejarem, participar de atividades públicas sobre Espiritismo.



(Fundação Allan Kardec – arquivo do jornal *A Nova Era* - foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)



(Fundação Allan Kardec – Centro Espírita José Marques Garcia, dentro do Hospital – onde aparece o historiador espírita Adolfo de Mendonça Junior - foto: Jeferson Betarello – 2009)



(Fundação Educandário Pestalozzi - vista parcial da Unidade-I de ensino
foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)

Na ocasião em que visitamos a escola central da Fundação Educandário Pestalozzi, era época de férias escolares e, apesar de o prédio aparentar excelentes condições físicas, estavam ocorrendo reformas e inclusive a troca de todo o telhado, o que nos deu a impressão de que se trata de sólida instituição em termos financeiros. Citamos este fato, pois, em nossos contatos com o meio espírita, o comum é percebermos uma carência de recursos financeiros, ao contrário do que vimos em Franca, não só nas Fundações como em vários centros espíritas. Ao fazermos esta colocação para o representante da USE local, ele nos disse que os espíritas de Franca têm a fama de construtores de centros, e, quando ocorre reforma ou ampliação em um deles, há um estímulo para que outros também executem reformas em seus prédios. Um local inusitado, que corrobora esta informação, é o Centro de Estudos Agenor Santiago, um prédio recentemente reformado, em excelentes condições estruturais, que pertence à Fundação Espírita Judas Iscariotes; destina-se a abrigar os trabalhos dos grupos espíritas que não possuem sede própria, além de ofertar cursos profissionalizantes, como costura e informática. Nesse local, verificamos a existência, concomitante, de alguns grupos espíritas, que se distribuem em diferentes horários e atividades ao longo da semana, caracterizando uma ação que, pelo

compartilhamento do espaço, pode se estender a outros contatos e atividades conjuntas, congregando os novos grupos. Esta construção abrigou por muito tempo o primeiro albergue noturno de Franca, situa-se ao lado de um antigo prédio da fundação, que chegou a ser o único teatro da cidade, portanto, com valor histórico tanto para os espíritas quanto para a cidade. O prédio está localizado na mesma rua das grandes fundações, que tem o nome do pai do Espiritismo na cidade – Rua José Marques Garcia. Na foto abaixo podemos observar a posição e condições do Centro de Estudos e do teatro (ao fundo). Além de totalmente restaurado, o Centro de Estudos Agenor Santiago possui excelentes instalações, constituindo-se de cinco amplas salas, aparelhadas tanto para estudos como para reuniões, tendo também um excelente auditório para palestras, com 180 lugares.



(Centro de Estudos Agenor Santiago da Fundação Espírita Judas Iscariotes - vista parcial
foto: Jeferson Betarello)

Tivemos a oportunidade de encontrar um militante espírita na USE-Franca, que aposentou-se como contador de uma das fundações. Ele nos informou que a fundação na qual trabalhou é solidamente instituída em termos financeiros. Perguntamos quais seriam as fontes de renda da instituição, já que, pela nossa experiência, o Movimento Espírita geralmente depende de recursos sazonais. Ele nos respondeu que a fundação possui muitos imóveis na cidade, vivendo da renda destes imóveis além de subsídios estatais inerentes às suas atividades.

Visitamos, além das fundações que tanto nos impressionaram dada a sua materialização no contexto da cidade, dois centros espíritas na região central que estão fortemente ligados ao Movimento Espírita Francano.

O Centro Espírita Esperança e Fé, primeiro centro espírita da cidade, fundado por José Marques Garcia, em 1904, e considerado a casa mãe do Espiritismo em Franca, por onde passaram muitos dos líderes espíritas da cidade, está em pleno funcionamento, mantendo atividades - pela manhã, tarde e noite - ao longo de todos os dias da semana.



(CE Esperança e Fé - Vista lateral – primeiro centro espírita de Franca - foto: Jeferson Betarello)



(CE Esperança e Fé – vista parcial do quadro de atividades que cobre toda a semana foto: Jeferson Betarello)

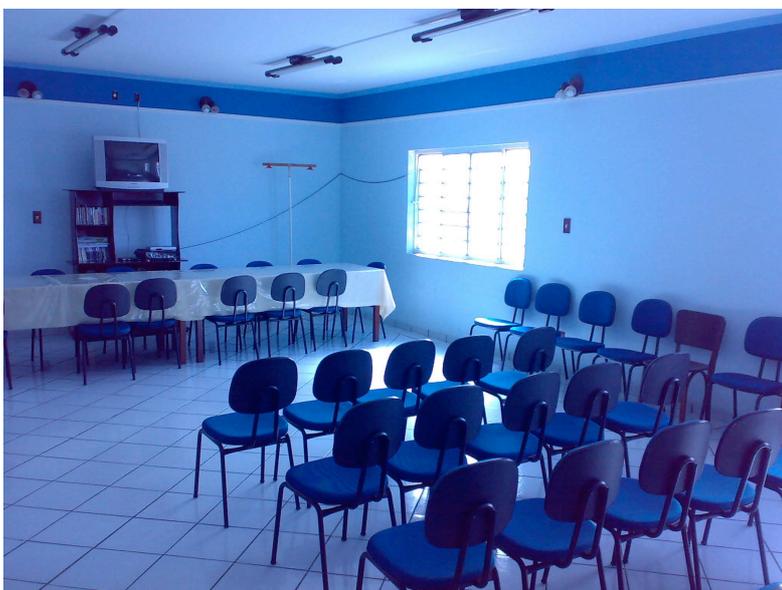
O segundo centro visitado foi o Grupo Espírita Luz e Amor, onde militam alguns dos diretores da USE-Franca. Consideramos que estes dois centros são historicamente e politicamente muito relevantes para nossa pesquisa, pois pudemos neles constatar a ligação historicamente construída no Movimento Espírita local. Verificamos neste grupo a presença de um modelo ideal de centro espírita nos moldes federativos, assim como no primeiro. Entretanto, o Grupo Espírita Luz e Amor integra-se fortemente à modernidade. Nele encontramos as atividades de atendimento informatizadas por um software que foi desenvolvido em parceria com uma empresa de informática local, e está em vias de ser disponibilizado, sem custos, para o Movimento Espírita em geral. Também encontramos uma sala com conexão por satélite, destinada à audiência de programas de rádio e televisão da Fundação André Luiz da capital, produzidos e veiculados respectivamente pela Rede Boa Nova de Rádio e TV Mundo Maior.



(Grupo Espírita Luz e Amor – fachada – foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)



(Grupo Espírita Luz e Amor – auditório - foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)



(Grupo Espírita Luz e Amor - sala com acesso por satélite para audiência de radio e TV espíritas
foto: Jeferson Betarello – janeiro de 2009)

5.1.3 O Espiritismo em Franca

Buscando fontes bibliográficas para subsidiar nossas pesquisas, encontramos um livro publicado em 1986, por iniciativa individual de um renomado espírita francano – Agnelo Morato - e impresso pela gráfica do jornal espírita *A Nova Era*, em apoio ao autor, conforme ele próprio informa, por não ter recursos para custear a edição do livro, que não tinha apelo comercial. Encontramos, neste texto, valiosas informações para conhecer a

história do Espiritismo em Franca. Além disso, verificamos que esta iniciativa estimulou alguns historiadores espíritas a prosseguir na coleta e publicação de dados sobre o Espiritismo em Franca.

Em seu livro *Subsídios para a história do Espiritismo em Franca*, Agnelo Morato divide a história do Espiritismo, em Franca, por ele pesquisada entre 1880 e 1982, em três períodos, caracterizados pelo que ele chamou de fases.

A primeira fase compreende o período entre 1880 e 1904. Seria uma fase “embrionária” (Cf. MORATO, 1986, p. 4), quando os espíritas só se reuniam em família.

A segunda fase, entre 1904 e 1942, ficou associada a ação de José Marques Garcia, coincidindo com a criação do primeiro centro espírita de Franca, por ele fundado em 1904, que veio a falecer em 1942. Marques Garcia é considerado o pai do Espiritismo em Franca. Esteve envolvido com a fundação de importantes instituições espíritas na cidade: *Esperança e fé*; *Hospital da Fundação Espírita Allan Kardec*, iniciado em 1921 e oficializado como hospital em 1926; jornal *A Nova Era* em 1927. Marques Garcia fora iniciado no Espiritismo freqüentando o assíduo grupo que se reunia na casa de Antonio Carlos (Cf. MORATO, 1986, p. 4,7,23).

A terceira fase, que o autor situa como tendo início após a morte de Marques Garcia, vai de 1944 a 1982, nessa fase se deu a consolidação do Espiritismo em termos sociais, com a criação de grandes e importantes instituições espíritas, em especial, a *Fundação Educandário Pestalozzi*, iniciada em 1944, por Thomaz Novelino e sua esposa Maria Aparecida Rebelo Novelino, e oficializada em 1945 (Cf. MORATO, 1986, p. 4,10,19). Nessa fase foi também fundada outra importante instituição em Franca, a Sociedade Espírita Judas Iscariotes, em 1946, que hoje é uma Fundação (Cf. MORATO, 1986, p. 41). Dentre os espíritas que representam essa fase áurea do Espiritismo em Franca, cabe citar José Russo, um dos principais colaboradores de Marques Garcia no Hospital Allan Kardec, que criou a Fundação Judas Iscariotes. E também Tomás Novelino, médico que criou a Fundação Pestalozzi, voltada para a educação e premiada na Suíça, em 1996, por sua exemplar atuação educacional em conformidade com a formulação do educador Pestalozzi (Cf. MENDONÇA JR., 2008, p.13-14). Esse período iniciado em 1944, pouco antes da criação da USE, em 1947, registrou a firme adesão de Franca ao processo de unificação dos espíritas paulistas. Desde o início, Franca apoiou o processo de criação da USE e a ela aderiu.

Uma quarta fase, de 1986 a 2001, foi adicionada à periodização criada por Morato pelos historiadores espíritas de Franca, e é marcada pelo “I Encontro de Historiadores e Memorialistas”, promovido pela USE Regional de Franca, caracterizando uma fase em que se passou a pesquisar com mais rigor acadêmico a história do Espiritismo em Franca (Cf. MENDONÇA JR., 2008, p. 4)

Atualmente os espíritas de Franca, dando continuidade à quarta fase, estão atuando de forma significativa no ambiente acadêmico da cidade. Na livraria do Instituto de Divulgação Espírita de Franca (IDEFRAN), que fica no prédio que sedia este instituto e vários outros órgãos da liderança espírita de Franca, tivemos acesso a um livro editado em 2006 pela Universidade de Franca (UNIFRAN), sob o título *Ruptura na história da psiquiatria no Brasil: espiritismo e saúde mental*, oriundo de uma dissertação de mestrado defendida na UNESP, em 2002 por Nadia Luz, que trata da história da psiquiatria no Brasil e aborda, também, uma ação típica do Movimento Espírita, a criação e gestão de hospitais psiquiátricos e a visão espírita da saúde mental. Tivemos notícia de que a autora prossegue pesquisando na academia, atualmente no doutorado, o que indica que acadêmicos que militam no Movimento Espírita de Franca estão prosseguindo no resgate da história do Espiritismo. Aliás, nosso primeiro contato em Franca se deu por intermédio de Adolfo de Mendonça Jr., professor de história e mestrando da UNESP em história, ex-presidente da USE-Franca. Muito atuante e conhecedor profundo do Movimento Espírita, o professor busca traçar a história por meio da biografia dos grandes vultos do Espiritismo local. Mendonça Jr. e tantos outros que conhecemos em Franca, descendem de famílias espíritas. O pai de Adolfo Mendonça Jr. sempre teve significativa atuação no Movimento Espírita, atualmente aposentado, faz plantão diário na sede da USE, onde o conhecemos.

Chamou-nos a atenção o fato de que, mesmo com uma história tão rica e com sólidas instituições, a publicação do livro de Agnelo Morato - que ora utilizamos e consideramos de grande valia como registro histórico, pois foi escrito por alguém que foi testemunha de muitos dos fatos ali narrados e conheceu pessoalmente muitos dos atores da ação espírita em Franca – não contou com o apoio financeiro do Movimento Espírita⁶², nem tampouco é divulgado no meio espírita para servir, pelo menos, de exemplo a ser seguido, estimulando o registro histórico espírita. Da mesma forma, outros dois importantes livros que registram a história do Espiritismo paulista, apesar de terem um

⁶² Depois de escrito, o livro foi impresso pela Editora Nova Era, da fundação Allan Kardec.

baixo custo - um deles compramos na FEESP por R\$ 3,60 e o outro na USE por R\$ 12,00 – não despertam interesse nos espíritas que, ao que parece, não deixam de comprar romances espiritualistas, com grande apelo comercial e a um custo superior a R\$ 30,00, como no caso de Zibia Gasparetto, fato já citado por Vilhena como paradoxal.

5.1.4 O impacto federativo em Franca

Uma das questões que nos levou a Franca, era saber o quanto o Movimento Espírita local seria impactado pela federativa paulista – USE - já que sabíamos pelos cadastros da USE e da FEESP que, em Franca, os centros são unidos à federativa oficial que é a USE⁶³. Constatamos que Franca teve papel atuante na unificação do Espiritismo, participando intensa e significativamente da fundação da USE e da unificação dos espíritas em sua região, conforme nos informa o historiador Adolfo de Mendonça Junior em uma comunicação feita para o II Encontro Nacional do GT História das religiões e das religiosidades - ANPUH, que se deu de 13 a 16 de outubro de 2008 na UNESP em Franca:

No interior do Estado, muitas lideranças receberam com entusiasmo as primeiras propostas de Unificação. Começou-se o cadastramento dos Centros Espíritas, alguns delegados foram designados para visitar as casas espíritas e comissões foram formadas. Tomás Novelino foi convidado a ser Delegado Regional, para visitar os Centros Espíritas da cidade de Franca e região. Com o trabalho de Novelino, a cidade aderiu ao Movimento de Unificação, e no dia 27 de Fevereiro de 1947, a USE/Franca foi criada, sendo Tomás Novelino, seu primeiro presidente. (MENDONÇA JR., 2008, p. 23)

Nos contatos que tivemos com representantes das lideranças dos centros espíritas de Franca, verificamos que continua forte a relação do Movimento Espírita local com o modelo federativo paulista. Um fato que confirma a firme convicção dos espíritas de Franca em torno do ideal federativo de união foi a criação do Instituto de Divulgação Espírita de Franca (IDEFRAN) em 1981, com o objetivo de conjugar os esforços de divulgação da doutrina. Quando da sua fundação, sete das principais instituições espíritas abriram mão de suas livrarias, para não concorrer com a nova instituição mais

⁶³ Encontramos um único centro espírita de Franca no cadastro da FEESP, porém, este também constava do cadastro da USE. Trata-se do C.E. Sebastiana Barbosa Ferreira.

especializada na divulgação. Foram elas: *Centro Espírita Esperança e Fé, Clube do Livro da Mocidade de Franca, Fundação Espírita José Marques Garcia, Fundação Espírita e Hospital Allan Kardec, Fundação Espírita Judas Iscariotes, Grêmio Espírita de Franca e Nosso Lar Espírita* (Cf. MORATO, 1986, p. 18).



(IDEFran – Instituto de Difusão Espírita de Franca – onde fica a sede da USE
foto: Jeferson Betarello, obtida em 19 de janeiro de 2009)



(IDEFran – piso térreo onde fica a livraria - foto: Jeferson Betarello, janeiro de 2009)

No prédio do IDEFRAN, funcionam, no andar térreo, a sua livraria e uma biblioteca aberta ao público em geral; no andar superior, juntos em uma grande sala, com aproximadamente 100 m² de área e sem divisórias (conforme a foto seguinte), estão a parte administrativa desta instituição; a sede da USE-Franca, onde funciona diariamente um plantão para atender solicitações de informações sobre o Movimento Espírita de Franca, como endereço e outros dados sobre centros espíritas; e a direção de um jornal espírita local. Todos trabalhando em sintonia. São instituições autônomas, porém compartilhando o mesmo espaço físico, onde a principal missão é a difusão do Espiritismo.



(IDEFRAN - vista parcial da sala que congrega as lideranças do Movimento Espírita – foto: Jeferson Betarello)

Quando perguntamos para um representante da USE sobre a relação da USE-Franca com a sociedade, fomos informados que a USE é bastante respeitada. Exemplo disto é o fato de o jornal da cidade sempre publicar notícias sobre o Movimento Espírita de forma gratuita e inclusive agradecendo o envio destas. Também fomos informados de que quando ocorreu recentemente a troca de comando da polícia militar na cidade, a USE foi convidada para se fazer representar no evento.

Um outro evento que indica o forte reconhecimento da USE-Franca foi a doação de um terreno de 1.000 metros quadrados, próximo ao centro da cidade, pelo Centro Espírita

Esperança e Fé, para a construção da sede própria da USE-Franca. A USE-Franca já conseguiu a isenção de impostos pela prefeitura de Franca⁶⁴, antes de terminar a construção, o que indica o reconhecimento desta entidade pela câmara municipal, que também concedeu-lhe o título de Entidade de Utilidade Pública Municipal. Chamou-nos a atenção a existência de três centros espíritas nas proximidades da futura sede, dois deles nas laterais do terreno e um a poucas quadras, sendo que na quadra da sede, duas ruas, que formam uma esquina, têm nomes de espíritas famosos, conforme mostrado na próxima foto. Isso reforça a nossa impressão de que a presença espírita na cidade é muito explícita, seja na quantidade de instituições - muitas delas fundações de grande porte - seja na presença no meio urbano em nomes de ruas.



(esquina de ruas com nomes de espíritas famosos⁶⁵ – foto: Jeferson Betarello)

⁶⁴ Segundo o presidente da USE a isenção de IPTU foi da ordem de R\$ 5.000,00.

⁶⁵ Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) de Sacramento/MG onde fundou dentre outras obras o Colégio Allan Kardec, destaca-se como espírita exemplar na história do Espiritismo no Brasil, tendo vários centros espíritas batizados com o seu nome em vários Estados. Maria Barini (1907-1950) foi uma destacada espírita de Franca, citada na obra de Agnelo Morato como “Mulher denodada e expressiva” (MORATO, 1986, p. 44).

Com o intuito de comparar a presença institucional de ofertas concorrentes, encontramos no cadastro de Igrejas Evangélicas a seguinte situação de presença e distribuição de Igrejas Evangélicas em Franca:

Tabela 27 – Distribuição das Igrejas Evangélicas na cidade de Franca-SP

Denominação	Qtd. de Igrejas	Qtd. de Bairros
Assembléia de Deus	36	34
Batista	8	8
Brasil para Cristo	1	1
Presbiteriana	10	7
Quadrangular	12	11
Outras evangélicas	4	3
Total	71	52

(tabulação a partir da fonte: Registro Nacional de Igrejas Evangélicas)

Obtivemos o cadastro da USE-Intermunicipal de Franca, que registra 75 instituições espíritas em Franca, contra 56 no cadastro da USE-SP, o que indica que o cadastro da federativa estadual está desatualizado e que o Movimento Espírita francano está crescendo em termos de quantidade de instituições. Pelos endereços, verificamos que os centros espíritas de Franca estão espalhados por toda a cidade, presentes em 50 bairros, sendo que existem 12 centros na região central da cidade, além do IDEFRAN e três grandes fundações, tornando a presença institucional bastante explícita. A distribuição dos centros se dá da seguinte forma: Um bairro com sete (7) centros, um bairro com cinco (5) centros, um bairro com quatro (4) centros⁶⁶, três bairros com três (3) centros, seis bairros com dois (2) centros e trinta e oito bairros com um (1) centro, conforme podemos observar na tabela seguinte:

⁶⁶ Respectivamente são os bairros Centro e Cidade Nova -ambos no centro- e Vila Santa Terezinha.

Tabela 28 – Distribuição das instituições espíritas na cidade de Franca-SP

Seqüência	Bairro	Qtd. Instituições espíritas
1	Centro	5
2	Cidade Nova	7
3	City Petrópolis	2
4	Estação	2
5	Higienópolis	1
6	J. Aviação	1
7	Jd. Aeroporto II	2
8	Jd. Aeroporto III	3
9	Jd. Aeroporto IV	1
10	Jd. Centenário	1
11	Jd. Consolação	1
12	Jd. Derminio	1
13	Jd. Francano	1
14	Jd. Paineiras	1
15	Jd. Palma	2
16	Jd. Paulista	1
17	Jd. Paulista II	1
18	Jd. Pedreira	1
19	Jd. Planalto	3
20	Jd. Portinari	3
21	Jd. Primavera	1
22	Jd. Samel Park	1
23	Jd. Samelo V	1
24	Jd. São Francisco	1
25	Jd. Tropical I	1
26	Jd. Veneza	1
27	Jd. Vera Cruz	1
28	Novo Centro	1
29	Pq. Progresso	1
30	Recr. Campo Belo	1
31	Sta. Cruz	1
32	Sta. Rita	1
33	Sta. Terezinha	4
34	V. Boa Esperança	1
35	V. Champanhat	1
36	V. Chico Julio	1
37	V. Europa	1
38	V. Formosa	1
39	V. Gosuen	1
40	V. Guilherme	1
41	V. Imperador	1
42	V. Izabel	1
43	V. Monteiro	1
44	V. N. Sra. Fátima	1
45	V. N. Sra. Graças	2
46	V. Nova	2
47	V. São Sebastião	1
48	V. Scarabucci	1
49	V. Sta. Helena	1
50	Vale dos esquilos	1
	Total	75

(tabulação a partir da fonte:- cadastro da USE-Intermunicipal de Franca)

Portanto, comparando-se a Tabela 28 acima e a Tabela 27 (p. 162), verificamos que a quantidade de instituições espíritas (75) supera a soma de igrejas evangélicas (71) presentes na cidade de Franca. A distribuição espacial das instituições espíritas, que abrange 50 bairros, se equipara à soma de bairros onde ocorre a presença de todas as

Igrejas Evangélicas, 52 bairros, e supera individualmente todas as Igrejas Evangélicas, pois a igreja que esta mais distribuída em Franca, a Assembléia de Deus, abrange 34 bairros contra 50 bairros abrangidos pelos espíritas. A configuração de presença física institucional de Franca é privilegiada e reflete-se no alto nível de adesão ao Espiritismo ali constatado pelo IBGE.

Logo depois da nossa primeira visita em campo, formulamos um questionário⁶⁷ para captar a adequação das instituições ao padrão federativo. Enviamos o questionário para 38 instituições de Franca –a metade delas. Após dois meses de espera, recebemos 9 questionários respondidos, que representam 24% do total de questionários enviados e 12% do total de instituições em Franca. Os dados estão tabulados na seguinte tabela:

Tabela 29 – Atividades nas instituições espíritas na cidade de Franca-SP

Atividade	Qtd. Centros	%
Palestras públicas	9	100.
Passe	9	100.
Assistência social	8	89.
Atendimento fraterno	8	89.
Reunião de estudos das obras de Allan Kardec	8	89.
Fluidoterapia	7	78.
Mocidade espírita	7	78.
Reunião mediúnica	7	78.
Biblioteca	6	67.
Consulta mediúnica	4	44.
Desobsessão	4	44.
ESDE	4	44.
Psicografia	4	44.
Reunião de estudos de outras obras	4	44.
COEM	3	33.
Cura espiritual	2	22.
Venda de livros	2	22.

(fonte:- questionários de pesquisa de campo)

Algumas questões eram abertas, buscando identificar a visão que os centros têm da USE e da missão do centro espírita. Dos nove centros que responderam, apenas um não indicou que era unido à USE, acreditamos que foi por desatenção, pois, nas respostas abertas o grupo é descrito como sendo composto por dirigentes espíritas, que é um termo

⁶⁷ Vide ANEXO III.

propriamente usado por aqueles que militam no Movimento Espírita, em especial nos órgãos de unificação como a USE.

Os nove questionários recebidos registram também que: sete deles têm auditórios que comportam entre 150 e 250 pessoas e dois deles entre 30 e 100 pessoas. Chamou-nos a atenção, como diferencial de Franca, o fato de sete entre nove instituições possuírem grupo de Mocidade Espírita, o que não é comum, sendo o “calcanhar de Aquiles” das instituições espíritas, que não conseguem atrair e manter jovens no centro espírita, o que, no caso de Franca, parece indicar que realmente Franca é um caso à parte.

Os dados recebidos, após analisados, permitem concluir que os centros espíritas francanos seguem o padrão de organização e atividades estabelecidos pela federativa paulista, indicando que a USE contribui para o significativo contingente espírita na cidade de Franca, por meio de sua estrutura local – USE Intermunicipal de Franca. Os dados também indicam a ênfase em atividades de assistência social e foco no público em geral, como no geral ocorre no Estado de São Paulo e no Brasil.

Franca é um caso paradigmático para se entender o que ocorre com o Espiritismo em termos de adesão. O Movimento Espírita de Franca pode ser considerado um modelo de excelência na atuação institucional espírita, pela sua trajetória histórica, pela materialização de obras sociais e pela sua forte ligação com o processo de unificação dos espíritas paulistas.

Certamente Franca tem excelência em presença e ação institucional, que contribuíram para um alto nível de adesão (7% da população). Um excelente percentual, não só se comparado às médias do contingente Estadual (2,1%) e nacional (1,3%), mas está bem acima de outros segmentos religiosos da própria Franca, onde todos os evangélicos de missão somados representam apenas 1,62% da população. Conforme podemos observar na tabela seguinte, o contingente espírita em Franca equivale a 10% do contingente Católico e é muito superior a todos os outros contingentes individualmente. Mesmo a Igreja Assembléia de Deus, que tem 36 igrejas na cidade e, diferentemente dos espíritas, é uma igreja que se preocupa em expandir seu contingente, sendo a maior igreja evangélica em termos de adeptos em nível nacional, tinha 12.207 adeptos em 2000, contra 20.268 espíritas. Os espíritas, portanto, são o segundo maior contingente religioso, perdendo apenas para os Católicos em Franca, conforme podemos observar, em termos de quantidade, na seguinte tabela:

Tabela 30 – Principais contingentes religiosos da cidade de Franca

Espíritas	Católicos	Adventistas	Batistas	Presbiterianos	Cristã do Brasil	Universal	Quadrangular	Assembléia de Deus	Testemunhas de Jeová	Umbanda	Sem religião
20.268	203.216	1.382	1.134	1.566	8.353	4.477	8.671	12.207	3.602	484	14.178

(fonte: dados do Censo IBGE/2000)

O que nos permite concluir que, no caso de Franca, as expectativas das federativas, em termos de destacada quantidade de adeptos, foram satisfeitas, mas, para tanto, foi necessária uma intensa e significativa atuação institucional, que possibilitou uma forte presença na sociedade e o reconhecimento tanto do governo local quanto da população, o que se refletiu no alto percentual de adeptos.

A peculiar situação de presença física de instituições, serve inclusive para corroborar os dados do Censo IBGE/2000 de outros contingentes, pois, os contingentes acompanham diretamente a quantidade de igrejas, conforme podemos observar na seguinte tabela:

Tabela 31 – Principais contingentes e suas presenças físicas

	Espíritas	Batistas	Presbiterianos	Quadrangular	Assembléia de Deus
Qtd. de pessoas	20.268	1.134	1.566	8.671	12.207
Qtd. de Centros/Igrejas	75	8	10	12	36

(fonte: dados do Censo IBGE/2000 cruzados com Registro Nacional de Igrejas Evangélicas)

Essa situação tão favorável dos espíritas francanos, tanto em termos de imagem quanto em termos de superioridade em relação a outras ofertas religiosas, é muito incomum. Em contextos bem menos favoráveis, do que os encontrados em Franca, é de se esperar que os percentuais sejam inferiores, confirmando os números auferidos pelo Censo IBGE/2000.

Nossa intenção foi escolher um caso paradigmático no qual a aceitação do Espiritismo fosse devida a fatores institucionais, como a presença e *status* institucional e não devida ao carisma de uma pessoa - como ocorre quando ela tem dons mediúnicos extraordinários. Estamos pesquisando o impacto institucional no crescimento do Espiritismo em termos de adeptos que assim se declararam oficialmente. Acreditamos que podemos comprovar que no caso de Franca é a forte presença institucional, com sua história e ações que se materializaram em instituições sólidas como suas fundações e periódicos, que contribuem tanto para a aceitação quanto para a adesão em altos níveis percentuais.

O tipo de relação que se estabelece com os freqüentadores, em geral no Movimento Espírita, não enfatiza a necessidade de adesão ao Espiritismo, portanto, apenas um pequeno percentual dos freqüentadores tornam-se adeptos, participando ativamente das atividades nos centros espíritas, as quais são voltadas para o estudo e aprofundamento da doutrina e sua prática, que normalmente se dá no ambiente do próprio centro espírita. Ou seja, o freqüentador torna-se colaborador. Ora, normalmente haverá, pela constituição dos centros e forma de trabalho, um número muito maior de freqüentadores do que de colaboradores. Podemos perceber isto nos questionários recebidos de Franca, onde as respostas quanto a freqüência, atividades e objetivos se deu da seguinte maneira:

Tabela 32 – Atividades, frequência e objetivos nos centros espíritas de Franca-SP

No.	Capacidade do salão de palestras	Qtd. média semanal de pessoas atendidas	Qtd. média de pessoas nas reuniões públicas	Qtd. média de pessoas em grupos de estudo	Qtd. total de colaboradores	Missão principal	Atividade principal
1	250	200	60	20	40	Social, creche, estudos	Idem
2	150	-	130	100	-	Evangelização do espírito	Estudo das obras básicas
3	180	550	90	15	200	Estudo e assist. espiritual	Idem
4	200	400	210	-	150	Divulgar a doutrina, esclarecer almas, despertar consciências	Farmácia fitoterápica, escola de moral cristã, reuniões doutrinárias e mediúnicas, estudos
5	180	1.000	70	20	40	Estudo da doutrina espírita e prática assistencial e profissionalizar	idem
6	250	500	130	60	70	Estudo e doutrinar espíritos	Idem
7	200	200	150	60	60	Estudar obras de Kardec	Evangelização infanto-juvenil
8	100	200	60	30	30	Estudar, divulgar e praticar a doutrina segundo Kardec	Trabalho com gestantes e crianças de 12 a 17 anos carentes e suas famílias
9	30	30	15	11	7	Transformação íntima através da caridade	Distribuir o pão material e o espiritual
Totais	1.290	2.880	855	296	557	-	-

(fonte:- questionários da pesquisa de campo)

Verificamos, portanto, que os totais de pessoas atendidas (2.880) e de pessoas nas reuniões públicas (855) são muito superiores à quantidade de pessoas em grupos de estudo (296) que espelham mais propriamente o engajamento. Destaca-se a grande quantidade de colaboradores informada pelos centros 3 e 4 do quadro acima, pois o comportamento que observamos no meio espírita, em geral, se dá como nos outros centros aqui apresentados, nos quais a diferença entre atendidos e colaboradores é bastante acentuada, como podemos

observar nos dados do centro 5, no qual atende-se 1.000 pessoas enquanto 70 assistem as palestras, 20 participam de grupos de estudo e 40 são colaboradores; o que se aproxima mais daquilo que observamos nos centros por nós visitados na capital, por conta de nossa participação no Movimento Espírita.

Do quadro acima, consideramos que 6 deles se enquadram perfeitamente no que observamos nos centros espíritas em geral, são eles os centros 1,5,6,7,8 e 9, nos quais as proporções entre as quantidades informadas denotam que há maior quantidade de atendidos, seguida da frequência às reuniões públicas, e finalmente as quantidades que indicam o engajamento que são os que estudam e os que trabalham no centro espírita.

Da mesma forma, consideramos que os centros 3 e 4 fogem do padrão por terem uma alta quantidade de colaboradores, o que normalmente ocorre em centros muito grandes, com muitas atividades.

As quantidades informadas pelo centro 2 não nos permitem analisá-lo, dada a omissão das quantidades de pessoas atendidas e de colaboradores.

A proporção entre pessoas atendidas e colaboradores, ou seja, os dois extremos dos perfis encontrados no centro espírita, é de 1/5, o que é algo radicalmente diferente do que encontramos nas igrejas evangélicas ou católicas. Denotando uma clara atuação dos espíritas, voltada para a assistência, seja ela espiritual ou material, conforme orientação do CFN quando define o público espírita: “as pessoas que: buscam esclarecimentos, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais” (*Orientação ao Centro Espírita*, 2007, p. 20).

A ampla rede de centros espíritas, dinamizada pela federativa (USE) com o apoio dos mais antigos centros e das fundações, tanto financeiramente quanto em engajamento ao modelo unificacionista, proporciona um maior retorno em termos de adesão. Evidentemente a quantidade de centros está ligada à vontade de se estabelecer novos grupos, por parte das pessoas que se engajam no Espiritismo, e também necessita que haja pessoas para participar da nova instituição. Para tanto, contribui a forte presença institucional, das primeiras e maiores instituições espíritas, em termos de visibilidade e reconhecimento histórico e social na cidade de Franca, que permite às pessoas se sentirem integradas a um grupo que goza de prestígio naquela cidade.

Ao rejeitar os dados do IBGE, menosprezando o contingente auferido, as federativas enviam uma mensagem negativa para a sua rede, induzindo o Movimento

Espírita a acreditar que a quantidade oficial de espíritas é pequena, quando na realidade, como esperamos ter demonstrado, o contingente espírita paulista tem excelente situação em relação ao brasileiro, o que deveria ser enaltecido. Ao mesmo tempo tenta-se superestimar a quantidade extra-oficial, o que leva o Movimento Espírita brasileiro a se acomodar, sem analisar a fraca distribuição do seu contingente pelo território nacional, o que distorce a realidade inviabilizando a tomada de ações para melhorar essa situação.

No caso de Franca, os líderes espíritas com os quais conversamos tinham a idéia de que gozavam de excelente situação na cidade e que eram reconhecidos pela USE-SP, em nível estadual, como uma cidade importante para o Movimento Espírita, em termos de *status* na sociedade e historicamente. Porém, quando compartilhamos os números referentes a Franca houve uma grande satisfação por parte das lideranças daquela cidade, que desconheciam a sua situação em contexto global, tendo indicadores de presença institucional e de contingente que superam de longe a totalidade das cidades paulistas, sob o ponto de vista dos dados até o ano 2000. Resta-nos aguardar o próximo censo de 2010 para verificarmos o rumo que os números tomaram. Acreditamos, com base nos pressupostos teóricos estabelecidos por Stark, referentes ao sucesso dos grupos religiosos, que Franca continuara como um modelo institucional a servir de paradigma para o Movimento Espírita paulista.

5.2 - Extrapolando os dados da amostra

Nosso propósito ao eleger Franca para nossa pesquisa de campo, foi obter uma amostra de grande porte em termos de contingente e verificarmos os fatores que contribuíram para este sucesso, para expandir a análise para o contexto global.

Acreditamos ter escolhido uma excelente amostra, conforme esperamos ter demonstrado ao longo deste capítulo.

Com base nos dados aqui mostrados sobre a cidade de Franca, que é um significativo exemplo de sucesso em termos de contingente, faremos um exercício de projeção para o contexto do Estado de São Paulo, tentando obter qual seria o contingente espírita global com base no que ocorre em Franca.

Em Franca temos 20.268 espíritas para 56 centros espíritas, segundo o cadastro central da USE-SP, quantidade que usaremos por termos a certeza de que os centros já existiam no censo de 2000. O que nos dá uma média de 362 pessoas por centro espírita. A USE tem em seu cadastro 1.300 centros espíritas, portanto, se o que ocorre em Franca ocorresse em todo o Estado, teríamos: 1.300 (centros) x 362 (adeptos por centro) = 470.600 espíritas. Portanto a previsão do contingente fica em 60% abaixo do que foi apontado pelo IBGE, que apurou que no Estado de São Paulo existem 779.325 espíritas.

Sabemos que existem espíritas que não freqüentam Centros Espíritas, mas as proporções nos sugerem que os dados do IBGE conseguem captar, estatisticamente, a proporção dos contingentes, e, portanto, deveriam ser levados em consideração pelas federativas para reconhecerem a sua posição na sociedade, em termos de adeptos e de distribuição de seu contingente, subsidiando o Movimento Espírita com dados e recomendações estratégicas para nortear uma melhor presença tanto geográfica quanto quantitativa no território brasileiro.

Pelo que pudemos constatar em nossas observações em Franca e pelos dados colhidos e cruzados com o Censo do IBGE/2000, a grande quantidade de espíritas em Franca está intimamente ligada a presença institucional da USE, tanto pelo bom conceito perante a sociedade oriundo de sua forte atuação beneficente, quanto pela grande quantidade de centros e sua adequada distribuição, cobrindo praticamente todo o espaço geográfico da cidade. Consideramos que o diferencial de Franca é a empolgação dos espíritas, engajados em dar continuidade às conquistas historicamente ocorridas. Sentimos que os espíritas francanos reconhecem e se orgulham de sua história de lutas para consolidar o Espiritismo em sua região. Diferentemente do que observamos nos centros espíritas da capital paulista, em Franca encontramos vários espíritas que descendem de famílias espíritas, desde o primeiro momento em que o Espiritismo chegou naquela cidade.

Evidentemente detectamos as mesmas problemáticas que encontramos no Movimento Espírita em geral, quanto à baixa mobilização para a adesão, e a ênfase no atendimento ao público. Mas percebemos, nos centros visitados, que as pessoas, pelo tamanho da cidade em comparação com a capital, são mais unidas e convivem mais. Chegam antes do horário e permanecem após os trabalhos, o que não é comum na capital.

Se tivéssemos que responder qual o principal fator do sucesso do contingente espírita em termos de quantidade em Franca, responderíamos que é a grande quantidade de centros e as relações entre si e com a sociedade. É um resultado da marcante atuação da USE no sentido de dinamizar e manter o Movimento Espírita unido e conhecedor de suas origens.

Como nossas análises se basearam totalmente em dados oficiais do censo demográfico do ano 2000, aguardamos o censo demográfico de 2010, para verificar o que ocorreu na primeira década do século XXI, em Franca e no contexto geral.

Conclusão

Acreditamos que atingimos satisfatoriamente o objetivo de nossa pesquisa, que foi identificar os fatores institucionais, com foco nas federativas espíritas, que impactam no crescimento do contingente espírita. O percurso que seguimos ao longo dos capítulos tornou possível rastrear os elementos que historicamente surgiram na institucionalização do Espiritismo como uma religião, desde sua origem francesa, e os elementos que afetam o seu crescimento em termos de adesão formal.

O Capítulo I nos permitiu identificar que ocorreram posicionamentos na institucionalização do Espiritismo na França que impactaram o crescimento em termos de adeptos. Naquele contexto de meados do século XIX, a dicotomia ciência-religião gerou uma ambigüidade que contribuiu para a penetração e sobrevivência do Espiritismo. Negava-se que o Espiritismo era uma religião e enfatizava-se que era uma nova ciência, porém, a todo momento, observamos, na obra de Kardec, uma postura que confirma que o Espiritismo era uma religião. Ali, Kardec estabeleceu uma continuidade cultural com o cristianismo e com a postura positivista permitindo o crescimento do Espiritismo que logo chegou ao Brasil.

No Capítulo II rastreamos a adaptação e institucionalização do Espiritismo no Brasil. Pudemos, com base nas ambigüidades detectadas no Capítulo I e no contexto que o Espiritismo encontrou ao chegar no Brasil, na transição Império-República, apontar elementos que constituíram o Espiritismo com ênfase no aspecto religioso, sem, porém, resolver a ambigüidade gerada no ambiente francês na relação entre ciência e religião. As ambigüidades que surgiram a partir do posicionamento oficial como religião e com a fala de que era também ciência, cederam lugar a uma ação social focada na prestação de serviços ao público. Isto, juntamente com a ação da FEB para aproximar o Espiritismo do Catolicismo e distanciá-lo da Umbanda e cultos afro, contribuíram, em um primeiro estágio, para a consolidação do Espiritismo no Brasil, atingindo a faixa de 1,59% da população e aí estacionando. Devido às ambigüidades nos posicionamentos federativos, que não se mobilizam para a conversão de freqüentadores em adeptos, as federativas passaram a impactar negativamente o crescimento do contingente espírita. As federativas, em especial a FEB, têm a falsa impressão de que o contingente espírita é muito maior, por rejeitarem os dados oficiais do IBGE, os quais demonstram que o contingente espírita

formal está concentrado na Região Sudeste do Brasil, em especial em São Paulo. Confirmamos que o contingente espírita é bastante relevante, quando comparado aos principais contingentes religiosos separadamente.

O Capítulo III permitiu descobrir que a federativa espírita oficial no Estado de São Paulo, reconhecida pela FEB, é a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) e não a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), como muitos pesquisadores acadêmicos acreditam. Também pudemos verificar que a institucionalização do Espiritismo em São Paulo teve grande impacto na elaboração da identidade dos espíritas, pois contribuiu para estabelecer a obra de Kardec como base doutrinária. As lutas para a unificação dos espíritas paulistas em torno de uma federativa, tiveram grande impacto na unificação dos espíritas no Brasil, pois, induziram o nascimento do Conselho Federativo Nacional (CFN) na FEB, em torno do qual se unem todas as federativas estaduais. Portanto, as lutas pela unificação dos espíritas criaram elementos que contribuíram para o crescimento do contingente espírita ao estabelecer uma diferenciação do que é o Espiritismo, o que atestamos pela consolidação do termo Kardecismo, a contragosto dos espíritas.

O Capítulo IV, onde analisamos mais detalhadamente a concentração do contingente espírita, que se dá no Estado de São Paulo, permitiu identificar os fatores que contribuem para o crescimento do contingente. Um deles foi a história da unificação dos espíritas em SP, detalhada no Capítulo III, que deu identidade e dinamizou o Movimento Espírita paulista, em especial no Norte do Estado. As análises dos dados dos censos do IBGE permitiram identificar as cidades com maior percentual de espíritas, o que usamos para rastrear os elementos que contribuíram para o maior sucesso em termos de contingente nestas localidades. Elegemos a cidade de Franca como amostragem para nossa pesquisa de campo, por ter se destacado dentre as localidades com maior percentual de espíritas, tanto quanto as cidades de seu entorno.

No Capítulo V, onde tratamos de nossa pesquisa de campo na cidade de Franca, verificamos que, além da forte presença do Espiritismo em termos de exposição na mídia e na sociedade, é necessária a ocupação geográfica em proporções adequadas para competir com outras ofertas religiosas. O que comprovamos, ao comparar Franca com outras cidades, que, contrariando as expectativas das federativas, dada a sua história e presença nessas cidades de importantes instituições de amparo social, não têm sucesso em termos

de adesão formal ao contingente espírita. Isso aconteceu porque não houve nestas cidades uma adequada proporção e ocupação do espaço geográfico em relação às ofertas religiosas concorrentes.

Portanto, a institucionalização do Espiritismo no Brasil conseguiu criar inicialmente uma continuidade cultural focada no pluralismo religioso brasileiro, o que contribuiu positivamente para o estabelecimento do Espiritismo como uma nova religião. Porém, passados os estágios de estabelecimento, as federativas não conseguiram atualizar seus posicionamentos para um novo contexto, onde a diferenciação é necessária, juntamente com a disposição de transformar frequência em adesão, para que o contingente possa crescer.

Como uma dificuldade da nossa pesquisa, constatamos que os dados levantados sempre serão passíveis de questionamentos. Nem mesmo as grandes empresas conseguem manter atualizados os seus cadastros de clientes. O mesmo se aplica, com maior dificuldade, para as federativas espíritas no tocante ao cadastro de instituições a elas unidas. As pesquisas de opinião, tanto como as do IBGE, trabalham com estatísticas que podem gerar questionamentos sobre os métodos e seus resultados, bem como sobre quem solicitou e quem analisou os dados e produziu os resultados, como constatamos em época de eleição. Nossa posição é de que qualquer dado é melhor que nenhum dado, desde que possa ser confirmado por fatores que indicam sua exatidão, ou seja contra-posto a dados de outras fontes para verificar o grau de precisão⁶⁸. Partimos dos dados oficiais do Censo IBGE/2000, que são os melhores de que dispomos sobre população e contingentes religiosos. No caso do Espiritismo, não há dados censitários produzidos pelas instituições que o representam. Validamos as informações sobre os contingentes comparando os diferentes contingentes e validando as proporções. Para tanto, usamos cadastros que informam a quantidade física de instituições no espaço geográfico do Estado de São Paulo. Estes cadastros não são atualizados de forma regular, como os censos demográficos que ocorrem de dez em dez anos. Porém, acreditamos que conseguimos aplicar filtros e critérios que, no mínimo, garantiram que as proporções estavam corretas. Neste sentido, sempre que aprofundávamos a análise em uma determinada localidade, investíamos em investigações mais detalhadas, cruzando dados de população com presença física de

⁶⁸ Infelizmente não conseguimos obter dados do CNPJ para confrontar com os endereços de Igrejas e Centros Espíritas. Nossos contatos com a Receita Federal e o IBGE foram infrutíferos, o que nos leva a registrar que há muito que ser feito em termos disponibilização de bases de dados para pesquisas acadêmicas.

Igrejas, dos diversos segmentos evangélicos e Centros Espíritas. Geralmente a proporção de Igrejas evangélicas confirmou a proporção dos contingentes evangélicos. Certamente distorções podem ter ocorrido devido à defasagem das atualizações dos diferentes cadastros. Por isso, buscamos compensar possíveis distorções fazendo análises de proporção e não consideramos que as quantidades comparadas fossem as mais atuais. Finalmente, aplicávamos a teoria para obter explicações sempre que as tendências não se confirmavam.

Não foi nossa intenção fazer juízo de valor quanto aos comportamentos dos diferentes contingentes na forma de captação de adeptos. Nosso foco foi mostrar a diferença de comportamentos e objetivos, com os respectivos impactos em termos de contingente. Da mesma forma, não buscamos determinar o grau de pureza doutrinária implementado pelas federativas, pois, tanto a história quanto a sociologia já demonstraram que não há religião pura, sem sincretismos. Não obstante, abordamos a questão das pressões sobre o aparato institucional das federativas no sentido de flexibilizar a “ortodoxia” espírita, e nos preocupamos, nestes momentos, em sinalizar quando o sincretismo deixa de ser elemento de adaptação e passa a ser elemento de perda de identidade.

Enfatizamos que nosso foco foi nas federativas, ou seja, onde estão as lideranças e onde surgem os direcionamentos e posicionamentos da ação espírita que se dá, em determinado momento, no Centro Espírita, espaço central de nossa pesquisa no que tange o contato com os frequentadores e adeptos. Abordamos as federações e sua relação com o Centro Espírita, que termina por atingir o público frequentador, mas, buscamos permanecer no nível institucional das relações, o que acreditamos ser o diferencial de nossa pesquisa em relação a outras que trilharam o caminho inverso, vindo da relação do público com o Centro Espírita ou com o Espiritismo, raramente ou indiretamente tocando nos aspectos institucionais.

Acreditamos, com base nos pressupostos teóricos, que chegou uma nova fase para o Espiritismo, que requer posicionamentos institucionais diante do contexto de ofertas religiosas atuais, no qual o Espiritismo passou a ser um fornecedor de adeptos pela sua postura extremamente liberal e ambígua deixando de se definir como religião que deseja

crescer em número de adeptos e privilegiando a atitude de exposição. Há necessidade de se estabelecer o diferencial do Espiritismo no atual contexto e quais seriam as suas qualidades, levando em conta as demandas atuais e reformulando as suas falas no sentido de eliminar as ambigüidades nelas contidas.

Uma possível atualização do Espiritismo deveria considerar muito mais a readequação das falas de Kardec para o contexto atual, do que a inserção de novas práticas ou de pesquisas científicas no meio espírita. É hora de assumir, de fato e de direito, que o Espiritismo é uma religião e buscar o consenso em torno dessa posição. Isto contribuiria para eliminar as ambigüidades apontadas e, conseqüentemente, melhorar a atuação dos espíritas, favorecendo ou promovendo o crescimento do seu contingente formal.

As hipóteses preliminares, apontadas na introdução, ficaram comprovadas. As ações das federativas causam impacto negativo no que tange a adesão formal ao Espiritismo, isto é não contribuem para uma adesão formal ao Espiritismo pelos freqüentadores dos centros espíritas, pelas ambigüidades em seus posicionamentos rastreadas e resumidas ao longo dessa pesquisa. Existem expectativas superestimadas, por parte das federativas com relação ao seu contingente com base no senso comum. Entretanto, pudemos comprovar que partindo dos dados oficiais do Censo IBGE/2000 e analisando-os detalhadamente, constatamos que o contingente espírita, quando comparado a outras denominações religiosas importantes, ocupa uma posição significativa no que tange o contingente formal de adeptos. Também pudemos verificar que a forte presença física de centros espíritas no Estado de São Paulo justifica a concentração do contingente neste Estado, o que demonstramos ao analisar especificamente o caso de Franca, expandindo as análises para outras cidades de SP, onde explicamos as diferenças percentuais de contingente relacionando-as com a quantidade de instituições e proporção em relação com outras ofertas nas mesmas localidades, comprovando que a quantidade de centros e sua distribuição e proporção frente a outras ofertas religiosas é um dos fatores que contribuem para o crescimento do contingente.

Finalmente concluímos que as federativas espíritas, pelas ambigüidades em seus posicionamentos, por não aceitar e analisar os dados oficiais do IBGE sobre contingentes religiosos, e por não produzir censos internos sobre o seu contingente para subsidiar o

Movimento Espírita com informações estratégicas sobre sua posição e distribuição geográfica frente a outras ofertas religiosas, impacta negativamente o crescimento do contingente espírita formal. Entretanto, a Tabela 25 (p. 144) demonstra que várias ações da federativa USE resultaram em impacto positivo no crescimento do Espiritismo no Brasil.

Dados os limites de nossa pesquisa, ficam abertas possibilidades para novas pesquisas, pois, não tratamos da relação dos frequentadores com os centros espíritas, para determinar tanto o impacto do Espiritismo na vida dessas pessoas, quanto aspectos da “adesão” não formal ao contingente, ou seja, aquela que não é captada pelo censo demográfico como principal ou única opção religiosa.

Há um aspecto inexplorado, com o qual nos deparamos ao longo de nossa pesquisa, a atuação dos espíritas e seu impacto em momentos significativos da história do Brasil. Em contato com líderes espíritas ouvimos relatos sobre a atuação dos espíritas em importantes eventos durante a ditadura militar, os quais não foram registrados. Também nos deparamos com uma profunda relação dos espíritas com as estruturas de poder, tanto políticos quanto militares. Portanto, existem ainda muitos aspectos importantes do Espiritismo (Kardecista), que ainda não foram objeto de estudos acadêmicos, e que poderiam ampliar nossos conhecimentos sobre esta religião.

Na melhor das intenções e baseados nos pressupostos das Ciências da Religião, de não só analisar como também contribuir para um melhor entendimento das religiões e suas relações, esperamos ter produzido algo que positivamente sirva como subsídio para o meio acadêmico entender aspectos institucionais do Espiritismo de vertente Kardecista, e para as federativas espíritas refletirem sobre a ação institucional no que se refere ao crescimento do contingente espírita, com base nos dados e pressupostos teóricos apresentados.

Ao chegar ao final da pesquisa, declaro-me satisfeito por ter alcançado maior entendimento sobre o Espiritismo em seus aspectos institucionais. Como espírita engajado nas lideranças⁶⁹, eu possuía um conhecimento restrito. Lançar um olhar sobre o Espiritismo como objeto de estudo acadêmico, enquanto uma oferta entre as várias opções de religião na riqueza do contexto brasileiro, foi uma experiência única que enriqueceu meus conhecimentos do Espiritismo, e em especial, das outras ofertas religiosas e do nosso

⁶⁹ Um *insider* no âmbito das Ciências da Religião.

contexto histórico, que influenciaram na institucionalização do Espiritismo e sua consolidação como uma importante religião no Brasil, país com o maior contingente espírita do mundo, fator este que contribui como um diferencial na identidade do nosso povo.

Considero que a riqueza dos conhecimentos obtidos se deve ao fato de ter optado pelas Ciências da Religião, um campo disciplinar plural que ofereceu aporte teórico e métodos adequados para conduzir a pesquisa.

Referências bibliográficas

Fontes primárias:

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Orientação ao Centro Espírita**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

KARDEC, Allan. **A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo**. São Paulo: LAKE, 1979.

_____. **O Céu e o Inferno: ou a justiça divina segundo o Espiritismo**. 34. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987-a.

_____. **O Evangelho segundo o espiritismo**. 98. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1988.

_____. **O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita**. 67. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987-b.

_____. **O Livro dos Médiuns: ou guia dos médiuns e dos evocadores**. 60. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1993.

_____. **O que é o Espiritismo**. 33. ed. Araras, SP: IDE, 1995.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos – Ano primeiro - 1858**. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005-a.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos – Ano segundo - 1859**. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005-b.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos – Ano terceiro - 1860**. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005-c.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos – Ano quarto - 1861**. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006-a.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos – Ano quinto - 1862**. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006-b.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos – Ano sexto - 1863**. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006-c.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos – Ano sétimo - 1864**. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004-a.

_____. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos – Ano oitavo - 1865. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004-b.

_____. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos – Ano nono - 1866. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005-d.

_____. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos – Ano décimo - 1867. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006-d.

_____. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos – Ano décimo primeiro - 1868. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006-e.

_____. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos – Ano décimo segundo - 1869. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005-e.

_____. **Viagem espírita 1862 Espírita**. 2. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 1990.

LEX, Ary. **60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo**: Nossa Vivência. São Paulo: Edições FEESP, 1996.

_____. **Pureza doutrinária**. 5. ed. São Paulo: Edições FEESP, 2001.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho; D'OLIVO, Natalino. **USE-50 anos de unificação**. São Paulo: Edições USE, 1997.

MORATO, Agnelo. **Subsídios para a história do espiritismo em Franca**, Franca: Gráfica Nova Era, 1986.

Fontes primárias na Internet:

AEE. **Sítio oficial da Aliança Espírita Evangélica**. Disponível em: <http://www.alianca.org.br>, acesso em 18 mai. 2007.

FEB. **Sítio oficial da Federação Espírita Brasileira**. Disponível em: <http://www.febnet.org.br>, acesso em 01 jun. 2009.

FEESP. **Sítio oficial da Federação Espírita do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.feesp.org.br>, acesso em 15 nov. 2008.

IBGE. **Sítio oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <HTTP://www.ibge.gov.br>, acesso em 20 ago. 2007.

USE. **Sítio oficial da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.use-sp.com.br>, acesso em 01 jun. 2009.

Fontes secundárias:

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **La table, le livre et les sprits**: Naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil. Paris: J. C. Lattès, 1990.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**: religiosidade e mudança social. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: KOINONIA, 2003.

BOFF, Leonardo. **Igreja**: Carisma e poder. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**: advento e expansão do Espiritismo no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DROOGERS, André. A religiosidade mínima brasileira. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER/CER, n. 14/2, 1987.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 1997.

GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

IANNACCONE, Laurence R. Why Strict Churches Are Strong, in: **American Journal of Sociology**, Vol. 99, No. 5, 1994.

KLOPPENBURG, Boaventura – **Espiritismo**: orientação para os Católicos. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MACHADO, Ubiratan Paulo. **Os Intelectuais e o espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. 2. ed. Niterói: Publicações Lachâtre, 1997.

MENDONÇA JR., Adolfo de. Espiritismo em Franca-SP: Ensaio Biográfico (1901-1986), In: **II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades - Tolerância e intolerância nas manifestações religiosas**. v. 1. Franca-SP: UNESP, 2008. p. 23.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho; LEFRAISE, Armand. **Maçonaria e espiritismo: encontros e desencontros: as relações de Allan Kardec e Leon Denis com a maçonaria**. São Paulo: Madras, 2007.

NOGUEIRA, Pablo. A nova era do Espiritismo, **Revista Galileu**, São Paulo, Ed. 209, dez. 2008.

PASSOS, João Décio. **Como a religião se organiza: tipos e processos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

ROUSTAING, Jean Baptiste. **Os quatro evangelhos: revelação da revelação**. 9. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. Why Religious Movements Succeed or Fail: A Revised General Model, in: **Journal of Contemporary Religion**, Vol. 11, No. 2, 1996.

STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. **A theory of religion**. New Jersey: Rutgers University Press, 1996.

_____. **The future of religion: secularization, revival, and Cult formation**. California: University of California Press, 1984.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: EDUSP/Editora Orion, 2003.

VASCONCELOS, João. Espíritos clandestinos: espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1850 e 1920, In: **Religião e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 92-126, 2003.

VILHENA, Maria Angela. **Espiritismos: limiares entre a vida e a morte**. São Paulo: Paulinas, 2008.

Fontes secundárias na Internet:

CARELLI, Gabriela. Os vivos e a as outras vidas, **Revista Veja**, São Paulo, ed. 1904, mai. 2005. Disponível em: http://veja.abril.com.br/110505/p_112.html, acesso em 03 set. 2007.

CEPA. **Confederação Espírita Panamericana**. Disponível em: <http://www.cepanet.org> , acesso em 10 jun. 2008.

CLARIM. **Casa Editora O Clarim**. Disponível em: <http://www.oclarim.com.br> , acesso em 09 mai. 2009.

FEAL. **Casas André Luiz**. Disponível em: <http://www.andreluiz.org.br>, acesso em 09 mai. 2007.

_____. **Rádio Boa Nova**. Disponível em: <http://www.radioboanova.com.br>, acesso em 09 mai. 2007.

IDE. **Instituto de Difusão Espírita**. Disponível em: <http://www.idelivraria.com.br> , acesso em 09 mai. 2009.

Ministério de Apoio com Informação. **Registro Nacional de Igrejas Evangélicas**. Disponível em: http://www.mai.org.br/tabelas/registroigrejas/registro_list.php, acesso em 08/05/2009.

Portal do Espírito. Disponível em: <http://www.espirito.org.br> , acesso em 25 mai. 2009.

USARSKI, Frank. O dharma verde-amarelo mal-sucedido - um esboço da acanhada situação do Budismo, In: **Estudos avançados**, 18 (52) : 303. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cre/index.php?p=8>, acesso em 13 mar. 2007.

VARELLA, Flávia. À nossa moda, **Revista Veja**, São Paulo, ed. 1659, jul. 2000. Disponível em: http://veja.abril.com.br/260700/p_078.html , acesso em 03 set. 2007.

ANEXOS

ANEXO I - Municípios Paulistas sem contingente espírita, segundo o IBGE/2000
(lista ordenada por Faixa, Município)

Faixa	Município	Total de habitantes
De 20.001 a 100.000 habitantes	Cunha	23.090

total = 1 município em 179 (0,6% dos municípios da faixa)

Faixa	Município	Total de habitantes
De 5.001 a 20.000 habitantes	Barra do Turvo	8.108
	Coronel Macedo	5.589
	Guareí	10.197
	Guatapará	6.371
	Ibirarema	5.701
	Maracaí	13.004
	Nova Campina	7.295
	Riversul	7.192
	Santa Gertrudes	15.906
	São Pedro do Turvo	6.888
	Taciba	5.221
	Taguaí	7.468
	Tuiuti	5.083

total = 13 municípios em 231 (5,6% dos municípios da faixa)

Faixa	Município	Total de habitantes
até 5.000 habitantes	Alambari	3.650
	Alfredo Marcondes	3.697
	Alvinlândia	2.837
	Anhumas	3.411
	Arco0Íris	2.163
	Areias	3.600
	Balbinos	1.313
	Borá	795
	Boracéia	3.739
	Brejo Alegre	2.308
	Caiabu	4.077
	Caiuá	4.192
	Campos Novos Paulista	4.181
	Canas	3.614
	Cândido Rodrigues	2.613
	Cruzália	2.610
	Emilianópolis	2.893
	Espírito Santo do Turvo	3.677
	Estrela do Norte	2.625
	Florínia	3.127

Iaras	3.054
Inúbia Paulista	3.318
Iporanga	4.562
João Ramalho	3.842
Jumirim	2.196
Lagoinha	4.957
Lucianópolis	2.154
Marapoama	2.238
Mariópolis	3.854
Mira Estrela	2.596
Nantes	2.269
Narandiba	3.743
Nova Castilho	1.042
Nova Guataporanga	2.087
Nova Independência	2.063
Ocaçu	4.164
Paulistânia	1.891
Pedranópolis	2.734
Pedrinhas Paulista	2.861
Piacatu	4.625
Pontalinda	3.539
Quadra	2.651
Queiroz	2.171
Ribeirão do Sul	4.497
Ribeirão dos Índios	2.222
Salmourão	4.401
Sandovalina	3.089
Santa Cruz da Esperança	1.796
Santa Maria da Serra	4.673
Santa Salete	1.379
Santo Expedito	2.526
Santópolis do Aguapeí	3.816
São João do Pau d'Alho	2.180
Sarutaiá	3.739
Suzanópolis	2.790
Taquaral	2.722
Torre de Pedra	2.144
Trabiju	1.380
Ubarana	4.220
União Paulista	1.354
Vitória Brasil	1.675
Zacarias	1.947

total = 62 municípios em 179 (34,6% dos municípios da faixa)

ANEXO II – Modelo de estatuto federativo

MODELO DE ESTATUTO DE UM CENTRO ESPÍRITA

De acordo com o novo código civil e a lei nº 10.825/2003.

ESTATUTO

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, FINS E SEDE

Art. 1º O Centro Espírita _____, fundado em _____, neste Estatuto designado “Centro”, é **uma organização religiosa, com duração indeterminada e sede na cidade de _____, no endereço _____**, e que tem por objeto e fins:

I – o estudo, a prática e a difusão do Espiritismo em todos os seus aspectos, com base nas obras de Allan Kardec, que constituem a Codificação Espírita;

II – a prática da caridade espiritual, moral e material por todos os meios ao seu alcance, dentro dos princípios da Doutrina Espírita, **desenvolvendo, para tanto, atividades nas áreas assistencial, cultural, beneficente e filantrópica;**

III – a união solidária das sociedades espíritas e a unificação do movimento espírita.

Parágrafo único – Os objetivos e finalidades do Centro fundamentam-se na Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec e nas obras que, seguindo seus princípios e diretrizes, lhe são complementares e subsidiárias.

Art. 2º O Centro é de duração indeterminada.

Art. 3º Para a consecução dos objetivos e fins a que se propõe, o Centro adota os seguintes princípios e diretrizes:

I - não há, entre os beneficiários de seus serviços, qualquer discriminação de raça, sexo, cor e religião;

II – todos os cargos de direção são exercidos gratuitamente e os associados não fazem jus, nessa condição, a remuneração de qualquer natureza;

III – não há distribuição de lucros, dividendos, "pro labore" ou remuneração de qualquer natureza aos associados ou colaboradores da instituição;

IV – todas as receitas e despesas são escrituradas regularmente, em livros devidamente registrados e revestidos das formalidades legais;

V – na manutenção das finalidades e dos objetivos do Centro, todos os recursos são aplicados no território nacional.

Art. 4º O Centro manterá departamentos, na forma que dispuser o Regimento Interno.

Art. 5º O Centro reger-se-á pelo presente Estatuto, pelo Regimento Interno aprovado pela Diretoria e demais normas aplicáveis.

(grifo nosso)

(fonte:- site da Federação Espírita Brasileira (FEB) – <http://www.febnet.org.br/movimento/content...372.html>
- acesso em 01/06/2009)

ANEXO III – Questionário de pesquisa usado em FRANCA-SP

Nome da Instituição: _____

Data da fundação: ____/____/____

Marque com um (X) as atividades oferecidas:

- Passe
 Fluidoterapia
 Palestras públicas
 Reunião de estudos das obras de Allan Kardec
 Reunião mediúnica
 Atendimento fraterno
 ESDE
 COEM
 Consulta mediúnica
 Desobsessão
 Cura espiritual
 Psicografia
 Venda de livros
 Biblioteca
 Mocidade espírita
 Assistência social – qual? _____
 Reunião de estudos de outras obras – cite alguma: _____

 Outras, cite: _____

Quantos lugares estão disponíveis no salão principal? _____

Qual é a quantidade média de pessoas que freqüentam as reuniões públicas? _____

Qual é a quantidade média de pessoas nos grupos de estudo? _____

Qual é a principal missão desta instituição? _____

Qual é a principal atividade desta instituição? _____

Esta instituição é unida? _____ Qual órgão de unificação? _____

Quantos colaboradores trabalham nesta instituição, nas atividades doutrinárias? _____

Quantas pessoas são atendidas, em média, por semana nesta instituição? _____

Escreva abaixo outras informações que considere relevantes:

Cite o nome de pessoas consideradas exemplo de bons espíritas: _____

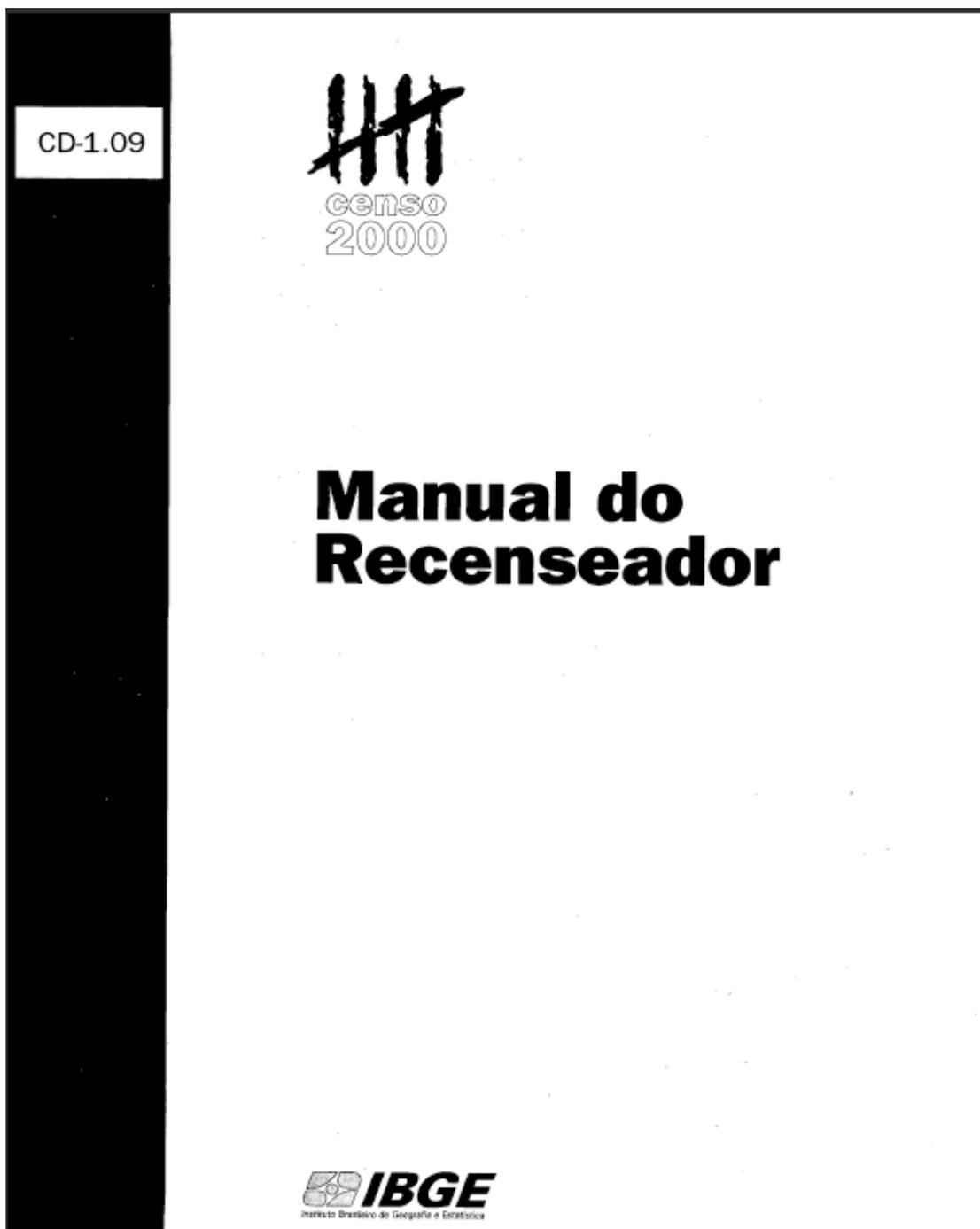
Você acredita que o Movimento Espírita de Franca é importante para a sociedade e para o Espiritismo?

_____ Justifique, usando o verso se necessário: _____

Por favor informe seu nome e cargo nesta instituição: _____

Assinatura e/ou carimbo da instituição: _____ data: ____/____/____

ANEXO IV – MANUAL DO RECENSEADOR DO IBGE/2000



(fonte:- http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc0187.pdf - acesso em jun/2009)



Quesito 4.08 - A sua cor ou raça é:

Leia as opções de cor ou raça para a pessoa e considere aquela que for a declarada. Caso a declaração não corresponda a uma das alternativas enunciadas no quesito, esclareça as opções para que a pessoa se classifique na que julgar mais adequada.

Assinale a quadrícula, conforme o caso:

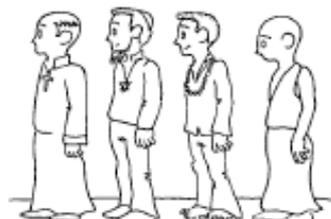
4.08 - A SUA COR OU RAÇA É:	<input type="checkbox"/> 1 - BRANCA	<input type="checkbox"/> 2 - PRETA	<input type="checkbox"/> 3 - AMARELA	<input type="checkbox"/> 4 - PARDAS	<input type="checkbox"/> 5 - INDÍGENA
--------------------------------	-------------------------------------	------------------------------------	--------------------------------------	-------------------------------------	---------------------------------------

- 1 - **Branca** para a pessoa que se enquadrar como branca;
- 2 - **Preta** para a pessoa que se enquadrar como preta;
- 3 - **Amarela** para a pessoa que se enquadrar como amarela (de origem japonesa, chinesa, coreana, etc.). Esclareça à pessoa, quando necessário, que a classificação amarela não se refere à pessoa que tenha a pele amarelada por sofrer de moléstia como empaludismo, malária, amarelão, etc.; e
- 4 - **Parda** para a pessoa que se enquadrar como parda ou se declarar mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça;
- 5 - **Indígena** para a pessoa que se enquadrar como indígena ou se declarar índia. Esta classificação aplica-se tanto aos indígenas que vivem em aldeamento como aos que vivem fora de aldeamento.

Religião ou Culto

Finalidade:

- conhecer quais as religiões ou cultos declarados pela população e o número de seus adeptos.



Quesito 4.09 - Qual é a sua religião ou culto ?

O registro deve identificar a seita, culto ou ramo da religião professada, como, por exemplo: Católica Apostólica Romana, Católica Ortodoxa, Católica Brasileira, Anglicana, Episcopal, Luterana, Batista, Assembléia de Deus,

Igreja Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Adventista, Kardecista, Xintoísta, Testemunha de Jeová, Candomblé, Umbanda, Budista, Israelita, Maometana (ou Islâmica), Esotérica, etc.

**4.09 - QUAL É A SUA
RELIGIÃO OU CULTO?**

Não registre expressões genéricas como Católica, Protestante, Espirita, Crente, Evangélica, etc.

Para a pessoa que não professa qualquer religião, registre SEM RELIGIÃO.

Em caso de dúvida na definição da religião dos menores de idade, registre a religião da mãe.

Indague ao entrevistado sobre a religião de cada pessoa do domicílio.

Não faça deduções a partir da declaração da pessoa que estiver prestando as informações. Procure saber a religião de cada morador do domicílio.



Deficiência Física ou Mental

Finalidade:

- conhecer o número de pessoas que se avaliam como portadoras das principais deficiências, assim como o grau e o tipo de sua deficiência, para o adequado planejamento de medidas que beneficiem esta parcela da população.

Leia as opções de resposta para o entrevistado e assinale a quadrícula correspondente à declaração deste, sem nenhuma interpretação pessoal.



Deficiência mental

A deficiência mental é definida pelo retardamento mental resultante de lesão ou síndrome irreversível, que se caracteriza por dificuldades ou limitações intelectuais associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: comunicação, cuidado pessoal, autodeterminação, cuidados com saúde e segurança, aprendizagem, lazer, trabalho, etc.

ANEXO V – FOLDER DO CONGRESSO PELOS 150 ANOS DE ESPIRITISMO

(fonte: <http://www.use-sp.com.br/congressos.htm> - acesso em jun/2009)